



Mãe, modelos múltiplos

Mãe e mulher não são sinônimos

Alfredo Jerusalinsky

Lucia Helena Rangel

Elo e sentido na maternidade indígena

Valdelice Verón

A força da mulher Kaiowá

E mais:

>> **Josué Pereira da Silva**

Brasil tem condições de instituir
programa de Renda Básica de cidadania

>> **David Pearce**

Criação animal intensiva.
Um outro
Holocausto?

Mãe, modelos múltiplos

A figura da mãe eternizada como fonte de carinho e exemplo máximo de bondade aos filhos já não é mais um consenso. Novas versões femininas fazem com que a família se transforme e compreenda o papel materno de outra forma e/ou de múltiplas formas.

Nesse embate sobre o atual papel de mãe e mulher, a **IHU On-Line** aproveita o dia dedicado a elas e convida especialistas para um debate sobre a importante figura que influencia tanto na vida dos seres humanos.

O psicólogo e doutor em Filosofia **Mário Fleig** repensa as novas características da família. Analisando a falta do homem e a supremacia da mulher, ele afirma que “a família moderna, desfalcada do pai, propicia condições favoráveis para a estagnação da maturação subjetiva e para eclosão da psicose”. Do outro lado, a psicóloga e doutora em Psicologia **Luciana Grzybowski** polemiza ao questionar a ideia de que a mãe é a melhor cuidadora das crianças. Na visão contemporânea, a mãe parece mais uma parceira dos filhos do que a figura clássica de uma serviçal que está completamente à disposição da família, afirma o doutor em Educação **Alfredo Jerusalinsky**. Ele diz que “se, por um lado, isto aumentou significativamente seu grau de liberdade, ao mesmo tempo, a deixou fortemente implicada nas consequências que suas decisões terão sobre seu destino.”

A psicóloga **Iara Camaratta Anton** analisa as mudanças e os conflitos enfrentados pelas mulheres devido às oportunidades e experiências no campo afetivo, enquanto a historiadora **Tania Navarro-Swain** fala sobre a compulsão à maternidade e o psiquiatra **Celso Gutfreind** defende que a preparação para o ser mãe ocorre no começo da própria infância, quando se fortalecem os laços entre mãe e filha na relação. A psicanalista **Viviane Fernandes Silveira** questiona a comum prática da cesariana.

Sob o olhar antropológico, a pesquisadora e professora da PUCSP, **Lucia Helena Rangel**, discorre sobre o sentido da maternidade nas comunidades indígenas e o papel da mulher no centro da vida social e afirma “a mãe cumpre um papel-chave na formação dos vínculos sociais e de pertencimento a família e a um povo”.

O antropólogo **Levi Marques Pereira** também analisa as mulheres indígenas e enfatiza que a figura materna é fundamental na estrutura do povo Kaiowá. “Os homens compreendem que a figura materna é essencial para sua sociedade. Tal figura se inspira no comportamento dos deuses, que nos patamares celestes vivem com suas mulheres e filhos”.

Junto às entrevistas, publicamos depoimentos de algumas mulheres que se dividem nas diversas funções de ser mãe e profissional. Elas contam suas experiências de vida e falam do sentimento desenvolvido a partir da maternidade.

Ainda nesta edição, o filósofo e pesquisador inglês, **David Pearce**, questiona o consumo de carne e defende que a alimentação carnívora não é ética.

O sociólogo e professor da Unicamp, **Josué Pereira da Silva**, frisa a importância de instituir no país um programa de Renda Básica de Cidadania para garantir a igualdade e a seguridade social à população.

“Sol, fonte renovável de energia, de vida, de espiritualidade” é o tema da instigante entrevista com **Enrico Turrini**, engenheiro italiano, doutor em eletrotécnica e ex- presidente da associação internacional Associação Europeia para as Energias Renováveis - Eurosolar.

O Plano Nacional de Banda Larga é o tema do artigo de **João Martins Ladeira**, pós-doutorando no PPGCC da Unisinos e **Lucas de Abreu Dias**, estudante de Comunicação Social, publicidade e propaganda na Unisinos.

A todas e todos uma boa leitura e excelente semana.

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Anelise Zanoni MTB 9816 (aneliseza@unisinos.br), Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mario Fleig: O desaparecimento da família tradicional

PÁGINA 09 | Alfredo Jerusalinsky: Mãe e mulher não são sinônimos

PÁGINA 11 | Iara Camaratta Anton: A mulher hoje e o dilema das escolhas

PÁGINA 15 | Lucia Helena Rangel: Elo e sentido na maternidade indígena

PÁGINA 18 | Depoimentos

PÁGINA 27 | Celso Gutfreind: Reviver a infância é viver a maternidade

PÁGINA 28 | Luciana Grzybowski: Mães-guardiãs, até quando?

PÁGINA 30 | Levi Marques Pereira: A importância da mulher na sociedade kaiowá

PÁGINA 32 | Tânia Navarro Swain: A busca do feminino sem a maternidade

PÁGINA 34 | Viviane Fernandes Silveira: A necessidade de repensar a cesariana

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 38 | David Pearce: Criação animal intensiva. Um outro Holocausto?

» Terra Habitável

PÁGINA 43 | Enrico Turrini: Sol, fonte renovável de energia, vida, e espiritualidade

» Coluna do Cepos

PÁGINA 48 | João Martins Ladeira e Lucas de Abreu Dias: Plano Nacional de Banda Larga: complicações políticas frente a um reposicionamento do Estado

» Destaques On-Line

PÁGINA 50 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 55 | Josué Pereira da Silva: Brasil tem condições de instituir programa de Renda Básica de cidadania

» IHU Repórter

PÁGINA 58 | Adriana Amaral



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O desaparecimento da família tradicional

Na opinião do filósofo e psicólogo Mário Fleig, a família moderna, desfalcada do pai, propicia condições favoráveis para a estagnação da maturação subjetiva e para a eclosão da psicose

POR ANELISE ZANONI

Desaparecimento. Na opinião do psicólogo e doutor em Filosofia Mário Fleig, esse é o possível destino para a família tradicional extensa, organizada segundo o modelo patriarcal, com relações de parentesco estabilizadas. Para ele, a formação de catástrofes estruturais no processo de constituição do sujeito seria determinada pelo tipo de grupo familiar, sua composição, sua inserção social e o valor que aí tem seu chefe, o pai. “Ora, a família moderna, desfalcada do pai, propicia as condições favoráveis para a estagnação da maturação subjetiva e para eclosão da psicose”, explica.

Ao longo da entrevista por e-mail à IHU On-Line, o especialista explica o tornar-se mãe e suas consequências, com base em conceitos de Lacan e Freud. “Lacan, de modo mais específico, irá caracterizar o tornar-se mãe como a operação de uma função, e não apenas um papel, a função de ser o primeiro outro para o bebê”, diz. Por outro lado, “Freud já havia se dado conta que o tornar-se mãe tem a ver com a relação da jovem com sua própria mãe”.

Além da discussão teórica, Fleig levanta a polêmica sobre a concepção dos filhos sem a presença da imagem masculina, por meio das fertilizações in vitro: “pai impossível de ser conhecido, incerto e abstrato e por isso mesmo fundador da lei e da tradição e capaz de produzir uma ruptura na certa da evidência sensorial”, denomina.

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, em São Paulo, e em Psicologia pela Unisinos, Mário Fleig é mestre e doutor em Filosofia. Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em metafísica. Como psicanalista, é membro da Association Lacanienne Internationale e da Escola de Estudos Psicanalíticos. Com Jean-Pierre Lebrun organizou *O mal-estar na subjetivação* (Porto Alegre: CMC Editora, 2010) e *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC Editora, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é ser mãe hoje? Falar sobre o papel dela seria suficiente para situar a denominação que fazemos?

Mário Fleig - Podemos tomar como uma constatação aceita que as profundas mudanças que estão em curso em nossa civilização, decorrentes das diversas revoluções sociais e científicas, têm produzido efeitos importantes na família e na vida social e psíquica de cada um de nós. Como toda revolução, estes efeitos são ao mesmo tempo benéficos e problemáticos. A família tradicional extensa, organizada segundo o modelo patriarcal, com os lugares de autoridade estabelecidos, na qual as relações de parentesco, as formas de descendência, de filiação e

de laço social tinham uma configuração estabilizada, hoje se encontra em vias de desaparecimento. As novas famílias, desfeitas e recompostas, apresentam configurações inusitadas, como soluções inovadoras, nem sempre satisfatórias para seus membros. Especialmente para aquela que irá ocupar o lugar de mãe, as dificuldades atuais são de outra ordem.

Duas perspectivas

Gostaria de discutir alguns aspectos destas novas dificuldades, a partir do que o trabalho clínico tem me mostrando. Freud¹ se defrontou com as dificul-

¹ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a

hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jE>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da IHU On-Line)

dades do tornar-se mãe em seu trabalho clínico muito cedo. Ele nos relata o caso de uma jovem mãe que não conseguia amamentar seu primeiro bebê, para desespero dela e de sua família. Foi chamado pela família e, diante do impasse, resolve fazer uso do recurso psicológico que dispunha na época. Hipnotiza a paciente e lhe ordena, numa sugestão pós-hipnótica, que ao acordar ela reclamará de sua própria mãe que não está lhe dando comida.

Após terminar a sessão de hipnose, sai imediatamente sem nada a dizer aos familiares. A jovem mãe, logo em seguida se dirige à sua mãe, de modo firme, e reclama por alimento. Em seguida consegue amamentar seu bebê sem nenhum problema, para surpresa de todos. Seu marido vai, então, procurar Freud para lhe contar o sucedido, não entendendo porque sua mulher, sempre tão dócil, havia falado de modo tão firme com sua sogra. Bem, o caso fica resolvido e a continuidade dos comentários de Freud pode ser encontrada em seus escritos. O que aqui quero ressaltar é que Freud já havia se dado conta de que o tornar-se mãe tem a ver com a relação da jovem com sua própria mãe.

Além disso, em seu texto de 1895, denominado *Projeto de Psicologia*, Freud dá muita importância para a função que denomina de “ajuda alheia”, que a mãe oferece ao seu bebê em estado de desamparo. Lacan², de modo mais específico, irá caracterizar o tornar-se mãe como a operação

de uma função, e não apenas um papel, a função de ser o primeiro outro para o bebê. Ele entende “função” em seu sentido lógico-matemático, com um lugar vazio que somente pode ser operado ao ser preenchido com um valor adequado. Qual seria, então, o valor adequado para alguém poder preencher esta função e operá-la para o bebê? Precisaria ser um sujeito do sexo feminino?

A segunda pergunta surge em razão das mudanças radicais no campo da biologia, especialmente no tocante à natalidade, à fertilidade, à reprodução e à gestação. Se já temos por certo que uma mulher pode ter um filho sem a intervenção da relação sexual, e antes disso, que a natalidade está sob controle, e também que a fertilização pode ser feita *in vitro*, assim como a gestação pode se dar em outro lugar e a reprodução talvez possa ser feita por cópia do genoma, resultaria que a intervenção de um terceiro, o homem que se tornaria pai, é dispensada. Que família se constituiria a partir destas mudanças? Como seria uma família organizada apenas em torno da mãe? Uma mãe, para tornar-se mãe e operar bem sua função, precisaria apenas ter um bebê?

Retomo aqui uma observação de Freud, em *O homem Moisés e a religião monoteísta*: “Mas esta transição da mãe para o pai define uma vitória da espiritualidade sobre a sensualidade, ou seja, um progresso da civilização, pois a maternidade é demonstrada pelo testemunho dos sentidos, ao passo em que a paternidade é uma conjectura, é edificada em uma dedução e em um pressuposto”.

O progresso espiritual da humanidade teria sido determinado pelo fato de que a causa não era mais o pai da realidade, mas o representante de um outro pai situado no real, ou seja, excluído da existência e por isso mesmo fora da realidade, sem nenhuma positividade. Pai impossível de ser conhecido, incerto e abstrato e por isso mesmo fundador da lei e da tradição e capaz de produzir uma ruptura na certeza da evidência sensorial.

A indicação freudiana da passagem do domínio da mãe para a referência ao pai aparece no termo utilizado:

Annahme, que pode ser traduzido por conjectura, suposição, pressuposição ou hipótese. Ora, seguindo a leitura lacaniana de Freud, percebemos a importância da questão em torno do estatuto de paternidade e sua relação com a questão da suposição, da hipótese, ou seja, do sujeito e de sua constituição. Hoje parece que assistimos o inverso de um progresso da civilização, numa espécie de nova emergência do matriarcado.

Exemplos para refletir

Uma jovem mãe, bem sucedida profissionalmente, me procurou por causa de seu filho, que aparentava estar muito bem. No entanto, sua queixa era de que o menino se recusava obstinadamente a aceitar qualquer alimento que ela lhe oferecia, alimentando-se exclusivamente de produtos que eram anunciados na mídia, especialmente “aqueles que não tinham nada de nutritivo”. Sua preocupação, diante desta posição de recusa obstinada de alimentos supostamente nutritivos que ela lhe oferecia era a de que ele estaria sofrendo de uma preocupante desnutrição. Parecia que ela descrevia uma criança anoréxica, tendo já feito a habitual peregrinação pelos especialistas, sem nenhum resultado que a contentasse. Ao lhe perguntar a respeito da história de seu filho, relata que ele era fruto da realização de seu sonho de ter uma produção independente, dispensando assim as complicações, que julgava desnecessárias, de ter que conviver com um homem. O pai do menino era um colega de trabalho, com o qual havia “ficado” e me dizia que este “não significava nada” para ela, pois ela mesma se achava “em condições de ser tudo para seu filho”. Isso havia acontecido em outra cidade, onde trabalhara na época e logo depois pedira transferência, deixando assim para trás a relação com aquele homem. Afirmava, sem vacilação, que “podia perfeitamente ser o pai e a mãe para seu filho, visto que tinha uma vida organizada, um trabalho estável e que assim nada poderia faltar para ele.” Além do mais, se sentia muito feliz assim, sendo que a única coisa que a preocupava, e muito, era a dificuldade que seu filho tinha em aceitar os alimentos que ela lhe oferecia.

2 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da Revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan, disponível em <http://migre.me/zAMA>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir?], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada Desejo e violência, disponível para download em <http://migre.me/zAMO>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? , disponível para download em <http://migre.me/zAMO>. (Nota da IHU On-Line)

Este recorte clínico, do qual não vou expor sua continuidade, deixou muitas interrogações, especialmente sobre a posição da demanda materna e seus efeitos na organização das pulsões em seu filho, com incidência particular na oralidade. Qual a função que a recusa do alimento materno tinha para o menino? O que poderia significar o alimentar-se com aquilo que “não tinha nada de nutritivo” e a recusa pela qual oferecia um “não quero nada” para sua mãe? Esta aparente anorexia seria um modo de se defender da voraz demanda materna, colocando um limite à mesma? O que poderia significar o projeto de produção independente desta mulher, com a pretensão de efetivar a abolição do sexual em benefício da procriação e da transmissão da vida?

Estas interrogações iniciais me levaram às questões a respeito dos determinantes fundamentais da estruturação da demanda e do desejo na constituição do sujeito. O que pode acontecer quando uma mulher é tomada na suposição de que, para ter um filho, bastaria encontrar um genitor e que ela mesma poderia ocupar os lugares de “ser mãe” e de “ser pai”? Não estaríamos diante de um indício do retorno do matriarcado mítico, descrito por Freud, em detrimento do patriarcado?

Ora, o patriarcado, como propõe Freud, é uma organização simbólica oriundo do judaísmo e do cristianismo, e que implica que o pai, como instância simbólica e referente (o falo simbólico), não se encontra na realidade, mas no real. Então, por estar no real, expulso tanto do imaginário quanto do simbólico, o pai (e seus equivalentes, o patriarca, o rei e os deuses, etc.) é impossível de ser conhecido. Deus, a exceção fundadora e causa primeira, só pode existir ao simbólico e ao imaginário, como indica o mito freudiano do pai da horda primitiva que somente subsiste enquanto morto. Este, situado no real, não deixa de ter consequências coercitivas e, ao mesmo tempo, determinantes para que possa haver língua, identidade, tradição, povo, etc. Ou seja, enquanto instância fálica ele determina a vetorização de todos aqueles que estão submetidos a ele. O

“Freud já havia se dado conta de que o tornar-se mãe tem a ver com a relação da jovem com sua própria mãe”

que se passa com este pai no real em nossos dias?

Se for acertada a constatação de que estamos presenciando um retorno da sensualidade e do predomínio do testemunho dos sentidos, indicadores do que Freud denomina de matriarcado, em detrimento da espiritualidade, considerada com um progresso da civilização, então podemos apreciar o alcance da afirmação freudiana a respeito do lugar determinante de relação com o pai. A especificidade dos sintomas prevalente na cultura e dos sintomas particulares teria, então, sua chave de leitura na função do pai. Este seria o ponto central da explicação freudiana do mal-estar na cultura, ou seja, do sintoma do homem moderno. Lacan não se afasta desta direção tomada por Freud, ainda que abandone qualquer pretensão de restabelecer o vigor perdido do modelo patriarcal. Mais do que isso, ele busca extrair as consequências da queda irreparável da consistência do pai, expressa na figura do pai humilhado. A formação de catástrofes estruturais no processo de constituição do sujeito seria determinada pelo tipo de grupo familiar, sua composição, sua inserção social e o valor que aí tem seu chefe, o pai. Ora, a família moderna, desfalcada do pai, propicia as condições favoráveis para a estagnação da maturação subjetiva e para eclosão da psicose. Em seu artigo sobre a família, afirmara Lacan já em 1938: “A clínica mostra que, efetivamente, o grupo assim desfalcado é muito favorável à eclosão das psicoses, e que aí encontramos a maioria dos casos de delírio a dois”.

Ora, é nesta família desfalcada do pai, na qual se apresentam as condições para um retorno do que pode ser denominado de matriarcado, que as jovens de hoje se defrontam com os impasses

no tornar-se mãe. Tornar-se mãe sempre foi uma passagem complexa, visto que, segundo nos indica Lacan, uma mãe não sabe como transmitir isso para sua filha, assim como não sabe como transmitir o que seja a feminilidade. Além disso, nas novas configurações familiares, ou seja, na família monoparental, para quem a mãe, ao operar a função materna com seu bebê, ofereceria seu filho? Se o oferece ao seu homem, introduz para seu bebê um terceiro, que permitirá a inscrição do sexual e de uma falta simbólica que o lançará nas vias do desejo.

IHU On-Line - Quais as consequências para uma relação em família quando a mãe vive como detentora de poder e do saber?

Mário Fleig - Uma mãe, como a primeira ajuda alheia para o bebê em seu estado inicial de completo desamparo, tem que lidar com o real do corpo de seu filho. Este, por sua vez, se vê imerso em uma língua completamente estrangeira. É um encontro de dois estrangeiros. Como a mãe introduz seu bebê nesta língua que ele desconhece? Entra em jogo aquilo que se denomina de “mãe pré-especular”, nas trocas com o corpo estranho, ao pôr em funcionamento por meio de uma antecipação tanto as funções tônico-motoras quanto a circunscrição dos orifícios do corpo. Isso permitirá que o bebê se organize na precipitação de uma imagem unifica de si que apreende na imagem que o outro materno lhe remete, ou seja, ele se apreende no espelho.

Neste percurso fundador, há um momento em que se supõe que a mãe faça a suposição de que seu bebê é tudo para ela e vice-versa. Ela é tudo para seu bebê, ou seja, detém todo saber sobre ele. Contudo, quando no estágio do espelho o bebê se reconhece na imagem unificada de si que apreende no outro, a mãe lhe escapa, ou seja, ela não lhe obedece mais, e, consequentemente, ele não a obedece mais. É um momento de júbilo, verificável nos bebês entre oito e 18 meses, e ao mesmo tempo um momento de depressão, resultante da perda irremediável da onipotência. Esta perda é preparada, do lado materno, por seu endereçamento a um outro que não

apenas seu bebê, no caso, seu homem. Ou seja, ele já coloca em jogo com seu bebê sua falta de algo, ao reconhecer que não tem tudo e nem detém todos os significantes. Quando isso não acontece, quando a mãe, na operação de sua função, não tem a inscrição subjetiva de que ao menos um significante não está em seu poder, ou seja, que não detém o significante pai e que apresentar este significante a seu bebê implica em remetê-lo a outro, seu homem e pai presumido, quando isso não está em operação, temos então as condições para que seu filho possa vir a se organizar subjetivamente em uma psicose ou outros transtornos subjetivos graves, como, por exemplo, anorexia ou bulimia, etc.

HU On-Line - Diante dos compromissos profissionais e da necessidade de cumprir tarefas como mãe, a mulher contemporânea entra em crise. Como esse comportamento pode ser explicado e compreendido?

Mário Fleig - Freud percebeu que a organização psíquica do sujeito masculino não é idêntica à do sujeito feminino. Quando as tarefas sociais estavam distribuídas de modo padronizado, como nos nossos índios (para as meninas, cestas; para os meninos, arco e flechas), ou antes da revolução industrial (o sustento e o trabalho fora do lar é dos homens; as mulheres são “do lar”), o destino esperado de uma menina era se tornar mãe, e pela maternidade se supunha que o ser feminino encontrava sua plena realização. Isso tudo mudou. Ser mulher, o que é? O que é a feminilidade? O que quer uma mulher? Esta pergunta Freud a colocou e afirmou que não sabia responder. Alguém sabe? Haveria um gozo específico do sujeito feminino? Em todo caso, parece haver uma diferença entre o devir feminino pela maternidade e pela feminilidade. Além disso, a mulher contemporânea é convocada a ter que dar conta de um lugar no mundo do trabalho fora do lar, lado a lado com os homens. Então, como conciliar trabalho, maternidade e feminilidade?

Vemos que no mundo do trabalho as mulheres já avançaram muito na conquista de seu espaço. Quanto à maternidade, alguns dos impasses expli-

“Hoje parece que assistimos ao inverso de um progresso da civilização, numa espécie de nova emergência do matriarcado”

tamos acima. E quanto à feminilidade? Lacan trouxe algumas formulações que podem nos auxiliar. Com base na dialética hegeliana, ele nos indica que alguém estabelece sua posição subjetiva pelo modo como se endereça ao outro. Assim, como um sujeito se endereça ao outro sexo conforma o desenho de sua posição sexual. Por exemplo, o que determina a posição masculina de um homem é seu endereçamento a uma mulher, ao passo que, se ele quisesse saber de sua masculinidade diretamente, cairia num beco sem solução. Contudo, as coisas se complicam, visto que para um homem, afirma Lacan, uma mulher é um sintoma, ao passo que para uma mulher, um homem é uma devastação. Deste modo, as dificuldades contemporâneas nos endereçamentos ao outro sexo são notáveis, a começar pela fluidez das relações.

Lembro que Freud se referia a uma passagem importante e misteriosa na sexualidade feminina do gozo desencadeado pelo clitóris (semelhante ao gozo masculino) para o gozo vaginal, que seria especificamente feminino. Lacan retoma esta formulação, referindo-se que o sujeito feminino está não-todo submetido ao gozo fálico (masculino). Ou seja, que o sujeito feminino não se situa dentro do mesmo modelo do sujeito masculino, estando então dividido entre um funcionamento do lado fálico (o que lhe permite ocupar funções antes restritas aos homens) e um outro funcionamento ou um outro gozo não submetido às limitações do gozo masculino. Este outro funcionamento poderia se manifestar em certos traços que encontramos em algumas mulheres: são etéreas, inventivas, com uma

sensualidade e um erotismo fascinante, etc. Creio que o relato da mitologia grega pode nos indicar esta diferença. Na disputa infinda que ocorria entre Zeus e sua esposa Hera sobre quem gozava mais, o homem ou a mulher, a solução foi dada por Tirésias, o cego adivinho: se são dez partes, ao homem cabe apenas uma.

Enfim, vemos hoje que muitas mulheres temem perder sua feminilidade em função da maternidade. Talvez este temor seja uma das razões pelas quais tantas mulheres brasileiras só aceitem serem mães com a condição de estarem totalmente ou parcialmente ausentes na hora do parto de seu bebê, assim como não se dispõem a amamentá-los. Por outro lado, sabemos como a passagem para a posição de mãe pode pôr fim ao erotismo no casal, e até mesmo determinar a ruptura do laço conjugal ou sua transformação em uma relação fraterna. Esta problemática precisaria de um outro espaço para ser desenvolvida.

A pergunta retorna: como alguém pode se tornar e ser uma mãe suficientemente boa? Como foi a mãe que cada um de nós teve? O que devemos à nossa mãe?

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig e publicadas na IHU On-Line.

- O pedófilo: vítima de seu desejo e perversão. Entrevista publicada na IHU On-Line 326, de 26-04-2010, disponível em <http://bit.ly/eadHUI>;
- O direito ao gozo e à violência. Entrevista publicada na IHU On-Line 298, de 22-06-2009, disponível em <http://migre.me/4mMU6>.
- Não cedas do teu desejo: é preciso sustentarmos o que falamos com voz própria. Entrevista publicada na IHU On-Line 295, de 01-06-2009, disponível em <http://bit.ly/jAUXph>;
- “Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”. Entrevista publicada na IHU On-Line 265, de 21-07-2008, disponível em <http://bit.ly/j9ZqeL>;
- O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral. Entrevista publicada na IHU On-Line 220, de 21-05-2007, disponível em <http://bit.ly/mTwwK1>;
- O declínio da responsabilidade. Entrevista publicada na IHU On-Line 185, de 19-06-2006, disponível em <http://bit.ly/bp5jvr>;
- Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização. Entrevista publicada na IHU On-Line 179, de 08-05-2006, disponível em <http://bit.ly/kpHGA8>;
- As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família. Entrevista publicada na IHU On-Line 150, de 08-08-2005, disponível em <http://bit.ly/iYmk6n>.

Mãe e mulher não são sinônimos

Na visão contemporânea, a mãe parece mais uma parceira dos filhos do que a figura clássica de uma serviçal que está completamente à disposição da família, afirma o psicólogo Alfredo Jerusalinsky

POR ANELISE ZANONI

Com as constantes mudanças na sociedade, os perfis de mãe e de mulher também estão em mutação. Nesse novo papel, ela aceita menos os sacrifícios, de acordo com a opinião do psicólogo e doutor em Educação Alfredo Jerusalinsky, que falou por e-mail à **IHU On-Line**.

“Situada numa posição mais simétrica no governo da família, sua palavra, ora tão portadora de saber quanto à do homem, não mais precisa se oferecer ao martírio da submissão para amortecer o rigor de uma rígida lei patriarcal ameaçando se abater sobre os filhos”, diz o especialista.

Para ele, por acréscimo, a posição de parceira e confidente - mais característica da mãe contemporânea - encurtou as distâncias que caracterizavam as relações entre os jovens e as mães excessivamente moralistas. Além disso, o atual cenário permite à mulher se tornar protagonista de vários universos, como o intelectual, o acadêmico e o profissional. “Se, por um lado, isto aumentou significativamente seu grau de liberdade, ao mesmo tempo, a deixou fortemente implicada nas consequências que suas decisões terão sobre seu destino”, avalia o psicólogo.

Doutor em Educação e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP e mestre em Psicologia Clínica, Alfredo Jerusalinsky lecionou na Universidade de Buenos Aires e atualmente é psicanalista Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA, da Association Lacanienne Internationale - ALI e do Grupo de Estudos Sigmund Freud - SIG. É também professor convidado na Universidade de Fortaleza - Unifor. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Muitas mulheres ainda acreditam que a maternidade é realmente o caminho para a felicidade?

Alfredo Jerusalinsky - A globalização, que até o momento está somente efetivada nos planos financeiro, das informações, do comércio e do consumo, nos transportes e nas comunicações, ainda não demoliu as barreiras culturais. Por isso, não é adequado generalizar quando falamos sobre “as mulheres”, já que elas, vítimas históricas da opressão masculina, encontraram formas de retenção de uma porção do poder se apossando de pequenos traços de valor emblemático em cada uma de suas respectivas culturas. Fitas coloridas, brincos e piercings, tatuagens, bordados, penteados, maquiagens, burcas, véus, lenços e batons, pentes decorados, molhos e temperos, perfumes e texturas, culinárias e tapetes,

mobília e decorados, em cada povo assumem combinatórias diferentes e são essencial e sub-repticiamente governados pelas mulheres. Esse reino sutil que se chama “lar” e que constitui o cenário no qual se desdobra a maternidade não é um reino uniforme. O quanto em cada cultura a maternidade continua a ser uma fonte de valorização e dignificação da mulher - ou seja, fonte de felicidade - é, hoje em dia, extremamente variável. A globalização, em lugar de uniformizar, tem trazido à tona esses contrastes. A fertilidade feminina hoje não é igualmente celebrada em todas as latitudes.

IHU On-Line - Como podemos avaliar, de modo geral, a mãe contemporânea?

Alfredo Jerusalinsky - Certamente é uma mãe menos sacrificial que a mãe

clássica. Situada numa posição mais simétrica no governo da família, sua palavra, ora tão portadora de saber quanto à do homem, não mais precisa se oferecer ao martírio da submissão para amortecer o rigor de uma rígida lei patriarcal ameaçando se abater sobre os filhos. A mãe contemporânea parece mais uma parceira dos filhos do que a figura clássica de uma serviçal.

IHU On-Line - As angústias que acompanham a mãe moderna estão muito relacionadas à liberdade delas de poder viver bem a vida e investir na profissão. Como combinar esses desejos com a maternidade?

Alfredo Jerusalinsky - Se entendermos “mãe contemporânea” como essa mulher que se situa na dobradiça entre a modernidade e a pós-modernidade (entre a prevalência da racionalidade

dade e a supremacia do gozar), ela se encontra em pleno conflito entre ser mulher e ser mãe que, atualmente, não são sinônimos.

Durante a modernidade - nas marcas que essa era transformou - a mulher adquiriu progressivamente o poder de governar suas escolhas amorosas e sexuais. Por acréscimo, a mulher - no mundo ocidental - tem se tornado protagonista dos universos intelectual, acadêmico e profissional. Se, por um lado, isto aumentou significativamente seu grau de liberdade, ao mesmo tempo a deixou fortemente implicada nas consequências que suas decisões terão sobre seu destino.

É lógico, então, que, se os níveis de angústia aumentassem, o sujeito feminino tentaria evitar a disjuntiva da escolha, levando adiante diferentes formas de realização em paralelo. Por exemplo, a realização materna e também a profissional de forma simultânea. Mas nem todas as mulheres têm recursos, apoio familiar e condições estruturais que as permitam articular uma empreitada semelhante. Nesses casos é comum que uma sensação de injustiça se faça presente durante o exercício da maternidade, na medida em que a mulher possa vir a se sentir vítima de uma dupla imposição em lugar de perceber que ela ficou presa às consequências de sua própria escolha.

IHU On-Line - Quando a mulher se depara com o papel de mãe pode haver uma grande crise de identidade?

Alfredo Jerusalinsky - A pergunta já assinala que há um corte entre “a mulher” e “o papel de mãe”. Não é um corte que tenha existido sempre na mesma intensidade. Sigmund Freud chegou a considerar que a maternidade era a realização mesma da feminilidade. Ocorre que durante séculos (incluindo aquele em que Freud viveu) o único recurso de validação social e subjetiva de sua existência era, para a mulher, ser mãe. Porém, a grande virtude da posição freudiana foi de perceber que o filho, por constituir-se num emblema fálico, passava a ter condição de fetiche para sua mãe. Essa descoberta continua válida, embora o filho deva, na atualidade, dividir a devoção materna com outros fetiches da

“A fertilidade feminina hoje não é igualmente celebrada em todas as latitudes”

cultura.

Se não houver uma crise de identidade é porque a mulher em questão não realizou a virada necessária para assumir a condição de mãe: o fetiche, em lugar de ser seu próprio corpo, precisa passar a se encarnar no corpo do filho. Trata-se de uma virada narcísica que é, precisamente, a que lhe permite suportar a desfiguração de seu próprio corpo, não sem passar - como é habitual - pela depressão puerperal.

IHU On-Line - A infância e a adolescência estão cada vez mais diferentes do que eram. Além da influência das tecnologias, o papel da mãe contribui para novos comportamentos?

Alfredo Jerusalinsky - É um lugar comum a sentença de que hoje as crianças crescem mais rapidamente, são mais inteligentes, mais sábias, aprendem de forma mais rápida, são mais espertas bem mais cedo que antigamente. Se Donald W. Winnicott¹ tem razão - e nós pensamos que a tem - em que é a mãe quem apresenta o mundo para seu filhote, e isso se verifica em que o bebê olha na direção para onde o olhar de sua mãe se dirige (isto claramente acontece já aos oito meses de idade), devemos assinalar que as mães atuais têm muito mais alvos que capturam seu olhar comparadas com as de antigamente. A diversificação de objetivos na vida feminina conduz a curiosidade de seus filhotes desde muito cedo para as variedades de objeto oferecidas pelo mundo circundante. Temos aí a razão de certa precocidade na posição infantil atual.

No que se refere aos adolescentes, a posição de parceira e confidente mais característica da mãe contemporânea encurtou as distâncias que caracterizavam as relações entre os jovens e as mães excessivamente mo-

¹ Donald Woods Winnicott (1896-1971): pediatra e psicanalista inglês. (Nota da IHU On-Line)

ralistas, formais e transmissoras dos “bons modos”, típicas das tradições patriarcais.

IHU On-Line - Na nova versão da maternidade o papel do pai fica, muitas vezes, ofuscado. Qual o significado dessa relação homem/mulher na sociedade contemporânea?

Alfredo Jerusalinsky - Os movimentos feministas (que exigiram duras lutas políticas), as demonstrações de capacidade laboral e intelectual diante a demanda social (originada nas revoluções industriais), o reconhecimento de sua aptidão para o desejo e o gozo sexual (contribuição da psicanálise), o enfraquecimento dos preconceitos religiosos (a mulher deixou de ser a representante do mal essencial), a transformação dos princípios jurídicos de gênero (equivalência de direitos), elevaram a mulher a um plano de igualdade com o homem. Nesse processo, que se desdobrou especialmente durante os últimos 150 anos, o homem perdeu os privilégios que lhes eram garantidos pela assimetria simbólica que regrava as relações entre o masculino e o feminino. Moldado sobre esses privilégios, o patriarca da família clássica, exercia uma autoridade quase omnimoda sobre o clã familiar. Seu saber era incontestável e ele era ao mesmo tempo juiz e legislador. Todos os desejos dos outros ficavam subordinados ao dele.

Durante certo período (talvez durante grande parte do século XX) o pai de família reagiu enraivecido diante o que ele vivenciou como uma destituição e partiu para a violência contra sua mulher. Leis como a famosa “Maria da Penha”, o surgimento da figura policial da “Delegacia da Mulher”, demonstram o quanto foi necessário proteger a mulher durante sua elevação para uma condição de igualdade. Paradoxalmente, essa ascensão determinou que seus novos poderes ficassem associados à sua antiga debilidade causando privilégios inversos do lado feminino. A figura psicológico-jurídica de alienação parental veio para ser aplicada especialmente contra a negativa materna a permitir o convívio do pai com seus filhos quando produzida uma separação conjugal.

A nova configuração familiar se apresenta como um cogoverno compartilhado entre a mãe e o pai que não poupa o lado masculino de um sentimento de perda de poder. Num outro viés dessa complexa questão, de fato se registra um declínio da função paterna no sentido de uma debilidade progressiva das expressões simbólicas da cultura cedendo seu lugar para o gozo do imaginário. Os homens se queixam do declínio de uma função que era suposta como uma propriedade do masculino, mas pouco fazem para restituí-la quando consomem seus esforços em reclamar pela perda de seu antigo lugar pessoal.

IHU On-Line - Atualmente, o que significa para uma mulher e para a sociedade ser uma mãe adotiva?

Alfredo Jerusalinsky - Hoje em dia a maternidade se define muito menos pela progenitora biológica do que pelo laço afetivo entre uma mulher e uma criança. Embora a pertença biológica continue a gerar obrigações e direitos, o âmbito jurídico tem aberto suas considerações para a importância dos vínculos baseados na reciprocidade amorosa e nas nuances das identificações primárias. O desaparecimento das figuras sociais degradantes ligadas às “origens bastardas”, a legitimação jurídica dos laços de parentesco adotivos e a relativização da autenticidade materna ligada ao modo tradicional da fecundação, têm aberto caminhos de maior liberdade e flexibilidade para a mãe adotiva não mais se sentir uma mãe de segunda categoria. Consequentemente, os filhos adotivos também não mais precisam se sentir filhos de segunda classe.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Alfredo Jerusalinsky e publicadas no sítio do IHU:

- Doze perguntas sobre o inferno. Entrevista publicada em 29-03-2010 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mlto>;
- A impunidade alenta o retorno da barbárie. Entrevista publicada em 17-08-2008 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mlwd>;
- Borat, Babel e A Rainha e suas relações. Entrevista publicada em 09-03-2007 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mlas>.

Mulher hoje e o dilema das escolhas

Oportunidades profissionais e experiências no campo afetivo fazem com que as mulheres modernas experimentem conflitos e se deparem com uma encruzilhada que envolve a decisão de ser ou não mãe, afirma a psicóloga Iara Camaratta Anton

POR ANELISE ZANONI

Talvez a primeira mudança no comportamento das mulheres em relação à maternidade tenha surgido com o advento dos métodos anticoncepcionais. Desde então, mais maduras e responsáveis, elas passaram a definir a própria vida e a desenhar a carreira.

Diante dessas novas perspectivas, a psicóloga Iara Camaratta Anton, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, afirma que é difícil esboçar hoje um perfil da mãe moderna. Mesmo assim, a partir de vivências próximas e da experiência que tem no consultório, afirma que as mulheres estudam mais e trabalham mais, almejando uma boa condição financeira, investem em relacionamentos estáveis e desejam que seus filhos sejam frutos destes relacionamentos.

“O fato de as mulheres estarem investindo em outras áreas de realização e contribuírem ativamente com as responsabilidades econômicas da família abre espaço para maior participação do pai, nos cuidados em relação aos filhos”, explica. Nesse panorama, mesmo com a mudança nas escolhas, o papel da mãe segue sendo o de estabelecer limites, fazer exigências, cuidar e amar os filhos.

Iara Camaratta Anton é psicóloga graduada pelo Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Obteve os títulos de especialista em Psicologia Clínica Aplicada e especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica pela mesma instituição e atualmente ocupa a presidência da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Entre os livros que assina destacam-se *A Escolha do Cônjuge - um entendimento sistêmico e psicodinâmico* (Editora Artmed), *Homem e Mulher - seus vínculos secretos* (Editora Artmed) e *Cegonha à Vista!* (Editora Est/POA). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher. Com o tempo, essa ideia fica cada vez mais obscura. Qual o papel da maternidade hoje?

Iara Camaratta Anton - A maternidade era completamente idealizada e encarada como se fosse algo inerente à biologia e ao psiquismo feminino. O fato é que as opções eram muito limitadas, até o advento de métodos anticoncepcionais mais eficazes, de modo que a vida sexual ativa e o nas-

cimento dos filhos formavam duplas praticamente inseparáveis. Além disso, as famílias julgavam-se tanto mais abençoadas quanto mais filhos tivessem, tendo em vista a ampliação da força de trabalho e da lucratividade nas empresas familiares. A Igreja, por sua vez, condenava qualquer tipo de controle da natalidade, considerando válidas somente as práticas sexuais que pudessem, eventualmente, resultar em filhos.

Nessas circunstâncias, as mulhe-

res passaram a ser glorificadas, especialmente por trazerem filhos ao mundo e por se dedicarem integralmente às famílias, mesmo quando entregavam seus bebês a amas de leite e a babás. De qualquer forma, as funções maternas sempre eram exercidas por pessoas de sexo feminino, e as mães contavam, no mínimo, com o auxílio de suas filhas mais velhas, desde cedo preparadas para cumprir o destino.

Em nossos dias, ser mãe continua sendo valorizado, das mais diversas maneiras, mas já não se considera instintivo e inevitável o desejo pela maternidade. A realidade mostra-nos que o advento de métodos anticoncepcionais trouxe maiores possibilidades de opção. Desde então, mulheres maduras e responsáveis passaram a definir o número de filhos que se dispõem a assumir e nem todas se mostram dispostas a serem mães, dando preferência a outras possibilidades.

Curiosamente, as idealizações não ajudam. Ao contrário, elas atrapalham, são como miragens, sempre efêmeras, inatingíveis. Funcionam inversamente ao que entendemos como ideais, ou seja, com aquelas imagens viáveis, que funcionam como parâmetros, estimulando nossas identificações e movimentando-nos em direção àquilo que almejamos para nós. Winnicot¹ cunhou uma expressão que diz tudo: as crianças necessitam de “mães suficientemente boas”, ou seja, de seres humanos capazes de amar e serem amados, de estarem presentes e se de serem gratificantes, mas também de estabelecerem limites e de fazerem exigências, de assumirem que têm conflitos, de tentarem resolvê-los da melhor forma possível, etc. Esta é a proposta de nossos dias.

IHU On-Line - As conquistas da mulher no mercado de trabalho e o investimento na profissionalização adiam cada vez mais a hora de ser mãe. Você acredita que esses são os maiores dilemas das mulheres hoje?

Iara Camaratta Anton - Estes dilemas influenciam, sim. Eu não diria que são os maiores dilemas, pois esta é uma questão profundamente pessoal e en-

¹ Donald Woods Winnicott (1896-1971): pediatra e psicanalista inglês. (Nota da IHU On-Line)

“Em nossos dias, ser mãe continua sendo valorizado, das mais diversas maneiras, mas já não se considera instintivo e inevitável o desejo pela maternidade”

trelaçada com inúmeros fatores. De qualquer forma, a vida nos tem aberto muitas novas oportunidades e isso é, por si só, perturbador. Quer dizer, a mulher passa a experimentar outros conflitos justamente porque se encontra perante encruzilhadas e qualquer opção implica inevitavelmente em alguma renúncia ou, pelo menos, em adiamentos de outras escolhas. Primeiro investir nos estudos e na carreira profissional ou na maternidade? Ter filhos, ou seguir livre para viajar e se divertir com seu marido, seus amigos? Algumas das escolhas possíveis podem gerar arrependimentos?

Além da questão das inevitáveis renúncias ou adiamento de decisões, qualquer escolha implica em assumir responsabilidades, para que seja coroada de êxito. Quando o ideal máximo era inquestionável, as dúvidas eram mínimas e toda a família e a sociedade se organizavam para que tudo desse certo. Isso mudou, paralelamente às conquistas e possibilidades de ordem profissional.

IHU On-Line - Com o novo cenário do dia a dia, as mães muitas vezes ficam ausentes e dão espaço para que o pai participe mais do cuidado dos filhos. O que isso significa para uma família?
Iara Camaratta Anton - Qualquer mudança nunca vem sozinha. O fato de as mulheres estarem investindo em outras áreas de realização e contribuir ativamente com as responsabilidades econômicas da família abre espaço para maior participação do pai, nos cuidados em relação aos filhos.

Isso é muito bom, podendo favorecer o vínculo do casal e a qualidade do desenvolvimento das crianças. Só que não é fácil dividir tarefas, respeitar um ao outro, sem concorrências desleais, sem jogos de poder.

Alguns casais ficam muito queixosos, medindo esforços e cobrando supostas dívidas. Outros competem entre si, na linha do “quem dá mais”, do “quem vale mais” ou, especialmente, na linha do “quem pode mais”. Nestes casos, facilmente tentam encontrar aliados em seus próprios filhos, conduzindo-os a tirarem proveito da situação e/ou desenvolvendo conflitos de lealdade.

Estamos diante de questões que envolvem maturidade emocional e capacidade de resolver sadiamente os conflitos que vão surgindo. Não existe vida sem conflitos, e estes ocorreriam mesmo que vivêssemos inteiramente sós. A questão é como entendê-los, como administrá-los. Sempre digo que “a melhor coisa que podemos dar aos nossos filhos é nós mesmos, em boas condições”. Assim, se temos uma boa autoestima e se somos capazes de levar o outro em conta, pai e mãe tornam-se aliados, cuidando de seus filhos com responsabilidade, afeto, responsabilidades e méritos compartilhados. Talvez caiba lembrarmos que não compete ao pai ser, simplesmente, quem “ajuda a mãe”, como se ele, descendo do pedestal, estivesse fazendo um favor; ou, pelo contrário, como se estivesse em posição hierarquicamente inferior, a serviço da “rainha do lar”. Ou seja: cabe a ele participar como um corresponsável, com direitos e deveres em um bom nível de equilíbrio, bem como cabe a ambos trabalhar em favor de crenças e valores em comum, procurando tratar com respeito e eficiências suas diferenças individuais e possíveis divergências.

IHU On-Line - É possível traçar um perfil da mãe moderna? Como é essa mulher?

Iara Camaratta Anton - Acredito que sim, embora isto seja muito complexo, pois teríamos que, primeiramente, definir de quê mãe moderna estamos falando. O ambiente familiar, socio-cultural e econômico influencia muito,

além das próprias diferenças individuais. De um modo geral, observo que a mãe moderna investe em seus estudos e em sua carreira, contribuindo ativamente com as responsabilidades financeiras da família. Mesmo assim, muitas mulheres de camada média e alta conservam um ideal teoricamente superado, desejando parceiros que as sustentem e que assumam os principais investimentos monetários relativos aos filhos. Isto vale, inclusive, para seus novos relacionamentos, mesmo que estes não sejam pais das crianças. Vejo que este tem sido um dos fatores que geram muitos conflitos entre os casais. As mães de camada economicamente inferior muitas vezes são decisivas no sustento de seus filhos. Encontramos também famílias uniparentais femininas, nas quais as mulheres assumem toda e qualquer responsabilidade. E, o que parecia impossível há poucas décadas, aumenta o número de mães que preferem deixar os filhos aos cuidados dos ex-parceiros, a ponto de nem mais tomarem conhecimento da existência e do desenvolvimento das crianças.

Estas considerações servem para nos darmos conta de que estamos diante de um enorme leque de opções, que nos limitam em nossa tentativa de esboçarmos um perfil da mãe moderna. Mesmo assim, a partir de vivências mais próximas, na família, entre amigos e no consultório, penso que predominam as mulheres que estudam e trabalham, almejando uma boa condição financeira; que investem em relacionamentos estáveis e desejam que seus filhos sejam frutos destes relacionamentos; que avaliam com certa inquietação qual o melhor momento de terem seus filhos; que cuidam deles com atenção, responsabilidade e carinho, embora reconheçam algumas ambivalências e procurem enfrentar adequadamente os desafios e conflitos do dia a dia; que contam com a participação ativa de seus companheiros em relação aos filhos, mas ainda se sentem divididas, pois, no fundo, consideram-se as principais responsáveis; pesam muito a questão dos filhos, quando o relacionamento conjugal não está bem e pensam na possibilidade de divórcio;

“Gestações vêm sendo adiadas, mas isto é geralmente feito em clima de ansiedade, sendo que é comum as mulheres referirem ao ‘prazo de validade’”

tendem a procurar e a valorizar terapia individual ou de casal; cultivam a si mesmas, aos seus corpos, às suas mentes, às suas vidas amorosa, sexual, familiar, social e cultural; desejam ser felizes e uma de suas maiores felicidades está em ver como seus filhos estão se desenvolvendo bem...

IHU On-Line - Para algumas mulheres, ser mãe hoje se transformou em um desejo distante ou uma obrigação, que deve ser cumprida até os 40 anos. Como você avalia esse pensamento?

Iara Camaratta Anton - De fato, a opção pela maternidade está se tornando bem mais tardia nas classes média e alta. Ela tende a ser precoce, principalmente onde as mulheres não têm maiores ambições e veem nos filhos o maior, se não o único, tesouro.

Hoje, quando se pensa em estar bem financeiramente, em ter uma vida confortável e um mínimo de segurança, é difícil que os filhos surjam ao acaso, até porque se deseja oferecer a eles boas condições de desenvolvimento. Assim, gestações vêm sendo adiadas. Isto, porém, é geralmente feito em clima de ansiedade, sendo que é comum as mulheres referirem-se ao “prazo de validade”. O desejo paira no ar, rodeado de mil temores. Num dado momento, a fertilidade se reduz e a concepção se torna mais difícil, conduzindo à busca de inseminação artificial, com possibilidades de insucesso ou, pelo contrário, de gestações múltiplas. Como reagem estas mães ou candidatas à maternidade? A história e a personalidade pessoais, os recursos e as dificuldades, somados a

toda uma rede de apoios, influenciam em suas reações.

Muitas mulheres sentem-se profundamente incomodadas, quando as pessoas fazem aquelas perguntas clássicas: “E aí, quando é que vem o bebê?” Este costuma ser um assunto de foro íntimo, e indiscrições podem ser mal-recebidas. Mesmo que não seja cobrança nenhuma, este pode ser o significado atribuído, especialmente quando existe alguma dificuldade na concepção ou quando a mulher ou o casal pensam na possibilidade de não terem filhos, seja lá por que motivo for.

A questão do prazo tende a ser muito angustiante, especialmente à medida que se aproxima a suposta data-limite e a maternidade é uma das metas mais importantes na vida da mulher que, contudo, ainda não se tornou mãe. Diversos fatores, mais uma vez, influenciam em suas respostas emocionais: a existência ou não de um parceiro nas condições desejadas; cobranças internas e externas; autoimagem e autoestima; outras fontes de gratificação, etc.

IHU On-Line - Algumas teorias apoiam a ideia de que a maternidade é uma imposição cultural. Mesmo com a evolução no pensamento, mulheres que não desejam ter filhos nem sempre são aceitas pela sociedade. Isso significa que as regras continuam as mesmas?

Iara Camaratta Anton - A questão das regras também é complexa. No geral, as regras são mais sutis do que as normas. Estas são claras, bem definidas, quase que adquirindo o status de lei. As regras, mais informais, tornam-se imperiosas na medida em que um comportamento se repete e passa a ser considerado o normal, ou seja, passa a ser automaticamente esperado, como se fosse direito adquirido. Por exemplo: basta que alguém leve o café na cama para o parceiro ou parceira durante cinco ou seis dias que, no sétimo, se isto não ocorrer, desperta estranhamento ou, até, indignação.

Estes padrões de comportamento vão sendo internalizados e automatizados, a tal ponto que nem nos damos conta do que está acontecendo e, mesmo assim, nós nos cobramos

ou cobramos das demais pessoas algo que não é direito nosso. Isto significa que podemos ser movidos por ordens e por proibições pré-conscientes ou, mesmo, inconscientes. Nestes casos, o que percebemos é a “ponta do iceberg”, ou seja, tristezas, desconfortos e ansiedades aparentemente sem razão de ser. São sintomas, funcionando como porta-vozes de nosso mundo interior.

Voltando para a questão acima levantada: por mais que a sociedade evolua (embora as mudanças sociais que percebemos não necessariamente signifiquem evolução...), existem regras profundamente internalizadas pela cultura como um todo, e estas, repassadas geração a geração, permanecem vivas, dentro de nós. Assim, podemos pensar de um modo e, no entanto, sentir de outro. Lembra daquela frase “o coração tem razões que a própria razão desconhece”? Ela se aplica também a este campo sobre o qual estamos conversando.

Isto significa que todos nós temos conflitos, uma infinidade deles, sob os mais diversos aspectos. Importante é nos darmos conta daqueles que mais nos perturbam, buscando compreender seus significados e funções para, finalmente, irmos tomando decisões coerentes e felizes.

A maternidade não foge disso, tanto no que diz respeito à opção de ser ou não ser mãe, quanto em relação a uma infinidade de outras questões que envolvem esta decisão. O amor de mãe tem seus aspectos instintivos, básicos, além de muitos outros, concernentes ao equilíbrio emocional, à maturidade pessoal e à capacidade de, efetivamente, investir para que o nascimento dos filhos represente uma belíssima oportunidade que a vida, através de nós, ofereceu a eles.

IHU On-Line - Ser mãe adotiva pode ser a alternativa para mulheres que desejam investir mais no mercado de trabalho? Qual o papel delas na realidade atual?

Iara Camaratta Anton - Mulheres que desejam ser mães num futuro mais distante talvez vejam na adoção uma oportunidade acalentadora e se sintam menos pressionadas pelo fator

tempo. Afinal, ser mãe, sob o aspecto emocional, não é um simples sinônimo de gestar e de parir - é efetivamente assumir o filho e a “maternagem” em relação a ele.

Um fenômeno que se observa em nossos dias é que as carreiras profissionais podem absorver tanto, que a pessoa coloca todo o resto em segundo plano: relacionamentos amorosos, filhos, vida familiar e social, prática de exercícios físicos. Outro dado a ser considerado é que muitas pessoas habituem-se a um ritmo que só é possível a solteiros e a casais sem filhos, e não sentem a menor disposição para se dedicarem a estes.

Uma coisa é querer ter filhos e outra, bem diferente, é dispor-se a ser mãe, a ser pai. Bebês, crianças e adolescentes proporcionam enormes gratificações, desde que sejam, efetivamente, desejados, cuidados, amados. O fato é que educação pressupõe presença, convívio; exige atenção, intervenções adequadas. De pouco adianta nos preocuparmos com “modos de fazer”, pois é na identificação conosco e a partir de estímulos em grande parte inconscientes que eles vão constituindo suas personalidades. Assim, antes de pensar em gestá-los ou adotá-los, temos que pesar muito bem nossas motivações e disponibilidades.

Ser mãe, como também ser avó, quando se assim o deseja, é uma experiência única, funcionando simbolicamente como coroamento da feminilidade. A vida palpita e se perpetua através da geração e da educação de nossos filhos, que, por sua vez, repassam as sementes desta mesma vida para as novas gerações, proporcionando-nos a incrível satisfação de acolhermos nossos netos e, quem sabe, bisnetos.

Quando não se pode ou não se deseja ter filhos, as possibilidades de realização pessoal, no que tange à feminilidade, toma um rumo mais simbólico, na medida em que, através do mecanismo da sublimação, endereçamos nossas energias afetivas e criadoras para outros planos, igualmente válidos, igualmente inspirados num “instinto de vida”, capaz de nos tornar, espiritualmente, fecundas e realizadas.

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA
NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Elo e sentido na maternidade indígena

Para a antropóloga Lucia Helena Rangel, as mulheres e mães indígenas têm dois desafios: tomar consciência do papel bonito que tem na valorização da cultura e criar os filhos sem vergonha de serem índios

POR PATRICIA FACHIN

Acena de mães indígenas entrelaçadas a seus filhos nos primeiros anos de vida é uma das imagens mais emblemáticas para descrever o significado da maternidade. “Mãe e criança quase se fundem em um mesmo corpo”, descreve a antropóloga Lucia Helena Rangel e, nesta relação, o bebê tem livre acesso ao aleitamento, estabelecendo vínculos eternos. Segundo a pesquisadora, “a mãe cumpre um papel-chave na formação dos vínculos sociais e de pertencimento a família e a um povo” e esse é um dos motivos que garante à maternidade um papel central.

Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, a professora da PUC-SP explica que a maternidade é vivenciada com intensidade entre os indígenas porque, para eles, homem e mulher desempenham funções sociais diferentes na comunidade, que se completam. Nesta divisão de tarefas, cabe à mãe a responsabilidade de educar os filhos para a vida adulta.

Lucia Helena dedica suas pesquisas à compreensão da vida e a estrutura social das comunidades indígenas e conta que a relação estabelecida entre mães e filhos é simples e tem muito a ensinar às mães da sociedade ocidental moderna. “Não estou dizendo que a mãe indígena faça mais que as outras mães, mas, às vezes, as mães da nossa sociedade se esquecem da importância desse papel e começam a achar que ter filho, criá-lo e ficar com ele é pouca coisa, porque a sociedade tende a achar esse um papel menor”.

Lucia Helena Rangel é doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP com a tese *Os Jamamadi e as armadilhas do tempo histórico*. Atualmente é professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Também é assessora do Conselho Indigenista Missionário - CIMI Regional Amazônia Ocidental e do CIMI Nacional. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como percebe a maternidade nas diferentes culturas?

Lucia Helena Vilhena Rangel - Em todas as sociedades humanas, desde sempre, o papel da mulher é fundamental, pois sua função é dar a vida. A maternidade não é só uma responsabilidade, mas uma característica biológica que foi dada à mulher. É ela quem gesta, pari e amamenta. Em todas as sociedades humanas essa característica da mulher é fundamental para compreender os contextos sociais históricos, culturais. Não haverá sociedade em que a maternidade não esteja no centro da vida social.

IHU On-Line - Qual é a importância e

o papel da figura materna nas comunidades indígenas? Que funções ela desempenha na sociedade?

Lucia Helena Vilhena Rangel - Na sociedade indígena dos povos que vivem no território brasileiro há um padrão social em que a divisão sexual do trabalho é central na produção, da vida social e das relações familiares. Essa divisão sexual do trabalho dá ao homem um papel e à mulher, outro, os quais se complementam. O homem caça, constrói casas, lidera as expedições pela floresta, ou seja, as tarefas masculinas são viris, ligadas à virilidade. Além disso, o homem tem o papel de guerreiro, como um emblema social. A mulher, por outro lado, tem a

tarefa de ser mãe; a reprodução social e a continuidade da sociedade dependem dela.

Nas sociedades indígenas, a mulher trabalha muito, faz colheita, limpeza de roçado, cata lenha, coleta frutos e, sobretudo, cozinha. O cozinhar também é uma tarefa fundamental na vida social. O homem caça e a mulher cozinha a caça. Essa divisão de trabalho é fundamental e complementar.

A maternidade não significa apenas ter um filho e cuidar dele. Do ponto de vista social, a maternidade é fundamental. Nas sociedades indígenas, a criança fica praticamente grudada à mãe durante os dois primeiros anos de vida. A mulher coloca a criança na

tipoia e o bebê tem acesso ao seio o tempo inteiro. Quando ela faz suas necessidades fisiológicas, a criança vai junto. Além disso, ela cozinha agachada, virada de lado para o bebê mamar. Enfim, o filho tem livre acesso ao aleitamento, mama quando quer e não de três em três horas. Os pediatras, inclusive, estão recomendando a mamada livre porque isso é fundamental. A criança não pode ser interditada. A mãe e a criança quase se fundem em um mesmo corpo.

Experiência

Quando minha filha tinha dois anos, fui a uma aldeia em Rondônia, e a deixei com o pai e os avôs. Ao chegar na comunidade, vi aquela mulherada com as crianças grudadas e pensei: “Sou uma péssima mãe, ainda não é hora de largar a criança - claro que eu sabia que era assim, mas nunca estive com a sensibilidade voltada para isso”. As crianças indígenas têm contato com o pai, os avôs, tios, mas a imagem do livre acesso à mãe é muito forte. Quando a criança está maior, ela é carregada na tipoia nas costas. Filho e mãe são a mesma coisa.

A mulher tem um papel social fundamental na primeira infância porque toda a transmissão da cultura se faz através da mãe e ela tem plena consciência desta função. Ela fala a língua do povo dela com o bebê e por isso uma criança indígena não fala português antes dos quatro anos de idade. A mãe cumpre um papel-chave na formação dos vínculos sociais e de pertencimento a família e a um povo. Não estou dizendo que a mãe indígena faça mais que as outras mães, mas, às vezes, as mães da nossa sociedade se esquecem da importância desse papel e começam a achar que ter filho, criá-lo e ficar com ele é pouca coisa porque a sociedade tende a achar esse um papel menor. Mas não o é. Pelo contrário, é um papel grande em todas as sociedades. Quando vemos crianças com transtornos psíquicos e de comportamento social, esquecemos que elas não tiveram mãe ou tiveram uma mãe que desvalorizou seu papel. A mãe indígena é importante para nos mostrar essa simplicidade; não há um questio-

“Quando vemos crianças com transtornos psíquicos e de comportamento social, esquecemos que elas não tiveram mãe ou tiveram uma mãe que desvalorizou seu papel”

namento, por exemplo, em relação ao marido que está no boteco e ao fato de ela ter a responsabilidade de ficar em casa cuidando do neném. Para eles, os papéis de homem e mulheres são bem divididos. Para nós, não. Porque a divisão do trabalho não é por sexo; é uma divisão técnica e hoje em dia a mulher também atua em profissões que eram desempenhadas apenas por homens.

IHU On-Line - Parece que as mulheres da sociedade urbana prezam pela autonomia no sentido de disponibilizar tempo para se dedicarem não somente aos filhos, mas a outras atividades que julgam importantes como estudar, praticar um esporte. É diferente essa necessidade para as mulheres indígenas?

Lucia Helena Vilhena Rangel - Isso acontece em função da divisão sexual do trabalho na sociedade, e não em função da dedicação total aos filhos. Alguém precisa fazer alguma coisa, e alguém precisa fazer outra. Hoje em dia, as mulheres indígenas também querem trabalhar para ganhar dinheiro porque é impossível viver sem ele. A economia monetária tomou conta de todas as comunidades e grupos sociais. Mas essas mulheres são pouco compreendidas: quando elas vão para a cidade vender o artesanato que fizeram, carregam os filhos juntos porque assim tem de ser. Mas quando nós olhamos para elas nos centros das cidades, dizemos que estão explorando os filhos e os deixando na rua. Não é nada disso: elas não estão explorando as crianças. A rua para elas tem outro sentido. Para

nós, a rua é o lugar dos pobres, lugar de passagem, de perigo e de cometer ilícitos. Nós, ocidentais urbanos modernos, deixamos de usufruir da rua e ficamos com esse preconceito. Para as mulheres indígenas, a rua é um local de trabalho.

As famílias indígenas não abriram mão da educação, da socialização das crianças, mas nós abrimos. Colocamos os filhos muito cedo na escola e vamos trabalhar. Não estou nos recriminando, porque também fiz isso. Mas, no nosso modelo social, é mais importante ganhar dinheiro e, por isso, fazemos essas coisas.

IHU On-Line - Hoje algumas mulheres indígenas estão ingressando nas universidades, cursando mestrado. Como vê a inserção delas na sociedade brasileira urbanizada e o que muda nas suas culturas a partir desse contato direto com o saber do homem urbanizado? E como essas duas culturas se relacionam?

Lucia Helena Vilhena Rangel - Na cultura indígena não muda nada. Como toda cultura é dinâmica e os processos sociais fazem nós nos movimentarmos em direções históricas, a cultura deles não muda. Essa opção de trabalhar e ganhar dinheiro aponta para um caminho educacional: se a pessoa fizer toda a escolaridade, poderá ir para a universidade e ter uma profissão. É isso que as mulheres indígenas, como todos os estudantes, querem. As mulheres, na nossa sociedade, têm, no estudo, um elemento importante porque é mais aceitável que ela não trabalhe para estudar do que o homem.

Para as comunidades indígenas, isso é muito importante porque elas têm o menor índice de escolaridade - algo em torno de três anos -, quando a média nacional é entre cinco e seis anos de escolaridade. O Brasil é um país em que o índice de estudo é baixo para toda a população, porque a média deveria ser nove anos de estudo. Então, ingressar na universidade é uma grande conquista para eles no sentido de mostrar para a sociedade que eles não são menos do que nós, que podem estudar.

A cultura muda não por causa de um ou outro fator, mas em função de

necessidades históricas, sejam elas impositivas pelos processos de dominação ou por atualizações tecnológicas. Se as culturas não se modificassem frente aos ativos históricos, estaríamos estagnados no período paleolítico. Hoje estamos na era do cyber, da cybercultura. Os índios estão também na cybercultura, mas continuam preservando as suas peculiaridades como o idioma, os rituais. O que significa a educação escolar dentro da comunidade? Como a comunidade lida com ela? Essa é uma questão pouco estudada.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios de uma mulher indígena que estuda, trabalha, é mãe e tem mais tarefas a desenvolver nos dias de hoje?

Lucia Helena Vilhena Rangel - Não posso falar por elas, porque elas é que sabem quais são seus maiores desafios. Dando um palpite, penso que o desafio da mulher indígena é tomar consciência de fato desse papel bonito que tem a mãe na valorização da sua cultura, dos seus referenciais e não criarem seus filhos com vergonha de ser índio.

IHU On-Line - O que a senhora aprendeu sobre maternidade convivendo com as mulheres indígenas?

Lucia Helena Vilhena Rangel - Aprendi bastante e isso me desorganizou muito também porque eu criei minha filha sempre oscilando entre o estabelecimento do limite, que é uma exigência psíquica e pedagógica da nossa sociedade, porque limite para nós é também amor e ausência total de limites, que é a educação indígena. Em compensação, para eles, o limite se dá quando as crianças completam 12 anos e têm de virar adultos. É uma mudança abrupta. A nossa sociedade não impõe esse limite social porque ela não sabe quando alguém vai virar adulto; não tem emprego para todo mundo, por exemplo. Então, as famílias abastadas ficam sustentando os filhos. Seria muito feio chegar para o mundo e dizer que o meu filhinho de 30 anos continua vivendo em casa. Mas nós fizemos isso em função das condições e colocamos outros tipos de limites para declarar o nosso amor: não faça isso, não mexe naquilo, etc.

Seminário Realidade e Desafios Socioeconômicos da Região do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Carlos Paiva, da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Data: 5 de maio de 2011

Horário: das 14h às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Depoimentos

Confira depoimentos de algumas mulheres que se dividem nas diversas funções de ser mãe e profissional. Elas contam suas experiências de vida e falam do sentimento desenvolvido a partir da maternidade.

Anna Carolina Krebs Pereira Regner

POR MÁRCIA JUNGES

“Desde os 19 anos tive a experiência da maternidade. Posso assim dizer que a maternidade está entranhada em minha existência desde ‘adulto jovem’. Não saberia comparar e te dizer qual o sentido de existir com a maternidade e existir sem a maternidade!” A declaração é da filósofa Anna Carolina Krebs Pereira Regner, no depoimento que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Segundo ela, o que realmente importa é seus filhos serem o que são: “Diante disso, o sentimento que me invade é de muita gratidão”. O apoio do marido e de pessoas ligadas à família foi fundamental, sobretudo no período em que Anna Carolina tinha os filhos pequenos, e tinha que se desdobrar entre a universidade e a maternidade.

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Anna Carolina é mestre em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Doutorou-se em Educação pela UFRGS e é pós-doutora pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos.

Confira o depoimento.

“Tenho 3 filhos: Luciana, com 43 anos, Andrea, com 39 anos, casada com Telmo Tassinari, e Lúcio, casado com Vanessa, com 31 anos. As duas filhas são médicas, trabalham e residem em Porto Alegre e o filho é publicitário, trabalhando e residindo, no momento, em Berlim. Tenho uma neta de dois anos, Helena, filha de Andrea e Telmo. Ser mãe é a minha maior alegria e minha maior contribuição à vida. É difícil quantificar ou hierarquizar as maiores alegrias em ser mãe. Sempre que sinto um filho feliz, esta é a maior alegria!

Desde os 19 anos tive a experiência da maternidade. Posso assim dizer que a maternidade está entranhada em minha existência desde ‘adulto jovem’. Não saberia comparar e dizer qual o sentido de existir com a maternidade e existir sem a maternidade! O que posso dizer é que acho que fui uma mãe mais tranquila, menos preocupada em fazer o que os livros

“O desafio de desempenhar diversas funções como mãe, esposa, profissional é manter o equilíbrio, entregando-se completamente a cada uma delas”

mandam e mais segura em minhas decisões quando fui mãe ‘mais velha’. Continuo achando que minha maior virtude é aprender com os meus erros!

Sempre conciliei e tentei atender a todas as ‘vidas’ (profissional e pessoal) do melhor jeito que pude. Nem sempre devo ter tido sucesso, mas fiz o melhor que me era possível fazer na grande maioria das vezes. O pessoal não reclamou muito! E sempre contei com o grande apoio de meu marido e com o fato de que meus filhos são gente muito boa!”

Desafios e gratidão

“O desafio de desempenhar diversas funções como mãe, esposa, profissional é manter o equilíbrio, entregando-se completamente a cada uma delas. Multiplicar ao invés de dividir! Nem sempre é possível e alguma coisa fica prejudicada. Tenho, porém, tranquilidade quanto a dizer que fui/sou uma boa mãe. Abdiquei de algumas noites de sono para estudar e preparara aulas, mas valeu a pena. Contei também com a ajuda de pessoas carinhosas para com meus filhos e com o incentivo de meu marido.

O que uma mãe ou um pai ensinam aos filhos está muito mais no exemplo do que em admoestações. Se lhes ensinei de fato alguma coisa, é algo a ser visto em suas práticas de vida. O que posso dizer é que estou plenamente satisfeita com o que vejo, mas não sei dizer qual o meu papel no caso. É muito variável. E também não me preocupa muito saber qual foi minha participação. O que me importa é eles serem o que são. Diante disso, o sentimento que me invade é de muita gratidão”.

Valdelice Veron

POR MÁRCIA JUNGES E STEFANIE TELLES

Um testemunho emocionante de coragem, força e determinação. Assim é o relato concedido pela índia kaiowá Valdelice Veron, por telefone, à IHU On-Line. No intervalo das aulas do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, no Mato Grosso do Sul, essa mãe de três meninas contou aspectos de sua história de lutas, recordou o assassinato de seu pai, cacique Marcos Veron¹, a pedido do fazendeiro Jacinto Honório da Silva Filho. O crime, cometido por Nivaldo Alves de Oliveira, calou fundo na alma da comunidade. Os ensinamentos do pai continuam presentes, assegura Valdelice, que reflete, também, sobre a força da mulher kaiowá nos desafios que surgem a cada dia. Com formatura marcada para este mês de maio, Valdelice ressalta que o que seu povo precisa é de respeito e dignidade. Confira o depoimento.

Maternidade

“Sou mãe de três meninas: uma de 15 anos, outra de 13 e a mais nova tem 2 anos. Minha aldeia é a Taquara, mas no momento vivo em outra aldeia, a Guapiru, porque sou professora e dou aulas. Quando vivia, meu pai, cacique Marcos Verón, fez um acordo com outro cacique sobre o meu casamento. Então fui entregue ao Natanael, que é meu marido. Eu tinha 14 anos. Logo após o casamento fui viver na aldeia Bororo, no município de Dourados-MS. Na aldeia todo mundo cuida da grávida, o que ela pode comer, o que não pode, o que o homem pode ou não fazer durante a gravidez da mulher. Todo mundo se envolve. Para mim, foi bastante interessante porque meu marido é guarani e eu sou kaiowá. O homem kaiowá se resguarda no dia em que a esposa ganha o nenê. Os guarani, não. Eles é que fazem tudo dentro de casa. Para a minha família o meu casamento tratou-se de uma união política, uma vez que era entre kaiowá e guarani. Foi uma aliança política”.

Memória de lutas

“O parto da minha primeira filha foi feito pela minha

¹ Sobre o assassinato do cacique Marcos Veron, confira as seguintes notícias publicadas no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU: Caso Cacique Veron. Os condenados absolvidos, disponível em <http://bit.ly/gAGB7I>; Não foi desta vez que um “branco” foi condenado por matar um indígena no MS, disponível em <http://bit.ly/ieM9ut>; Acusado de matar cacique Guarani-Kaiowá é absolvido, disponível em <http://bit.ly/ejZlCx>; Julgamento dos acusados pelo assassinato de Marcos Veron Kaiowá Guarani. Frustração do Cimi, disponível em <http://bit.ly/gjG2s8>; Cacique Verón está presente! No terceiro dia de julgamento foram ouvidos os filhos do cacique e sua mulher, disponível em <http://bit.ly/iuRgcT>. (Nota da IHU On-Line)

mãe. A segunda já nasceu no hospital, e a terceira nasceu na aldeia. Nasceu no caminho da aldeia do meu marido, porque estava chovendo muito e a estrada estava ruim. Quando cheguei ao hospital ela já tinha nascido.

Procuro manter e mostrar para minhas filhas as nossas tradições. Minha filha mais velha já está no ensino médio e quer fazer medicina. Vou me realizar vendo minha filha médica, porque isso era uma coisa que eu gostaria de ter sido. Como meu pai dizia, o maior alicerce é a família.

Na escola ensinaram que a América foi descoberta. Não foi bem assim, não. A gente sabe que foi muito além disso; foi uma luta. Foi o encontro de dois mundos. Quando se fala em encontro, pensa-se numa coisa pacífica, mas não foi isso que aconteceu. Nosso mundo indígena foi destruído, houve choques e lutas, resistências de nossos antepassados. Isso eu passo para minhas filhas, elas têm que saber dessa história. Fiz uma pesquisa para saber do passado da minha família. Meu tataravô, bisavô, avô e meu pai foram todos mortos por latifundiários, grileiros de terra. Eu conto para minhas filhas essa história. Não é para elas terem medo ou ficarem caladas. Lógico que têm momentos em que temos que recuar, ficar quietos, mas é preciso mostrar que somos um povo que tem que ser reconhecido em sua dignidade e direitos”.

Medicina indígena

“Têm ensinamentos diferentes que eu passo para cada uma das minhas filhas. Elas têm idades diferentes, e são momentos diferentes. Tento passar todos os princípios básicos da educação indígena para elas. Muitas pessoas confundem os princípios da educação indígena com os princípios da educação escolar indígena. Uma coisa é totalmente diferente da outra.

Eu procuro usar mais os remédios tradicionais. Mas agora estou tomando um remédio para não ter filhos. Estou estudando para entrar no mestrado, então quando eu quiser ter outro filho vou parar de tomar. A folha da dipirona a gente prepara em infusão e pode tomar até dois ou três litros. Já a dipirona pequena que vem da farmácia em comprimido nós não podemos tomar muito, porque aí dá piripaque”.

História de família

“Estudar era um sonho meu e da minha família. Queriam que eu estudasse Direito. Cheguei a fazer o curso por três anos. Quando meu pai foi assassinado, discuti feio com um professor da Universidade Estadual aqui do Mato Grosso, que não respeitava os índios. Depois fui me interessar pela minha história. Falei para um professor que eu queria

***“Procuro manter e mostrar para
minhas filhas as nossas tradições.***

***Minha filha mais velha já está
no Ensino Médio e quer fazer
Medicina”***

escrever a história da minha família, mas o meu pai não gostou. Eu estava escrevendo a minha monografia e fui falar com meu pai na beira da estrada, onde ele e todo meu povo foram jogados em despejo. Ele me contou toda a história da minha família. Isso me levou a querer saber ainda mais. Por exemplo: de onde vinha esse sobrenome Verón? Quem foram meus antepassados? Descobri que nosso sobrenome veio de um argentino que escravizava os índios e eles iam sendo registrados com o sobrenome dele. Agora estou estudando para fazer Antropologia”.

Respeito e dignidade

“Os professores indígenas procuram ter um bom relacionamento, pelo menos os kaiowá-guarani. Um vai na casa do outro. Mas não é fácil, não. Minhas filhas cresceram no ‘magistério’, na faculdade comigo. Meu marido também estudou, fez faculdade de Biologia. A gente se apoia. Estamos nessa luta, ajudando nosso povo na fala, na escrita. Tem perseguição muito forte contra nosso povo, tentaram queimar nossas casas, tivemos que ir embora. Recuamos e depois enfrentamos. Assim vamos vivendo. A luta continua.

O maior desafio de ser mulher, mãe e índia no Brasil é ser respeitada como uma liderança. Isso acontece na aldeia, mas na cidade não é a mesma coisa. Para a mulher é tudo muito difícil. Uma vez fui para uma convenção em São Paulo, onde havia desembargadores a respeito do julgamento do meu pai. Fui levar minha filha pequena junto. No tribunal disseram que não podiam entrar crianças. Como eu deixaria minha filha lá fora, sozinha? Argumentei que eu tinha vindo em nome do meu povo. O guarda disse que ela tinha que ficar do lado de fora. Conversei com o desembargador e a juíza. E essa juíza ainda queria que minha mãe desse depoimento em português.

Além disso, têm os olhares estranhos que recebemos, inclusive dentro das igrejas. Quando nossa filha fala alto em nossa língua, ou dá uma risada, as pessoas ficam todas olhando. Nosso povo tem uma caminhada longa pela frente, para mostrar para o não índio que

queremos ser respeitados, ter um pouco de dignidade. Esses pequenos gestos para nós são uma afronta, uma situação difícil de suportar”.

Diálogo intercultural

“Outra luta que travamos é a forma como se dá o diálogo entre a cultura indígena e a do não índio dentro da universidade. Conseguimos ser mais ouvidos com a Constituição Federal de 1988, para que tivéssemos um lugar dentro do ensino. Quando terminei o magistério indígena, eu e outros colegas começamos a pensar em fazer uma faculdade. Mas como? Como seria isso? Passei no curso do Direito, mas quando comecei a estudar, tinha muita coisa que eu não conseguia entender. Eu vi que os professores não indígenas não estavam preparados para receber acadêmicos e líderes indígenas dentro da academia. Fizemos um projeto e apresentamos na universidade, mas não fomos compreendidos e não houve um diálogo. Mais tarde procuramos o ministro da Educação e com ele trocamos ideias. Procuramos, então, o reitor da UFGD e passamos a nos entender. Foram criados cursos que nos diziam respeito em áreas como Matemática e Biologia, por exemplo. Assim começou a ser construído um projeto político pedagógico específico. Tivemos muitas discussões, sem dúvida, mas nós, enquanto acadêmicos, conseguimos dizer como queríamos que fosse esse projeto. Até o regimento da universidade foi alterado em função de nossas lutas. Foi uma conquista. Nossa formatura está marcada para este mês de maio”.

A força feminina

“A mulher kaiowá é muito forte. O amor ao trabalho, à vida comunitária, o apoio mútuo e harmonia com o povo e a natureza são nossas características. Temos ainda uma música e cultura muito ricas. A nossa luta como mulheres é importante. Os homens às vezes têm um pouco de medo quando são convidados para uma viagem longe, como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília. Já as mulheres colocam o filho no ônibus e vão embora. Temos o respaldo dos maridos para isso. A mulher é muito forte. Na verdade, as mulheres são fortes em geral. São lutadoras, guerreiras, nascemos com isso. A dor nasce conosco, está no nosso sangue. E a mulher kaiowá é ainda mais forte. Há poucos dias estava pensando nos ensinamentos do meu pai. Entrei no Google e digitei sobre a morte dele. Encontrei alguma coisa como ‘matamos o zangão’. E eu prontamente respondi na internet: ‘Mataram o zangão, mas esqueceram as rainhas’. Não sei para quem foi o recado, mas eu escrevi”.

Teodora Souza

POR MÁRCIA JUNGES

Mãe de cinco filhos, a índia guarani Teodora Souza se desdobra entre a vida na aldeia de Jaguapiru, em Dourados-MS, e a sala de aula na Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande-MS, onde cursa mestrado em Educação. Graduada em Pedagogia, é membro da comissão que discute e encaminha as questões da educação escolar indígena. No depoimento que concedeu por telefone à **IHU On-Line**, ela reflete as lutas de seu povo e das mulheres, especificamente, apontando os avanços e os entraves dessa relação. “O maior desafio em ser mulher, mãe e indígena no Brasil é conseguirmos chegar a uma situação em que todas nós sejamos reconhecidas pela sociedade não indígena de que somos pessoas capazes”. O que falta são oportunidades, acentua. Confira o depoimento.

“Meus cinco filhos já nasceram no hospital. Moramos na reserva indígena de Jaguapiru, localizada no município de Dourados. A reserva fica praticamente encostada na cidade. É uma questão de cinco minutos de distância entre a aldeia e a cidade. Do outro lado de Dourados tem o município de Itaporã. As condições de sobrevivência do nosso povo são diferentes em relação a outros lugares onde ainda há mata. Para você ter uma noção, na reserva em que vivemos, o total de área é de 3.539 hectares para uma superpopulação de aproximadamente 13 mil indígenas. Se fizermos as contas, isso dá 0,03% de terra indígena para cada pessoa. É inviável. Não tem mais mata. Não tem mais nada disso. O povo apenas sobrevive dentro das aldeias.

Em relação aos costumes, o que mantemos com mais força é o idioma guarani-kaiowá. Alguns poucos índios que vivem na aldeia conservam a língua. A dança, a pintura e as festas tradicionais comemoradas na semana dos povos indígenas. Mas muitas coisas já mudaram”.

Saúde e educação

“Doenças mais leves como diarreia e dor de cabeça tratamos com a nossa medicina, usando plantas para curar. Mas se forem doenças mais sérias como pneumonia, problemas de pressão e coração, recorreremos à medicina do não índio.

Existe a educação indígena, transmitida pela família, mas são poucas famílias que conservam a

tradição dos nossos antepassados. A maior parte das crianças recebe outro tipo de educação. Mas temos também a educação escolar indígena. Há sete escolas que atendem as comunidades indígenas da reserva e a educação tem buscado fortalecer a história indígena, a arte, a pintura, nossos valores e idioma. Até agora isso ainda é frágil, porque, de acordo com a mudança da gestão pública do município, há educação escolar indígena, ou não. Infelizmente, nossa realidade é essa. Apesar dessa situação, há um grupo bom de professores que sempre busca, discute e ‘briga’ com os órgãos públicos, cobrando essa educação escolar diferenciada, que já tínhamos iniciado há dez anos atrás. É importante mantermos essa educação para fortalecermos nossa identidade, conhecer nossa história. A educação é um instrumento fundamental de fortalecimento de toda nossa cultura em seus diferentes aspectos”.

Mãe estudante

“Sou graduada em Pedagogia e mestranda em Educação na UCDB. Estou iniciando o curso. Sou mãe de cinco crianças. Nessas circunstâncias, tem que ter muita compreensão e apoio da família para poder estudar. Meus filhos me apoiam, assim como meu marido. Eles acham que hoje, inclusive para garantir a nossa sobrevivência é importante estudar, porque nós sempre estamos reivindicando terras para termos condições de produzir. Mas no nosso estado isso é muito complicado. Estamos reivindicando essas lutas há mais de 20 anos. Pedimos as nossas terras e não conseguimos. Por isso, o estudo é uma alternativa de sobrevivência e também de melhoria de condições de vida da nossa comunidade. Apesar de ter filhos e família e estar estudando, sou membro do movimento de educação escolar indígena. Hoje, temos em torno de 350 professores guarani-kaiowá em nosso

“O maior desafio em ser mulher, mãe e indígena no Brasil é conseguirmos chegar a uma situação em que todas nós sejamos reconhecidas pela sociedade não indígena de que somos pessoas capazes”

estado. Faço parte dessa comissão que discute e encaminha as questões da educação escolar indígena. É importante conversarmos com nossas lideranças na aldeia, como o cacique, e comunicar a nossa vontade de estudar, como foi o meu caso. Não existe mais uma “autorização” que temos que receber para poder estudar. O que ocorre é uma discussão na comunidade sobre o fato de que muitos estudantes saíram da aldeia e não voltaram para contribuir com seu povo depois que concluíram seus cursos. Hoje, colocamos a discussão de uma política de diálogo com as lideranças. Para fazer o curso de magistério com licenciatura indígena, requer-se esse apoio das lideranças indígenas. Queremos valorizar nossas lideranças”.

Apoio da família

“Na minha aldeia, fui a primeira mulher casada, com filhos, a enfrentar uma faculdade. Depois de mim, muitas outras mulheres começaram a estudar, fizeram ensino fundamental e médio (que hoje temos na aldeia). Fiz parte dessa luta de trazer o ensino fundamental para dentro de nossa comunidade. Hoje, muitas mulheres indígenas estão estudando na universidade, se profissionalizando. Também temos mães que não estudam por falta de condições, porque moram longe. Há outras mães que trabalham e outras que ficam em casa cuidando dos filhos. Essas são as situações que ocorrem aqui na Reserva.

As mulheres que são mães, donas de casa e que estudam têm o apoio e aceitação dos maridos. Hoje, a

mulher indígena na aldeia em que moro trabalha muito. Algumas são enfermeiras, outras são professoras, agentes de saúde. Essas mulheres concluem os estudos ao mesmo tempo em que estudam. Para isso, precisam de apoio, e por seu lado elas também estão dando apoio às suas famílias. Mas é bom dizer que essas mulheres que estudam ainda são minoria.”

Respeito e oportunidades

“Dentro da universidade estou achando muito interessante o diálogo entre a cultura do não índio com a nossa. Nós temos a nossa cultura, história, movimentos, lutas e cosmovisão. Temos trazido para o espaço da academia esses aspectos da nossa cultura para discutir. Por outro lado, temos acesso aos conhecimentos produzidos pela universidade. Está havendo, sim, um diálogo de saberes e conhecimentos. Pelo menos onde estudo, percebo isso. Outra questão importante é a oportunidade de falar, de ser ouvido e produzir conhecimento a partir das nossas referências e ponto de vista.

O maior desafio em ser mulher, mãe e indígena no Brasil é conseguirmos chegar a uma situação em que todas nós sejamos reconhecidas pela sociedade não indígena de que somos pessoas capazes. O que nos falta é oportunidades. Queremos ver nossos direitos respeitados, porque diariamente vários deles são violados pelo preconceito e discriminação. Esperamos que nossos filhos e netos encontrem um mundo melhor. Essa é a razão pela qual nós, mães e índias, estamos na luta”.

Iara Bonin

POR ANELISE ZANONI E PATRÍCIA FACHIN

Mãe de Camila, 16 anos, a pedagoga Iara Bonin confia no tempo para acomodar seus medos e ansiedades. Com o passar dos anos, foi ele que também a ensinou a aproveitar muito mais a emoção de ser mãe de um bebê, uma criança, uma adolescente.

“Penso que as relações que estabelecemos com os filhos hoje são facilitadas pelo fato de já termos, na cultura contemporânea, relativizado algumas das premissas e verdades sobre “ser mãe”, “ser pai”, que estabeleciam entre pais e filhos uma hierarquia difícil de vivenciar”, diz.

Iara Tatiana Bonin é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em

Educação pela Universidade de Brasília. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou o doutorado também em Educação. Atualmente, é professora adjunta da Universidade Luterana do Brasil -Ulbra. Por sete anos, atuou no Conselho Indígena de Roraima; e, por onze, no Conselho Indigenista Missionário - CIMI. É casada com o coordenador do CIMI-RS, Roberto Liebgott. Confira o depoimento abaixo.

“Meu nome é Iara Bonin, tenho uma filha de 16 anos chamada Camila, e posso dizer que a maternidade foi a experiência mais significativa e mais intensa que eu já vivi. Inicialmente, a condição de “ser mãe” nos coloca uma multiplicidade de sentimentos, um amor que não cabe na gente e que invade cada canto da vida; é uma responsabilidade sobre aquele novo ser, aparentemente tão vulnerável, um medo de não acertar na forma de lidar

com a criança, um desejo de ver esse mundo cada vez melhor para acolher aquela pequena pessoa que se soma à família. O tempo vai acomodando boa parte dos medos, das ansiedades, e também vai nos ensinando a curtir muito mais a emoção de ser mãe de um bebê, uma criança, uma adolescente, uma jovem que cresce, aprende, se supera, nos desafia, nos faz aprender constantemente, e mantém a vida num frenético movimento. As lembranças que tenho de cada tempo vivido pela Camila são as melhores, porque ela é um tipo de pessoa que caminha comigo e com o Roberto, vivendo junto os desafios de cada mudança de cidade, de estado, de grupo de amigos, de referências geográficas e culturais, e faz isso de modo muito tranquilo. Desde que a Camila nasceu, Roberto e eu já moramos em quatro cidades diferentes, em função do tipo de trabalho que temos (trabalhamos juntos no Cimi, com comunidades indígenas, por mais de 15 anos, hoje ele ainda atua neste mesmo campo e eu me tornei professora do Mestrado em Educação da Ulbra.) Estamos em Porto Alegre há 8 anos e certamente este é o período mais longo que permanecemos em um mesmo lugar.

Mãe e profissional

Ser professora e pesquisadora, atuar em um programa de pós-graduação (atualmente como coordenadora) e conciliar vida familiar não é muito fácil. Mas penso que temos conseguido manter vínculos familiares bastante intensos. Acho que alguns “rituais” sempre são importantes quando se deseja manter os filhos “conectados”. Camila e eu fazemos algumas coisas juntas todos os dias - antes líamos um capítulo de algum livro de literatura, do interesse dela, antes de dormir. Agora escutamos música, ou assistimos a um episódio de alguma (das muitas) séries juvenis que ela baixa da internet, ou estudamos inglês juntas - óbvio que ela me ensina. Afinal, essa geração já nasceu conectada, descolada, multilíngue... que sorte a deles!

Acho que o fato de eu ter agora uma filha que cursa o ensino médio, bastante independente e com outras atividades que ocupam boa parte do seu dia, favorece esse difícil equilíbrio entre ser mãe e trabalhar 40 horas. Mas, além disso, penso que as relações que estabelecemos com os filhos hoje são facilitadas pelo fato de já termos, na cultura contemporânea, relativizado algumas das premissas e verdades sobre “ser mãe”, “ser pai”, que

estabeleciam entre pais e filhos uma hierarquia difícil de vivenciar. Acho que estamos reinventado essas relações, aprendendo que o filho (de qualquer idade) não é um ser em falta, um ser incompleto, e sim uma pessoa que vive um outro tempo, e que constrói a experiência da vida de outro jeito. Isso não significa ausência de limites, e também não implica pensar que podemos abdicar de uma formação (sobretudo) ética; ao contrário, nos compromete com a construção disso tudo no dia a dia, e num constante processo de diálogo e de negociação. Claro que essa é a minha perspectiva - o modo como eu reinvento, concilio e (re)conto minha maneira de ser mãe. Se perguntarmos para a Camila, possivelmente essa mesma história terá outros matizes, e pode ser que ela relate muito mais dificuldades e desafios do que prazeres no fato de ser filha de uma profissional, estudante, professora, pesquisadora, e também mãe dela.

“A condição de ‘ser mãe’ nos coloca uma multiplicidade de sentimentos, um amor que não cabe na gente e que invade cada canto da vida”

Lições

Gostaria, ainda de acrescentar algumas pequenas lições que tenho aprendido na convivência com as mulheres indígenas. Quando morei no estado do Amazonas, convivi muito de perto com uma comunidade Kambeba. (Trabalhei durante dois anos na região em que vivia este povo e, mais tarde, regressei e desenvolvi minha pesquisa de mestrado com esta comunidade - que me acolheu, me deu um nome indígena, me

ensinou, participou na constituição da pessoa que sou.) Nas comunidades existe uma lógica educativa muito diferente da nossa - que prima pela independência da pessoa, e isso não quer dizer individualidade, mas sim uma independência comprometida com os preceitos de uma comunidade. Desse modo, as crianças são estimuladas a participar dos acontecimentos sociais, cotidianos, familiares, e têm “passe livre” para transitar em diversos espaços, ajudando, fazendo as coisas junto com os adultos, observando, ensinando outras crianças. Acho que esta é uma maneira muito sábia de integrar os filhos nas atividades importantes, sem que se tenha que exercer uma autoridade que submete ou que oprime. Gestos simples (e cotidianos) como abaixar-se para ficar na mesma altura do filho para falar com ele; parar o que se está fazendo para explicar ao pequeno como se faz; manter um olhar atento sobre as crianças sem se fazer notar, evidenciam o quanto podemos aprender observando as relações entre pais e filhos indígenas.

Vocação para o cuidado

Aos 70 anos, a pesquisadora lone Bentz, do Programa de Pós-Graduação em Design da Unisinos, mãe de duas mulheres e avó de três netos (com dois deles na foto ao lado), considera a maternidade um ato completo de doação e amor pleno

POR ANELISE ZANONI

Por mais batalhas que uma guerreira tenha no currículo, a luta pessoal, mesmo camuflada, é talvez a mais significativa para a construção de uma vida. Para lone Maria Ghislene Bentz, professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Unisinos, mesmo com as grandes conquistas, a trajetória como mãe se sobrepõe às vitórias como profissional.

Aos 70 anos, a beleza marcada por traços delicados e o sorriso constante denunciam a vida de uma mulher que se dedicou à carreira em uma época na qual as matriarcas eram obrigadas a ficar em casa cuidando da família. Mesmo com a decisão firme e o talento para os estudos, lone considera o papel de mãe o mais importante e gratificante que escolheu.

“Durante muito tempo fui mãe, esposa e mulher, em uma época na qual precisávamos batalhar para estudar e conquistar nossos direitos. Enfrentava o primeiro *round* da libertação feminina, mas a maior experiência foi a de mãe: uma riqueza afetiva, pessoal e que não se compara a nada. Nós somos colocadas em um nicho especial, de plenitude”, afirma lone.

Depois de viver em uma casa com quatro mulheres e de perder o pai aos 16 anos, ela construiu a própria vida com a vocação para o cuidado. Casou-se aos 20 anos com o atual marido, Fernando, e dividiu as rotinas domésticas com o nascimento da primeira filha, Cristina, hoje com 48 anos, e a missão de cuidar da mãe e da irmã.

“Por algum tempo tive de ser filha e marido de minha mãe, precisei assumir papéis importantes para a família”, lembra.

Enquanto concluía a faculdade de Letras na Fundação Universitária da Bagé, na década de 1960, a professora deparou-se com a segunda gestação. Chegou a Cláudia. Mais uma alegria que completaria o desejo de ter uma grande prole.

“Estava terminando o curso e engravidei. Mesmo com os compromissos, assumi diversas responsabilidades, como a de cuidar de uma irmã doente. Ainda assim, encontrava tempo para levar as meninas na pracinha e ser mãe de fato”, afirma.



***“Perdê-la hoje me faz
perceber o quanto ela foi boa
e generosa, mesmo sendo
autoritária, característica
normal para a época”***

Entre a vida de mãe malabarista e equilibrista, a pesquisadora foi, aos poucos, compreendendo a relação de plenitude proporcionada pela maternidade e pela doação. Nem mesmo os diplomas de mestre, doutora ou pós-doutora que recebeu pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) ganham grandeza maior do que a experiência materna.

“Sempre abrimos mão de algumas coisas, faz parte de nossas escolhas e apostas. O sentimento de mãe, entretanto, não é comparado a outras coisas, tanto que os homens que vivem com as crianças e sabem o que é uma parte da maternidade compreendem, de fato, o que é esse sentimento.”

Se pudesse escolher, lone teria mais filhos, para exacerbar o sentimento incondicional de amor e para dividir experiências. Como não os teve, enche-se de alegria por ver os três netos e as filhas assumindo o papel de matriarcas e questiona-se sobre os atuais estereótipos delegados às mulheres que trabalham e têm filhos.

“A relação mãe e mercado de trabalho é feita de estereótipos. Nossos papéis são múltiplos e os estereótipos são justificativas e desculpas, porque precisamos nos organizar dentro das próprias condições e é preciso

“Mãe significa presença. Na casa precisamos do conceito de lar, onde não devemos passar correndo. Essa é a essência de tudo”

avaliar se os filhos precisam mesmo vir depois.”

Há oito anos, Ione trouxe a própria mãe, que vivia no município de Estrela, RS, para morar na mesma casa. Precisava estar perto para zelar pela saúde dela. Ano passado, entretanto, aos 97 anos, a matriarca deixou a família.

“Perdê-la hoje me faz perceber o quanto ela foi boa e generosa, mesmo sendo autoritária, característica normal para a época”, avalia.

Ainda em luto, a pesquisadora convive hoje com

outro desafio de doação: lidar com a doença do marido. Fernando sofre de Alzheimer, e a esposa assume o papel de mulher e cuidadora dedicada. Mesmo morando na mesma casa, pelo menos três vezes ao dia, ele faz ligações telefônicas a ela, para ouvir palavras de carinho que o acalmam.

“São grandes atos de amor e de realização pessoal que nos cercam. Mãe significa presença. Na casa precisamos do conceito de lar, onde não devemos passar correndo. Essa é a essência de tudo.”

Reflexões da maternidade

Doutora em Serviço Social, Marilene Maia comemora o crescimento dos dois filhos adolescentes com o desafio de compreender uma nova geração e de assumir distintos papéis no dia a dia

POR ANELISE ZANONI

Ao completar 50 anos no dia das mães, a doutora em Serviço Social Marilene Maia, coordenadora do Observatório das Políticas Públicas do Vale dos Sinos (Observasinos), faz uma revisão do seu papel na maternidade. Mãe de Francisco, 16 anos, e Vicente, 13 anos, ela diz-se completa quando percebe as manifestações e expressões de autonomia dos meninos.

“Para mim, são indicações importantes de afirmação dos meus filhos como homens e cidadãos. Alegro-me imensamente também com a alegria deles”, afirma.

A cada vitória do time, reunião com a família ou festa, ela percebe-se como corresponsável pelo sucesso e crescimento dos filhos. É desafiada a construir referências para eles e a lidar com diferentes papéis, como o de chefe de família, profissional, amiga, estudante, dona de casa e, claro, mãe. Leia abaixo algumas declarações de Marilene sobre sua experiência diária.

Dupla jornada

“Ser mãe e ter de lidar com os desafios de cuidar dos meninos e da profissão é um desafio permanente. É uma



construção diária, uma grande arte! É talvez a recriação da vida na sua totalidade em uma esfera micro. Isso porque a dupla perspectiva da vida, a maternagem e a profissão são multiplicadas em outras dimensões que também são privilegiadas por mim: mulher, cidadã, dona de casa, chefe de família, estudante, filha, irmã, tia,

dinda, amiga... Sempre digo que o desafio hoje é de “viver tudo ao mesmo tempo agora”. E não é só “viver”, mas “viver bem”. O que me aliviou nesta jornada foi quando descobri que posso me colocar na condição de, como referiu Hugo Assmann, aprendente. Com isso, vou vivendo e aprendendo a ser e a fazer tudo isso. Até porque, apesar dos avanços dos conhecimentos e das ciências, temos o desafio de viver estas relações em um tempo de incertezas e mutações”.

Dificuldades diárias

“O que se configura, talvez, como sendo mais difícil seja garantir tempo para viver e aprender todas essas dimensões da vida com qualidade. São múltiplas as minhas exigências e, também, as exigências externas para o cumprimento dos papéis de mãe e profissional. Com isso, por vezes me pego somente cumprindo papéis e reproduzindo ações impostas pelas instituições e não sonhando e construindo processo de vida em cada uma dessas dimensões e no seu conjunto. Gostaria de usufruir mais destas minhas experiências, que considero também construtoras da humanidade e da sociedade. E isto me preocupa.”

“Depois que me dei conta que, ao mesmo tempo em que gerei as vidas do Chico e do Vi, estava gerando uma nova vida pra mim. O mais impressionante é que isso não aconteceu somente na gestação. Percebo que a maternidade e a gestação das nossas vidas é diária. Isso me emociona, me alegra, me desafia. Sempre digo que a maternidade é um curso permanente de pós-doutoramento, que não tem matrícula e não se encerra nunca.”

Novas configurações

“A construção de relações de democracia com afeto e autoridade são os grandes desafios. Carrego comigo o entendimento de que a vida no plano micro deve ser carregado de sentido para o macro e vice-versa. A relação entre “conteúdo e forma” constitui a articulação indispensável. Meus valores e projetos de vida devem ser alcançados em todos os momentos e espaços. A democracia, a liberdade e a justiça são valores que carrego ao longo de minha história, como desafios fundantes da vida e os entendo como fundamentais de serem experimentados em todos os

espaços. Isso também na família e também na relação mãe e filhos. Tenho muitas incertezas de como construir isso de forma coerente e como estabelecer relações radicalmente democráticas em um grupo familiar. A família tem configurações novas. Diferentes dos padrões que aprendi e que são culturalmente instituídos. Não tinha na bagagem da minha vida a perspectiva de ser mãe responsável pela família e, muito menos, de ser “avó” de um cachorro de estimação. Configurações novas exemplificam os novos desafios de construção e aprendizagem.”

Preocupações reais

“Talvez mais do que tristeza, tenho preocupação em relação às múltiplas exigências de e para a vida que estão postos a meus filhos. Os adolescentes e jovens são alvos especiais deste sistema que torna as pessoas “objeto” do consumo, do capital, da ganância, do individualismo, da banalização da vida e das relações. Valores que não são parte do meu projeto de vida. Sinto-me “brigando” contra tudo isso e desafiada a construir referências que vão na contramão deste sistema, que é encantador para eles. Já aprendi que não sou modelo. Essa perspectiva já foi superada. Posso ser referência a partir da convivência e do compartilhamento de experiências. Para isso a exigência é grande, já que não conseguimos dar conta de tudo.”

Diferenças de épocas

“O cuidado antes exigia mais presença física. Hoje exige acompanhamento, que se amplia, ou seja, à distância, com mais conhecimentos e múltiplas competências. Quanto mais eles crescem, parece que as aproximações são maiores e, conseqüentemente, somos mais exigidos a responder com mais clareza e competências esta relação. Sinto-me também desafiada a estar aprendendo com eles: novo tempo de adolescer que o meu, a diferença de gênero, a cultura, as personalidades, os projetos de vida. Tudo isso é uma grande festa. Aliás, percebo que fui especialmente presenteada neste dia das mães de 2011. Afinal, completo meus 50 anos de vida exatamente no dia das mães. Penso que, minimamente, isso é provocador para ressignificar ainda mais esta dimensão da minha vida, que é, indiscutivelmente, muito importante.”

***“O mesmo
tempo em que gerei
as vidas do Chico e
do Vi, estava
gerando uma nova
vida para mim”***

Reviver a infância é viver a maternidade

Para o psiquiatra Celso Gutfreind, as mulheres constroem a própria identidade como mãe baseadas em relações de afeto e nas experiências da própria infância

POR ANELISE ZANONI

Uma mãe que usa a renúncia para construir o próprio destino e que precisa encarar um papel cada vez mais difícil na sociedade é o perfil atual da mulher que opta por ter filhos, diz o psiquiatra Celso Gutfreind. Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, o especialista defende que a preparação para a maternidade ocorre no começo da própria infância, quando se fortalecem os laços entre mãe e filha na relação. É lembrando-se de atitudes da mãe que a gestante ou essa nova mulher começam a construir sua própria identidade diante dos filhos.

“Afetivamente, a mãe segue sendo este primeiro encontro, fonte primeira e talvez a maior da constituição do sujeito”, explica Gutfreind.

Além de falar na construção materna, o médico acredita que a narrativa ajuda a acirrar os laços afetivos com os filhos e é “um dos poucos canais de troca” nessa relação primária. “É preciso trocar, interagir. Além dele, têm o olhar, o toque, pouco mais do que isto, e estes estão envolvidos na narração. Narrando, a mãe banha o seu filho de prosódia e sentidos, melhora a qualidade da interação e abre espaços duradouros para a saúde mental”, diz.

Formado em Medicina pela Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (1987), Celso Gutfreind é especialista em Psiquiatria da Criança e do Adolescente pela Université Paris-Descartes (2001) e doutor em Psicologia pela Université de Paris XIII (Paris-Nord) (2000). Em 2001, concluiu pós-doutorado pela Université Pierre et Marie Curie (2001). Entre seus livros, destaca-se *Narrar, Ser Mãe e Ser Pai* (Editora Bertrand Brasil, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível explicar o atual papel da mãe dentro da família?

Celso Gutfreind - A realidade tornou-se mais complexa, e esta complexidade segue mudando muito rápido. Muito ficou do papel tradicional da mãe, mas percebemos também muitas transformações. Afetivamente, a mãe segue sendo este primeiro encontro, fonte primeira e talvez a maior da constituição do sujeito. A complexidade implica em que, em alguns contextos sociais, ela está mais sozinha, o pai ausente. Em outros, recebe o apoio deste pai, o que é decisivo. Em todos, foi à luta, trabalha e é muito cobrada culturalmente. Com frequência, paga este preço com renúncias (familiares ou profissionais) ou depressão pós-parto. Seu papel está mais difícil, a meu ver.

IHU On-Line - As mulheres postergam a hora de ser mãe e dão prioridade à

carreira. Quando chega o momento de dar a luz, há a sensação de perda de identidade?

Celso Gutfreind - Este é um ponto-chave, um dos principais desafios da maternidade (e da paternidade). Como tudo, não há receitas. A preparação para a maternidade ocorre no começo da própria infância, na relação com a própria mãe. É lembrando-se da mãe que teve que ela terá de se defrontar nesta hora. A matriz de apoio (marido, mãe, amigos, a turma toda) é essencial. Espaços terapêuticos como terapia, cinema, literatura e vida social também colaboram.

IHU On-Line - Qual a importância do aspecto narrativo na construção do papel de mãe?

Celso Gutfreind - A narratividade é um dos poucos canais de troca entre a mãe e o bebê. É preciso trocar, inte-

ragir. Além dele, têm o olhar, o toque, pouco mais do que isto, e estes estão envolvidos na narração. Narrando, a mãe banha o seu filho de prosódia e sentidos, melhora a qualidade da interação e abre espaços duradouros para a saúde mental.

IHU On-Line - Você acredita que parte dos problemas que as mães enfrentam em relação à educação dos filhos tem a ver com a falta de diálogo?

Celso Gutfreind - Também. Somos seres sedentos de sentido, compreensão, sedentos do outro. A cultura aqui atrapalha mesmo. As novas tecnologias trouxeram muitos benefícios, mas reduziram o diálogo corpo a corpo, olho a olho, necessários para a construção de nossa subjetividade e saúde.

IHU On-Line - Atualmente, é cada vez mais comum casos de mulheres

“A preparação para a maternidade ocorre no começo da própria infância, na relação com a própria mãe”

que pagam barrigas de aluguel. Quais efeitos esse tipo de gestação traz para a relação entre mãe e bebê?

Celso Gutfreind - Tudo é muito novo, e ainda não sabemos bem. Por um lado, perde-se a interação direta durante os meses de gestação, cada vez considerados mais decisivos. Por outro, sempre há tempo de recuperar e estamos sempre prontos para relançarmos.

IHU On-Line - Na ânsia de viver o papel de mãe, muitas mulheres esquecem que têm um relacionamento a dois, com o pai da criança. As motivações das novas mães mudaram em relação ao casamento?

Celso Gutfreind - Acho que para melhor, aqui os aspectos culturais colaboraram, a meu ver. Com a independência, a autonomia, a emancipação, as motivações das mulheres podem se tornar mais afetivas, amorosas. Entrar num relacionamento realmente para criar um vínculo afetivo e verdadeiro entre duas pessoas. Assim, quando vier a criança, ela pode sentir que é fruto de um amor vibrante e pode estar a três. Não sabemos bem por que, mas isto é importante.

IHU On-Line - Ser mãe adotiva pode ser a alternativa para mulheres que desejam investir mais no mercado de trabalho? Qual o papel delas na realidade atual?

Celso Gutfreind - Penso que, de forma premeditada, cria-se uma representação mais negativa, menos estruturante para a narrativa da criança. Se natural, nenhum problema. No fundo, somos todos adotados, já que nossos pais biológicos um dia (durante a gestação ou depois) tornaram-se afetivos. No fundo, quando vai bem, todos adotam.

Mães-guardiãs, até quando?

Para a psicóloga e doutora em Psicologia Luciana Grzybowski, cada vez mais busca-se questionar a ideia de que a mãe é a melhor cuidadora dos filhos após a decisão do divórcio

POR ANELISE ZANONI

O relacionamento conjugal terminou, mas os filhos permanecem com o mesmo pai e mãe. O laço parental que os une como família faz com que homens e mulheres ainda tenham a responsabilidade de cuidar da prole. Entretanto, na atual perspectiva, não é privativo (ou obrigação) da mãe ficar com a guarda das crianças.

Em um debate reflexivo sobre os novos papéis, a psicóloga e doutora em Psicologia Luciana Grzybowski levanta a possibilidade de questionar a ideia de que a mãe é a melhor cuidadora das crianças. “Isso faz parte do mito do amor materno e de todas as representações e práticas sociais relativas às questões de gênero de nossa sociedade patriarcal, mas não é uma realidade totalizante”, disse em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Para ela, é possível ver hoje mulheres que se queixam menos da condição de guardiãs e pais que sentem-se mais culpados pela separação, “o que mostra que a antiga dicotomia mulheres vítimas versus homens vilões não pode ser tomada como regra”.

Além da possibilidade cada vez mais comum da divisão de tarefas, a mulher também se depara com uma jornada múltipla de trabalho, o que faz da expectativa de maternidade um mito social. “Na tarefa de ser mãe, a mulher encontra expectativas de exclusividade e perfeição, o que atrelado à jornada de trabalho e exigências da carreira, com consequente transferência dos cuidados dos filhos para terceiros (avós, babás, escolas) e redução do tempo de convívio com os mesmos, pode gerar um sentimento de falha ou falta na tarefa parental”.

Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Luciana Grzybowski é mestre em Psicologia Clínica e doutora na mesma área. Atualmente, realiza pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e é professora colaboradora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na realidade, é cada vez mais comum ver mães e pais vivendo papéis diferentes após o divórcio. As mães, no geral, estão mais satisfeitas com questões relacionadas à guarda ou seguem se sentindo culpadas pela separação?

Luciana Grzybowski - Respostas generalistas sempre são difíceis em questões tão complexas como o di-

vírcio ou a parentalidade. As mulheres seguem ficando maciçamente com a guarda dos filhos, o que, pela coabitação, traz uma sobrecarga maior nas tarefas educativas. Entretanto, muito mais pais estão obtendo ou buscando a guarda dos filhos, e cada vez mais busca-se questionar a ideia de que a mãe é a melhor cuidadora dos filhos. Isso faz parte do mito

do amor materno e de todas as representações e práticas sociais relativas às questões de gênero de nossa sociedade patriarcal. Não é, porém, uma realidade totalizante. Também vemos mães que se queixam menos da condição de guardiãs e pais que se sentem mais culpados pela separação, o que mostra que a antiga dicotomia mulheres vítimas *versus* homens vilões não pode ser tomada como regra. Existem pais não residentes mais envolvidos com os filhos, bem como mães abrindo mão da guarda pós-divórcio.

IHU On-Line - A literatura aponta que é necessário separar conjugalidade e parentalidade quando os pais se divorciam. Como fica a redefinição do papel da mãe nesses casos?

Luciana Grzybowski - Realmente, as pesquisas recentes apontam a necessidade de separar a conjugalidade da parentalidade após o fim do casamento. O laço conjugal terminou, mas o laço parental segue unindo os pais na tarefa do cuidado dos filhos. Entretanto, essa separação não é tarefa simples, uma vez que envolve várias questões da conjugalidade que precisam ser superadas para dar conta da tarefa parental. Existência de vínculos amorosos, dificuldades de comunicação, excesso de conflitos, insatisfação com as questões financeiras, da guarda e das visitas, são algumas questões que podem prejudicar o exercício da coparentalidade - que é o nome dado para o exercício compartilhado do cuidado global da criança após o divórcio. Isso pode resultar em boicotes, discórdias, desrespeito e hostilidade entre os ex-companheiros, e, infelizmente, muitas vezes corrompe a fronteira da relação pais/filhos, havendo a triangulação, que se refere à aliança com os filhos contra o outro progenitor, boicotando ou excluindo-o da relação parental. O extremo patológico disso é a alienação parental.

IHU On-Line - Em sua opinião, a culpa ainda persegue as mães? Existem novas definições atreladas nesse sentimento?

Luciana Grzybowski - O ditado popular diz que a culpa é a melhor amiga da mãe. Isso está muito atrelado a todos

“Esposa, dona de casa, mãe e profissional, entre outros, conferem à mulher uma jornada múltipla de trabalho, sendo que a expectativa da maternidade ainda é um mito social”

os papéis que a mulher tem de assumir e todas as exigências que lhe são colocadas no desempenho dos mesmos. Esposa, dona de casa, mãe e profissional, entre outros, conferem à mulher uma jornada múltipla de trabalho, sendo que a expectativa da maternidade ainda é um mito social. Na tarefa de ser mãe, a mulher ainda encontra muitas expectativas de exclusividade e perfeição, o que atrelado à jornada de trabalho e exigências da carreira, com consequente transferência dos cuidados dos filhos para terceiros (avós, babás, escolas) e redução do tempo de convívio com estes, pode gerar um sentimento de falha ou falta na tarefa parental. Mas isso não é uma regra ou um sentimento permanente. Trata-se de uma relação dinâmica. E cada vez mais se pensa na qualidade e nos níveis de saúde das relações, não somente no tempo de convivência. Ainda temos que pensar e estudar mais o fenômeno do desenvolvimento infantil com pouca ou escassa convivência parental, até mesmo para desmistificar algumas crenças.

IHU On-Line - Educadores debatem a questão sobre a falta de limites na vida das crianças e constatam que parte do comportamento deve-se ao fato de a mãe estar ausente e de ser permissiva. Você acredita que o problema seja cada vez maior no futuro?

Luciana Grzybowski - Acho perigoso e tendencioso culpar somente as mães pelos problemas de comportamento dos filhos. As relações familiares e

sociais vêm mudando de forma geral, acarretando transformações em vários âmbitos. A questão da falta de limites é polêmica, controversa e multifacetada. A tarefa educativa é processual, gradativa e permanente, exigindo dos educadores persistência e paciência. Muitas vezes, por diversos fatores, de âmbito pessoal ou contextual, isso não é possível, havendo negligência no papel educativo, com excesso de permissividade. Muitos pais acreditam que a regra ou a privação de algo para o filho pode ser danoso. Mas, ao contrário, em níveis toleráveis, ela é formadora, estruturante e sinal de demonstração de cuidado.

IHU On-Line - Qual o papel da mãe, hoje, como educadora das crianças?

Luciana Grzybowski - Há poucas décadas, o papel da mulher estava atrelado à maternidade, ou seja, ela nascia para o casamento e procriação. Hoje, abrem-se novos horizontes e possibilidades para as mulheres, sendo a maternidade um destino não mais obrigatório. Porém, aquelas mulheres que escolhem ou vivenciam a maternidade, a partir de todas as conquistas da contemporaneidade (métodos contraceptivos, trabalho e renda, voto, políticas públicas e sociais), têm novas possibilidades neste exercício. Hoje a mulher encontra realizações (e também frustrações) em outros âmbitos de sua vida, como o trabalho e carreira, a vida sexual-amorosa, a política, a cultura, etc., o que certamente a enriquece como cidadã e como educadora. A mãe segue sendo uma figura fundamental na vida da criança, como cuidadora e provedora das necessidades essenciais, tanto do ponto de vista físico quanto emocional. Mas este papel não é exclusivo da mulher e nem mesmo da mãe em si, podendo ser assumido por outras pessoas que possam exercer esse papel de cuidado, proteção, afeto e educação. A função da família, de forma geral, segue sendo um alicerce básico na constituição do sujeito, fonte de inspiração para as demais relações sociais que se sucedem, podendo tanto ser fator de risco quanto fator de proteção do sujeito.

IHU On-Line - Você destaca em suas pesquisas que algumas mulheres não dependem financeiramente dos homens e, em casos de divórcio, têm mais autonomia na parentalidade. Como o fator econômico muda o comportamento?

Luciana Grzybowski - Em minha tese de doutorado um resultado interessante que surgiu foi este: as mulheres divorciadas com melhor condição econômico-financeira sentiam-se autorizadas a tomar decisões na tarefa educativa sem consultar o ex-companheiro. Diziam: “Se sou eu que vou pagar a escola e ele está desempregado, não tenho por que consultá-lo pra discutir a troca de escola do nosso filho. Eu vou lá, troco e simplesmente comunico, ele não tem direito a opinar”. Embora represente uma atitude que evidencie uma mudança no papel feminino, um empoderamento, não só entre as mulheres separadas, mas também entre aquelas casadas que ganham mais que o marido, por exemplo, isso no âmbito das relações familiares pode ser perigoso. A coparentalidade implica compartilhar ações e projetos para com os filhos, sendo que um fator importante é respeitar e valorizar o outro ex-cônjuge, a fim de favorecer sua interação e manter seu lugar no papel parental. Dessa forma, optar por uma decisão unilateral numa tarefa educativa tão importante como esta (educação) tende a gerar conflitos e a enfraquecer o progenitor excluído, o que certamente não favorece a parentalidade.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas sobre parentalidade e divórcio e publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU

- O gênero como norma e fonte de subversão e resistência. Entrevista especial com Márcia Arán, publicada em Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4mJTT>;
- É possível divórcio sem traumas. Entrevista com Karina Toledo, publicada em Notícias do Dia de 02-05-2010 e disponível em <http://migre.me/4mJX5>;
- A falta do pai é sempre prejudicial. Entrevista especial com Rubens de Aguiar Maciel, publicada em Notícias do Dia de 14-04-2010 e disponível em <http://migre.me/4mJZd>.

A importância da mulher na sociedade kaiowá

Figura materna é fundamental na estrutura do povo kaiowá, frisa o antropólogo Levi Marques Pereira. Os homens indígenas desse povo legitimam a importância da mulher e as crianças têm um convívio prolongado e próximo com suas mães

POR MÁRCIA JUNGES

Um papel de destaque. Esse é o lugar conferido à mulher kaiowá dentro de sua sociedade. De acordo como antropólogo Levi Marques Pereira, “é possível dizer que as mães têm sido o principal sustentáculo dessas sociedades. São elas as principais responsáveis pela reprodução cultural, ensinando a língua e uma série de procedimentos culturais para as crianças, além de estarem presentes no dia a dia, oferecendo carinho e proteção”. O processamento dos alimentos e o fogo culinário que também serve para aquecer a família e espantar insetos, também estão a cargo da mulher. “Os homens compreendem que a figura materna é essencial para sua sociedade. Tal figura se inspira no comportamento dos deuses, que nos patamares celestes vivem com suas mulheres e filhos”, aponta Levi. Quanto às crianças, o pesquisador afirma que desde pequenas elas “desenvolvem sentimento de liberdade e autonomia e, conseqüentemente, pouca disposição de seguirem um líder autoritário”. As reflexões fazem parte da entrevista seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas, especialista em História da América Latina pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, é mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e Universidade de São Paulo - USP, respectivamente, com a tese *Imagens kaiowá do sistema social e seu entorno*. É pós-doutor pela Unicamp e leciona na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. De sua produção bibliográfica, destacamos *Os Terena de Buri-ti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade* (Dourados: Editora da UFGD, 2009). Também é um dos autores de *Ñande Ru Marangatu: laudo pericial sobre uma terra kaiowa na fronteira do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul* (Dourados: Editora da UFGD, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Há um traço comum entre as mães nas diferentes culturas?

Levi Marques Pereira - Creio que sim. Mesmo não entrando nas discussões do campo da biologia, é possível afirmar que nas diferentes culturas

a gestação e a maioria dos cuidados práticos com a criança nos primeiros momentos após o nascimento é realizado pela mãe, especialmente a amamentação, que cria um forte vínculo entre as duas. As distinções de gênero, que propõem a cisão do

mundo humano entre masculino e feminino a partir da significação cultural do dimorfismo sexual, só gradualmente vão se estabelecendo nas crianças. Até que as percepções de gênero e das distinções geracionais comecem a se estabelecer, a identificação da criança com a mãe tende a ser profunda nas diferentes culturas.

IHU On-Line - Qual é o papel e a importância da figura materna na sociedade indígena?

Levi Marques Pereira - O antropólogo sempre começa a responder uma pergunta desse tipo afirmando que isto pode variar muito de uma sociedade indígena para outra. Em geral, as mães indígenas são extremamente cuidadosas com suas crianças, dedicando a elas muito tempo, aplicado em cuidados práticos e rituais. Entre os kaiojá de Mato Grosso do Sul, falantes de língua guarani, a figura materna é bem distinta na nossa própria sociedade. Primeiro porque a profundidade do vínculo da mãe biológica com a criança depende de fatores sociais externos à relação que se estabelece entre elas. A estabilidade conjugal é um dos principais fatores - quanto mais forte for o laço conjugal entre os pais da criança, maior será o vínculo entre a mãe e a criança, o mesmo valendo para a relação entre o pai e a criança. Outro fator é o grau de inserção do casal e os filhos em um núcleo de família extensa ou parentela. Quanto maior for essa inserção, mais destacados serão os papéis e a importância da figura materna na sociedade kaiojá. Assim, a estabilidade conjugal e a inserção do núcleo familiar na parentela são requisitos para plena realização das atribuições que mais dão destaque à figura materna entre os kaiojá. A plenitude da realização a respeito de quando a mulher se torna articuladora da parentela torna-se referência na agregação de seus filhos e netos, demonstrando a capacidade de promover uma convivência harmônica na parentela.

IHU On-Line - Que outras funções a mãe indígena desenvolve na sociedade?

Levi Marques Pereira - A mãe indígena é produtora, geralmente muito en-

“Estabilidade conjugal e a inserção do núcleo familiar na parentela são requisitos para plena realização das atribuições que mais dão destaque à figura materna entre os kaiojá”

volvida nos cuidados com as lavouras, cujo trabalho de derrubada, limpeza e plantio normalmente é realizado pelos homens. Também atua na coleta de frutos e outros recursos existentes no ambiente. A mãe indígena controla o processamento de alimentos, que se realiza no fogo culinário. Controlar o fogo lhe dá a prerrogativa de alimentar os membros de sua família. O fogo também aquece, espanta os insetos, enfim, protege. Por exemplo, entre os kaiojá, as pessoas se sentam ao redor do fogo para tomar mate ao amanhecer ou ao anoitecer, sendo também uma metáfora para a união do grupo familiar, pois nesta roda não costumam sentar pessoas que não pertencem à família.

IHU On-Line - Como os homens indígenas compreendem a figura materna?

Levi Marques Pereira - No caso dos kaiojá, as distinções entre homens e mulheres instauram também algumas hierarquias, muitas vezes questionadas pelas mulheres indígenas, vivenciada de distintas maneiras nas diferentes parentelas. Os homens compreendem que a figura materna é essencial para sua sociedade. Tal figura se inspira no comportamento dos deuses, que nos patamares celestes vivem com suas mulheres e filhos. Os xamãs kaiojá, homens e mulheres, visitam as famílias divinas, interagem com elas, observam o modo como se comportam e tentam implantar tais modos nas rela-

ções que estabelecem com seus patrícios humanos.

IHU On-Line - Como funciona a organização social familiar dos kaiojá?

Levi Marques Pereira - Ela é baseada na família extensa ou parentela. Cada parentela é composta por um número variável de famílias nucleares, dificilmente superior a cinquenta. Uma comunidade local, que eles denominam de tekoha, é composta por três a cinco parentelas, aproximadamente. A parentela é organizada por um casal de expressão, que através do carisma agrega o grupo de parentes em torno de si. Ela segue a orientação de desse casal, que tem a atribuição de orientar e aconselhar. O papel da mulher é de suma importância na organização da parentela. Geralmente a esposa do articulador é também articuladora política, além de parteira, e líder religiosa.

IHU On-Line - Afirma-se que as mães indígenas nunca abandonam seus filhos, levando-os para onde quer que vão. Como podemos compreender a relação entre mães e filhos nessa cultura?

Levi Marques Pereira - No primeiro ano de vida a criança passa o tempo todo ao lado da mãe. Muitas a carregam junto ao corpo e ela pode facilmente alcançar o peito e mamar sempre que tiver necessidade. Quando começa a caminhar ela passa a desfrutar de muita liberdade para explorar o ambiente. A educação indígena estimula na criança o senso de cuidado consigo mesma, o que leva a independência precoce (para os padrões praticados na nossa sociedade). É comum ver uma criança muito jovem subindo em árvores, ou mexendo com instrumentos cortantes sem receber represália dos pais. Desde jovem desenvolvem sentimento de liberdade e autonomia e, conseqüentemente, pouca disposição de seguirem um líder autoritário.

IHU On-Line - Quais são os rituais ligados ao nascimento de uma criança indígena?

Levi Marques Pereira - No caso dos kaiojá são muitos os rituais. Eles co-

“A mãe indígena controla o processamento de alimentos, que se realiza no fogo culinário”

meçam desde que a mulher engravida e envolvem regras alimentares e comportamentais que devem ser observadas pela mãe e pelo pai da futura criança. Quando a criança nasce continua a necessidade de observar esses cuidados, que vão se afrouxando à medida que ela cresce. Mais uma vez, vale mencionar que os cuidados são mais observados no caso de casais com maior estabilidade conjugal e que estão mais bem integrados na parentela. A observação de tais cuidados está intimamente relacionada com as expectativas sociais que se projetam para a criança, instaurando processos de diferenciação social desde a primeira infância.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios de uma mulher indígena que é mãe?

Levi Marques Pereira - No caso dos kaiojá parece ser a dificuldade de inserir sua família nuclear em uma parentela com grau mínimo de coesão, dado a enorme fragmentação a que as parentelas estiveram sujeitas com o processo de perda do território. Isto levou ao aumento das separações dos casais e a dispersão das crianças, adotadas por parentes que também muitas vezes não conseguem atender às necessidades básicas das crianças e proporcionar os cuidados rituais para o desenvolvimento satisfatório.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Levi Marques Pereira - Dada as difíceis condições históricas enfrentadas pela maior parte das sociedades indígenas, é possível dizer que as mães têm sido o principal sustentáculo dessas sociedades. São elas as principais responsáveis pela reprodução cultural, ensinando a língua e uma série de procedimentos culturais para as crianças, além de estarem presentes no dia a dia, oferecendo carinho e proteção.

A busca do feminino sem a maternidade

A historiadora Tânia Navarro-Swain acredita que a força das representações sociais incute nas mulheres a compulsão à maternidade e ao casamento como definição do feminino

POR ANELISE ZANONI

Com a chegada da revolução sexual feminina, principalmente com o lançamento da pílula anticoncepcional, começaram as grandes transformações nos cenários até então desenhados para as mulheres. O medicamento, mais seguro que os demais métodos existentes, permitiu a decisão sobre o próprio corpo. Entretanto, para a historiadora Tania Navarro-Swain algumas regras seguiram semelhantes: “o Estado, a medicina e a religião continuam a lutar por suas prerrogativas masculinas de decidir sobre os corpos das mulheres. A sociedade cobra das mulheres a reprodução e as que não têm uma consciência feminista sentem-se inferiorizadas, excluídas dos laços sociais”, afirma.

Em entrevista por e-mail para a **IHU On-Line**, a pesquisadora feminista considera que a maternidade é parte das possibilidades de uma mulher, não uma obrigação ou um elemento constitutivo como ser humano.

“Uma vez que as mulheres se desfaçam da obrigação incontornável de casar e ter filhos, como essência de ser-no-mundo, elas passam a decidir de seus afetos e de seus engajamentos”, diz. Além disso, para ela, a força das representações sociais que incute nas mulheres a compulsão à maternidade e ao casamento como definição do feminino é forte demais para que as estruturas familiares tradicionais sejam completamente rompidas e substituídas.

Pós-doutora em estudos femininos pela Universidade de Québec, no Canadá, e em história na Universidade de Montreal, no mesmo país, Tânia Navarro-Swain é professora da Universidade de Brasília - UnB e atua nas áreas de epistemologia feminista, sexualidade, gênero, história das mulheres, teoria e metodologia da história. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender os impactos da pílula anticoncepcional na liberação sexual das mulheres e, como consequência, na construção de uma mãe moderna?
Tânia Navarro-Swain - A pílula anticoncepcional foi um instrumento para que as mulheres se reapropriassem de seus corpos. De fato, na modernidade, as mulheres têm sido vinculadas a seus aparelhos

genitais na definição do feminino. Desprovidas de razão, seu destino era o biológico, procriar e servir no domínio do privado, no âmbito do doméstico. A gravidez sucessiva é uma prática patriarcal para manter as mulheres fora do espaço público, um meio de mantê-las sob seu controle e determinar os limites de sua atuação. Neste sentido, a pílula permite às mulheres recuperar seus corpos sem renunciar à sexu-

alidade ou sem sofrer as consequências do poder social conferido aos homens de exigir relações sexuais a seu bel prazer, com consentimento ou sem ele. Assim, este mesmo instrumento, mais seguro que outros existentes, permite que as mulheres decidam quando e se querem engravidar, quando e se querem ter e criar filhos. Mas se nos países ocidentais existe esta possibilidade, em muitíssimos países as mulheres só existem em função da reprodução e de preferência de meninos, como na China, na Índia e nos países muçulmanos. De toda maneira, o acirramento patriarcal para impedir o aborto quando de uma gravidez indesejada - a pílula falhou ou não foi tomada - é a prova concreta de que a posse e o controle dos corpos das mulheres devem ficar em mãos masculinas. O Estado, a medicina e a religião continuam a lutar por suas prerrogativas masculinas de decidir sobre os corpos das mulheres.

IHU On-Line - Para algumas mulheres ser mãe ainda é uma obrigação social. Como você avalia esse pensamento?

Tânia Navarro-Swain - Como as mulheres foram definidas em relação à procriação, aquelas que não têm uma prole sentem-se fora do modelo da “verdadeira mulher”, esposa, mãe. Neste sentido, a sociedade cobra das mulheres a reprodução e as que não têm uma consciência feminista sentem-se inferiorizadas, excluídas dos laços sociais. Como feminista, considero que a maternidade é parte das possibilidades de uma mulher, não uma obrigação, nem um elemento constitutivo como ser humano.

IHU On-Line - Muitos pesquisadores afirmam que a falta de limites e a educação transgressora das crianças têm a ver com esse novo papel dos pais. Qual sua avaliação?

Tânia Navarro-Swain - Não vejo nenhum novo papel do pai. Ao contrário. Os pais, em grande número, estão ausentes da educação ou têm uma figura de punição e violência. Dos trabalhos domésticos, recusam-se a participar e dão um exemplo

“A força das representações sociais que incute nas mulheres a compulsão à maternidade e casamento como definição do feminino”

pernicioso aos meninos das famílias de uma divisão de trabalho desigual. Perpetuam assim, em casa, a hierarquia e a importância dada ao masculino. Se a educação das crianças tem sido considerada uma questão feminina - erroneamente -, hoje a mãe deve não só trabalhar fora, como assegurar um mínimo de higiene, alimentação e conforto nos lares. De toda forma, esta tarefa deveria ser dividida igualmente, se as famílias fossem constituídas fora do esquema patriarcal de divisão de trabalho. Existe um sopro de violência que penetra em todas as esferas sociais: as escolas são um exemplo disto, a mídia, a TV, os filmes só falam de morte, sangue, drogas, polícia e bandidos. De fato, hoje, a escola e a mídia são os educadores e a permissividade é uma consequência disto.

Por outro lado, uma outra face da questão é que no Brasil há uma falta generalizada de educação das crianças para o convívio social: é permitido às crianças gritar, espernear, exigir, as famílias e a sociedade o aceitam; o convívio com crianças brasileiras é penoso, barulhento, quase incontrolável. Talvez a “nova atitude” dos pais (mãe e pai) seja a de uma permissividade, que faz crer às crianças que elas podem tudo, experimentar tudo, vencer tudo. Mas aí já estou saindo de minhas competências de análise.

IHU On-Line - As mudanças nos padrões de sexualidade são capazes de mudar a estrutura das famílias. E como fica a relação homem/mulher?

Tânia Navarro-Swain - Apenas mudanças nos padrões de sexualidade não mudam a estrutura das famílias se as representações sociais de feminino, demasculino, de hierarquia não forem transformadas igualmente. A relação homem/mulher ficou apenas um pouco mais livre. As teorias feministas apontam para uma “heterossexualidade compulsória” que obriga ou força a união entre mulheres e homens para que respondam às normas e às representações de feminino e masculino no sistema social. Ou seja, esta heterossexualidade institui os papéis sociais, de forma hierárquica, bem como as normas e comportamentos aceitáveis. É a base do patriarcado, com o controle e a apropriação social dos corpos e do trabalho das mulheres. Assim, uma vez que elas se desfaçam da obrigação incontornável de casar e ter filhos, como essência de ser-no-mundo, elas passam a decidir a respeito de seus afetos e de seus engajamentos; passam a decidir o que querem e pretendem fazer de seus corpos e suas vidas. A força das representações sociais que incute nas mulheres a compulsão à maternidade e casamento como definição do feminino é ainda forte demais para que as estruturas familiares tradicionais sejam completamente rompidas e substituídas por variáveis múltiplas. Entretanto, é cada vez maior o número de mulheres que formam famílias monoparentais. Isto é, mulheres que se recusam ou se ausentam de relações permanentes que se fundam em uma hierarquia familiar, onde o homem é depositário da autoridade. Assim, as relações passam a ter um caráter mais igualitário.

IHU On-Line - As constantes mudanças na estrutura social, principalmente dentro da família, podem influenciar atitudes de risco dos filhos, como o uso de drogas e o gosto por atividades perigosas?

Tânia Navarro-Swain - A incrível violência doméstica que se abate sobre as mulheres e crianças, e que hoje se torna cada vez mais visível - incita ao uso de drogas e à delinquência juvenil, a meu ver. A mudança mais

“O Estado, a medicina e a religião continuam a lutar por suas prerrogativas masculinas de decidir sobre os corpos das mulheres”

significativa na estrutura familiar é a maior participação das mulheres no mercado formal do trabalho e sua independência econômica cada vez mais ampla. Os homens aceitam com dificuldade esta mudança e a violência contra as mulheres tem crescido de forma exponencial. É igualmente o crescente número de mulheres que são as provedoras únicas ou principais da sobrevivência familiar. Porém, no imaginário social o masculino é preponderante, e a representação social familiar básica é a ordem do pai. Assim, nada mudou, pois nas famílias os homens continuam a manter intacta a divisão de trabalho familiar, da qual se ausentam e cultivam seu papel de autoridade e poder, cujo eixo principal é a violência. De modo que há um desdobramento desta imagem, cada vez mais negativa entre a juventude, que sofre com a violência familiar e social e a reproduz.

Os discursos sociais que alegam uma desestruturação familiar por causa da crescente presença e participação das mulheres no mercado de trabalho não são mais uma artimanha do poder para culpá-las e trazê-las de volta ao “bom caminho” da “verdadeira mulher”: esposa e mãe. Esta é mais uma tentativa de fazer retroceder as conquistas das mulheres, pois a independência econômica é essencial para a autoestima, e sua afirmação enquanto sujeitos políticos.

A necessidade de repensar a cesariana

A psicanalista Viviane Fernandes Silveira acredita que, tão perigoso quanto não questionar a cesariana, é garantir estilos de parto com antecedência, sem perceber a possibilidade de perdas incontornáveis

POR ANELISE ZANONI

Para poder se organizar e até mesmo evitar o sofrimento da hora do parto, as mulheres brasileiras são líderes mundiais em cesariana. O número chega a 90% em hospitais particulares, quando o indicado pelo Ministério da Saúde é de 15%. Discutir a prática e avaliar os riscos e consequências dessa modalidade é a proposta da psicanalista Viviane Fernandes Silveira.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line** a especialista afirma que as estatísticas apontam para um problema “que alcança a dimensão da saúde, a clínica psicanalítica e a educação”, tendo reflexos na constituição de um sujeito da aprendizagem do lado do bebê. Nessa perspectiva, o nascimento humano é viabilizado sobretudo a partir de posicionamentos subjetivos, hipóteses dos pais e entorno sobre o bebê.

“O nascimento é prova inaugural na qual a criança será empurrada a começar a simbolizar como maneira de dar conta do desamparo causado por todas as novidades com as quais passa a se deparar”, diz a psicanalista.

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Viviane Fernandes Silveira é mestre em Psicologia pela UFRGS e faz doutorado na mesma área da instituição. Atualmente trabalha em uma proposta de tese chamada: *“Como nasce o brasileiro (hoje)? Uma leitura psicanalítica do ato do nascimento à luz do fantasma da colonização no Brasil*. Confira a entrevista.

IHU On-Line _ É cada vez mais comum futuras mães negarem a possibilidade de fazer o parto normal. Quais as consequências disso para o desenvolvimento da relação mãe e bebê?

Viviane Fernandes Silveira - Se de um lado a escolha do formato do parto é algo absolutamente particular e está ligado às exigências psíquicas, heranças transgeracionais, culturais de cada mãe, pai e entorno, os índices atuais brasileiros são preocupantes e sinalizam mais que formações

sintomáticas de algumas famílias. Eles sugerem a dimensão de um problema social e efeitos em larga escala. O fato de sermos um dos líderes mundiais em cesariana, chegando a 90% em hospitais particulares, quando o indicado pelo Ministério da saúde é não passarmos de 15%, já aponta para um problema que alcança a dimensão da saúde, a clínica psicanalítica e a educação, não apenas dos profissionais envolvidos com o tema, assim como os efeitos destes posicionamentos nas possibilidades da cons-

tuição de um sujeito da aprendizagem do lado do bebê.

Creio que para pensarmos este tema precisamos partir de leituras desde a antropologia do nascimento, passando pela clínica psicanalítica e elementos constitutivos da subjetividade de cada cultura, no caso, a brasileira. Há 2 bilhões de anos, com o evento da bipedalidade e encefalização, a pélvis humana passou a ser mais constricta, o caminho da saída do bebê mais sinuoso e o tamanho craniano duplicou. Em função do aumento da dificuldade, o nascimento passa a ocorrer quando o bebê tem por volta de nove meses e, portanto, existe toda uma prematuridade neuro-sensorial. Com isto o entorno precisa de uma organização específica para proteger o bebê que necessita de cuidados diferenciados, viabilizando, assim, a preservação da espécie. Alguns autores apontam para o parto como a cicatriz da evolução humana e da constituição da família.

O processo da gestação envolve muito mais que a constituição de tecidos orgânicos, assim como o nascimento será muito mais que a expulsão do bebê e placenta do corpo materno. O nascimento humano é viabilizado, sobretudo, a partir de posicionamentos subjetivos, hipóteses dos pais e entorno sobre o bebê. Para cumprirmos algo da nossa missão de nos humanizarmos, antes de qualquer coisa, respondemos a endereçamentos que nos são feitos, pedidos, apostas, leituras das quais participamos ativamente. Assim, na gestação estas interações se presentificam quando a criança se movimenta, com as teorias que os pais fazem sobre como já é esse bebê, o que prefere, do que já sabe, como por exemplo, as vozes que já reconhece.

Um aspecto central do nascimento é a dimensão do sexual, elementos transgeracionais, teorias particulares e a dimensão do saber, da mãe, do pai, do entorno e do bebê. Quando a mãe abre totalmente mão de participar do momento do parto com suas forças, contrações, dores, com seu corpo em todas as dimensões, com seu saber feminino e entrega este ato na mão de outros, o que se pode pensar? Aliás, neste sentido, poderíamos nos perguntar se as brasileiras perderam a competência para parir, já que nas

“A mãe atual está defrontada com muitos desafios que não são mais o de sair da posição de mulher não considerada como sujeito”

últimas décadas a escolha por partos intervencionistas, cirúrgicos e medicamentosos roubaram a cena do parto contrastando com o método utilizado desde os primórdios da civilização.

Então, um ponto importante para os efeitos da cesariana enquanto escolha sintomática e massificada é o lugar do saber, das teorias sexuais infantis, da presentificação do corpo, da dimensão da dor (crucial para a questão dos limites e riscos na constituição de uma criança) nas trocas mãe-bebê.

O nascimento é prova inaugural na qual a criança será empurrada a começar a simbolizar como maneira de dar conta do desamparo causado por todas as novidades com as quais passa a se deparar: fome, frio, sensações cutâneas, respiração, deglutição, estímulos, intensidades externas e internas. Ele tem um lugar importante demais para ser tratado de maneira ausente sem a presentificação adequada dos tão sérios elementos que estão em questão.

IHU On-Line - A cesariana é um reflexo da sociedade moderna, em que precisamos agendar compromissos e períodos da vida?

Viviane Fernandes Silveira - Este é um dos elementos da atualidade na formação dos sintomas, inclusive na problemática do nascimento do humano. Questões mercadológicas, horários de consultório e finais de semana dos profissionais, também podem contar, assim como aspectos financeiros. No entanto, um ponto que creio ser válido levantar, é o que proponho na minha pesquisa que se chama “Como nasce o brasileiro (hoje)? Uma leitura psicanalítica à luz do fantasma da coloniza-

ção no Brasil”. Não podemos pensar as formações sintomáticas fora da cultura na qual estamos inseridos. Se aproximarmos, por exemplo, alguns dos elementos do nascimento coordenado por figuras masculinas que utilizam instrumentos e drogas para fazer um trabalho que, muitas vezes, deveria ser feito com o corpo, investimento, excitação, forças, crenças e saberes da mãe, do pai e do entorno do bebê, além dele mesmo, subtraindo desta cena elementos importantes da constituição psíquica e dos laços humanos, se aproximarmos estes elementos por muitos considerados como parte de um nascimento violento, de aspectos das origens do nascimento do Brasil, poderíamos fazer algumas hipóteses.

Nosso país tem grande parte de suas origens em meio a uma cena de violência, em uma época em que os valores são deslocados do ser para o ter e, assim, de um lado, os colonizadores lançam-se em aventuras em busca de prestígio e poder. De outro, do lado dos habitantes que se encontravam em nossa terra, o que ocorre é a usurpação, o desconhecimento do saber já existente, um encontro ilegítimo entre a índia e o branco. Alguns aspectos apontados por autores que pensam sobre as origens da subjetividade brasileira, é a posição melancólica na qual se olha para o saber que vem de fora, de um outro, como superior ao saber próprio. As repetições destes elementos de violência em diversos âmbitos seriam em grande parte consequência de uma história da qual não se pode falar.

Perguntar que elementos da constituição do brasileiro colaborariam para este fenômeno social do parto, parece-me uma possibilidade de leitura e intervenção.

IHU On-Line - É possível compensar “as perdas” que se tem com o nascimento por cesariana?

Viviane Fernandes Silveira - Tanto perigo quanto não questionar a cesariana seria garantir que este ou aquele caminho deve ser tomado, sem o quê, estaremos defrontados com perdas incontornáveis. Em diálogo com profissionais que apóiam firmemente o parto vaginal, acabo sempre pensando que se trata de uma discus-

são muito delicada e, na qual, agora em meio a minha investigação, ousou apenas seguir fazendo perguntas e localizando alguns indícios. Na medida em que o que constitui psiquicamente é o jogo de posições subjetivas que o bebê faz com aqueles que operam as funções maternas e paternas, assim como as capacidades e responsabilidades do próprio bebê, o modo como vão se desenrolar estas cenas que duram anos, será crucial para todos os bebês, independentemente do formato de seus partos. Deste modo, o nascimento cirúrgico estará presente na história dessas famílias que por algum motivo o vivenciaram, mas se puderem pensar, falar, inclusive sobre ele, assim como investir ritmicamente nas trocas com a criança fazendo operar as funções cruciais para sua humanização, então a cesariana será um elemento levado em consideração de modo humanizado, o que evidentemente faz diferença.

IHU On-Line - Mães que optam por barrigas de aluguel podem sofrer com o relacionamento com a criança?

Viviane Fernandes Silveira - Preços e conseqüências estão sempre presentes nas escolhas, no entanto, acredito que o lugar que a mãe vai dar a esta escolha em meio as suas trocas com seu homem, com a comunidade, é o que pode definir melhor o destino desta sua escolha. Possivelmente em algumas décadas teremos mais precisamente a dimensão dos efeitos dos novos métodos de fertilização. No entanto, não me parece que algo na dimensão humana possa fugir muito à questão da responsabilização, possibilidade de falar e presentificar os próprios atos, formulando elementos subjetivos, apropriações que dêem suporte a sustentação de posicionamentos humanizados nestas trocas com as crianças em constituição.

IHU On-Line - Na sua opinião, qual o papel do pai nessa relação moderna entre mães e filhos?

Viviane Fernandes Silveira - Na leitura psicanalítica o que está em jogo são sempre as funções que podem operar efeitos de humanização: função materna e função paterna. Elas são desempenhadas por representantes, pessoas de carne e osso que têm condições de intervir junto

à criança de modo a conferir a esta um lugar de alguém que é único e que possui um saber sobre si e sobre o mundo que ninguém mais, como por exemplo, a mãe, possui.

Deste modo o papel da função paterna segue sendo o mesmo: mediar as trocas da criança com aquela que faz a função materna. Originalmente o pai, na medida em que tinha um lugar no desejo da mãe por ser seu homem e com isto ela carregava a marca do seu desejo por ele e do desejo dele por ela, este pai interditava as trocas mãe-bebê em solidariedade com o filho. No entanto, este terceiro que faz furo na possibilidade da completude entre mãe e criança (e que tem suas origens também nas possibilidades psíquicas anteriores da mãe ao próprio laço conjugal) pode ser, especialmente na atualidade representado de muitas formas. Assim, marido, novo companheiro, vida profissional, dentre outros, são elementos terceiros que operam intervalos nas trocas mãe-bebê.

A função paterna é aquela que será operada por um representante da lei, um embaixador desta, nestes endereçamentos mãe-bebê. Ele viabiliza que a criança, assim limitada, por que diante de uma mãe faltante, desconhecida, possa desejar saber, possa filiar-se a uma tradição, identificar-se a figuras do seu entorno, e deste modo, tenha condições de caminhar rumo ao mundo em nome de uma dívida simbólica com a dimensão da cultura.

IHU On-Line - Qual sua avaliação sobre mães que optam por não ter parceiros na hora da concepção (que usam métodos como a fertilização in vitro)?

Viviane Fernandes Silveira - Seria preciso perguntarmos sobre o que determinou a escolha, ao que esta vem responder e que lugar ocupa em meio às exigências psíquicas desta mãe. De qualquer modo, tendo em vista que sem a dimensão da diferença, terceira, situada para a mãe, caso esta mãe tome o filho como objeto do qual pode se apropriar, teremos elementos para que esta dimensão paterna que introduz a lei, o social, a possibilidade para a aprendizagem, para o saber próprio, não se instaure. E neste caso o risco de um fracasso importante na

constituição psíquica, com conseqüências graves para o resto da vida da jovem humano, estará presente.

IHU On-Line - Como você percebe a constituição da família hoje, especialmente o papel de mãe?

Viviane Fernandes Silveira - De um lado as funções materna e paterna, assim como os complexos que operam a constituição psíquica dentro da instituição da família seguem cumprindo suas funções. De outro há evidentemente particularidades da atualidade, tais como o papel da vida profissional da mãe, intermináveis possibilidades de rearranjos conjugais e novos núcleos familiares, assim como a inserção cada vez mais precoce das crianças nas escolas e em muitos casos demandas novas endereçadas ao social em torno dos cuidados e responsabilidades diante dessas crianças, que até alguns anos atrás eram cumpridas pelo grupo familiar.

Se pensarmos a função materna como aquela na qual quem a opera presentifica para a criança em constituição suas experiências, tais como vivências sensoriais, a dimensão do corpo, da dor, do risco, do desconhecimento, penso que há alguns pontos que podem vir a colocar interrogações, por exemplo, como fica a qualidade das trocas em meio a exigências do mercado de trabalho, da questão do capitalismo e objetualização das trocas humanas, ou até mesmo demandas sociais de grandes desempenhos infantis em suas aquisições, aprendizagens, aspectos estéticos, dentre outros. Acredito que a mãe atual está defrontada com muitos desafios que não são mais o de sair da posição de mulher não considerada como sujeito, sem lugar no social, nas produções intelectuais. Parece-me que a questão seria bem mais ajudar seu filho a reconhecer aberturas e absurdos, possibilidades fantásticas do mundo atual, assim como armadilhas mortíferas e situações de desumanização e violência que com alguma facilidade passam como desprovidas de conseqüências. Acredito que um dos maiores méritos da mãe na atualidade é situar para o filho o peso dos atos, a responsabilidade, a dimensão do perigo e do ser capaz de colocar-se no lugar do outro.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Criação animal intensiva. Um outro Holocausto?

Animais não humanos sofrem tanto quanto nós; precisamos ter senso mais inclusivo que abranja os seres sencientes, pondera o filósofo inglês David Pearce. Carne in vitro é uma das propostas para extinguir a criação de animais para consumo humano

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

Uma eterna Treblinka. Assim é a vida dos animais criados para alimentar as pessoas, dispara o filósofo britânico David Pearce. “Suspeito que nossos descendentes venham a considerar o modo como seus ancestrais trataram membros de outras espécies não apenas como não ético, mas como um crime no mesmo nível do Holocausto”, afirmou na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Em seu ponto de vista, não é preciso que o ente seja inteligente para sofrer profunda aflição: “uma convergência de indícios evolutivos, comportamentais, genéticos e neurocientíficos sugere que os animais não humanos que exploramos e matamos sofrem intensamente - da mesma maneira como ‘nós’”. Assim, é necessário desenvolver um “senso mais inclusivo e solidário de ‘nós’ que abranja todos os seres sencientes”. E completa: “as limitações intelectuais de animais não humanos são uma razão para lhes dar maior cuidado e proteção, não para explorá-los”. Pearce questiona, também, sobre o sentido ético de consumir carne: “o prazer que muitos consumidores têm ao comer carne de animais mortos tem moralmente mais peso do que o sofrimento embutido em sua produção?” Uma de suas ideias é a produção de carne in vitro, alimentação “isenta de crueldade” que daria um passo importante para o desenvolvimento da civilização. “Os maiores obstáculos a um mundo sem sofrimento serão éticos e ideológicos, não técnicos”, emenda.

David Pearce é filósofo e pesquisador inglês, representante do chamado “utilitarismo negativo” em ética. Destacou-se em 1995, ao escrever um manifesto online nomeado *The hedonistic imperative*, no qual defendeu a utilização de biotecnologias para abolir o sofrimento em toda a vida senciente. Os principais escritos de David Pearce baseiam-se na ideia de que há um forte imperativo moral que impede os seres humanos a abolirem o sofrimento em toda a vida senciente. Em 1988, com Nick Bostrom, fundou a Associação Mundial Transumanista. Para maiores informações, consulte o site <http://www.abolitionist.com>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que aspectos o abolicionismo e o veganismo são importantes na construção de uma sociedade mais ética e solidária em nossos dias?

David Pearce - Tomemos um exemplo concreto: um porco. Um porco tem a capacidade intelectual - e, criticamente, a capacidade de sofrer - de uma criança pequena de 1 a 3 anos. Nós reconhecemos que as crianças pequenas têm direito a amor e cuidado. Em contraposição a isso, criamos intensivamente em confinamento e ma-

tamos milhões de porcos usando métodos que acarretariam uma sentença de prisão perpétua se nossas vítimas fossem humanas. É claro que um porco não é um membro de “nossa” espécie. Mas a questão não é se existem diferenças genéticas entre membros de raças ou espécies diferentes, mas se essas diferenças são *moralmente* relevantes. Diferentemente dos humanos, os animais não humanos carecem da estrutura neocortical que possibilita o uso da linguagem. Entretanto, por que esse módulo funcional haveria

de conferir alguma espécie de status moral singular a seu proprietário? Deveriam os surdos-mudos humanos ser tratados da forma como tratamos os “animais irracionais”? Intuitivamente, nós imaginamos que os seres humanos sejam “mais conscientes” do que os não humanos que exploramos. Isto é porque a maioria dos adultos humanos são mais inteligentes do que a maioria dos animais não humanos. Mas existe qualquer prova dessa ligação entre destreza intelectual e intensidade de consciência? O que é notável é como

as mais “primitivas” experiências pelas quais passamos - por exemplo, a agonia pura ou o pânico cego - são também as mais intensas, ao passo que as mais cerebrais - por exemplo, a geração de linguagem ou a demonstração de teoremas matemáticos - são fenomenologicamente tão tênues que quase não são acessíveis à introspecção. Em suma, não é necessário ser inteligente para passar por profunda aflição. Uma convergência de indícios evolutivos, comportamentais, genéticos e neurocientíficos sugere que os animais não humanos que exploramos e matamos sofrem intensamente - da mesma maneira como “nós”. Portanto, o que se faz necessário, em minha opinião, é um senso mais inclusivo e solidário de “nós” que abranja todos os seres sencientes.

Abolicionistas e veganos

Um consumidor de carne poderia responder que nós deveríamos valorizar uma criança pequena mais do que um animal não humano funcionalmente equivalente porque a criança humana tem o “potencial” de se tornar um ser humano adulto intelectualmente maduro. Mas este argumento simplesmente não funciona, pois nós reconhecemos que uma criança com uma doença progressiva que nunca completará 3 anos é digna de amor e respeito da mesma forma que as crianças que estão se desenvolvendo normalmente. Dentro da mesma lógica, as limitações intelectuais de animais não humanos são uma razão para lhes dar maior cuidado e proteção, não para explorá-los.

Talvez uma observação terminológica seja útil neste ponto. O termo “vegano” está bastante bem definido. Um vegano é um vegetariano rigoroso que não consome produtos de origem animal. Em contraposição a ele, o termo “abolicionista” tem sentidos múltiplos. Dois deles são relevantes neste contexto. Um sentido se deriva da bioética: os abolicionistas creem que deveríamos usar a biotecnologia para eliminar progressivamente todas as formas de sofrimento, tanto humano quanto não humano. O segundo sentido se deriva dos textos do jurista

“Se vejo um açougue ou carne de qualquer espécie, penso em Auschwitz”

americano Gary Francione¹. Francione sustenta que os animais não humanos só precisam de um direito, a saber, o direito de não ser considerados propriedade. Por conseguinte, deveríamos abolir o status dos animais não humanos como propriedade. Bem, certamente é viável ser abolicionista em ambos os sentidos. Mas eles refletem perspectivas diferentes: é possível ser abolicionista num sentido, e não no outro.

IHU On-Line - Por que não deveríamos comer produtos de origem animal?

David Pearce - Atualmente, milhões de pessoas no mundo desfrutam de um estilo de vida vegano isento de crueldade. As tradições culturais do subcontinente indiano são em grande parte veganas. Uma minoria pequena mas crescente de pessoas no mundo ocidental também adotaram um estilo de vida vegano isento de crueldade. Comer, ou não, produtos de origem animal é, em última análise, uma questão de opção. Abrir mão de alimentos de origem animal não exige um sacrifício pessoal heroico, mas meramente uma branda inconveniência pessoal. Na verdade, se a pessoa se der o trabalho de explorar a culinária vegana, verá que há uma variedade imensa de pratos entre os quais se podem escolher. Afinal, há literalmente milhares de vegetais ou verduras diferentes, mas apenas alguns poucos tipos de carne. Então, em termos éticos, acho que temos de perguntar o seguinte: o prazer que muitos consumidores têm ao comer carne de animais mortos tem moralmente mais peso do que o sofrimento embutido em sua produção? Podemos alguma vez jus-

tificar a “posse” de outro ser senciente - quer humano, quer não humano? Segundo que direito?

Não vou tentar me confrontar aqui com os amoralistas ou os niilistas morais. Os niilistas morais sustentam que todos os juízos de valor são puramente subjetivos, isto é, nem verdadeiros, nem falsos. Mas até mesmo eles normalmente deploram o abuso de crianças. Na medida em que o abuso de crianças é moralmente errado, é arbitrário negar que o abuso de criaturas funcionalmente equivalentes também seja moralmente errado.

IHU On-Line - Quais são os diferentes desafios dessas duas correntes hoje, frente à indústria da carne e as plantações massivas de soja e milho, cultivadas para alimentar o gado?

David Pearce - Talvez o desafio mais desanimador seja a apatia moral. George Bernard Shaw observou sagazmente que “o costume reconcilia as pessoas com qualquer atrocidade”. Infelizmente, essa observação não é menos verdade hoje em dia. Se pressionadas, muitas pessoas - talvez a maioria das pessoas - reconhecerão que a criação intensiva de animais em confinamento é cruel. Mas, na maior parte, depois elas vão encolher os ombros e continuar a consumir carne e produtos de origem animal como antes. Outros consumidores de carne parecem imaginar que a criação intensiva de animais em confinamento é apenas um pouco superlotada e que o “gado” é sacrificado sem dor, como um animal de estimação doente que sofre a eutanásia nas mãos de um veterinário gentil. Poucos e poucas de nós jamais estiveram dentro de um matadouro.

Nem todos os consumidores de carne estão tão pouco dispostos a se envolver com argumentos morais. Alguns intelectuais consumidores de carne tentam racionalizar o egoísmo com a chamada Lógica da Despesa [<http://acessa.me/daw4>]. A Lógica da Despesa é o argumento de que, se os animais não humanos não fossem criados em escala industrial para nosso consumo, eles não existiriam - o que se pressupõe, neste caso, é que a vida na criação intensiva em confinamento vale ao menos minimamente a pena viver.

¹ Gary Francione (1954): advogado norte-americano, conhecido por seu trabalho sobre a teoria dos direitos animais. Foi o primeiro acadêmico a lecionar esse tema em uma faculdade de Direito americana. (Nota da IHU On-Line)

Assim, em algum sentido, nossas vítimas estão, sem querer, em dívida conosco. Assim como é formulado, esse argumento justificaria que se criassem bebês para consumo humano, e não apenas animais não humanos. Por analogia, o argumento também permitiria a escravidão humana, ao menos se os escravos fossem criados para essa finalidade. Mais relevante, porém, é que os animais criados intensivamente em confinamento passam quase toda a sua vida abaixo do “zero hedônico”. Em muitos casos, a aflição deles é tão desesperada que precisam ser impedidos de se automutilar. A crença de que os seres humanos estejam fazendo alguma espécie de favor aos animais criados em escala industrial exige uma extraordinária capacidade de enganar a si mesmo.

Sofrimento institucionalizado

Vale a pena enfatizar que a miséria suportada por animais criados intensivamente em confinamento é sofrimento institucionalizado, e não apenas um “abuso” isolado. As empresas da “indústria” da carne têm uma obrigação jurídica de maximizar os lucros dos acionistas. Mesmo que essas empresas quisessem tratar os animais cativos menos insensivelmente, essas reformas seriam contrárias à lei se as medidas de bem-estar diminuíssem o retorno para os acionistas, uma vez que o custo tiraria as firmas “ineficientes” do mercado.

IHU On-Line - O que se pode fazer, então?

David Pearce - Bem, creio que uma estratégia de mão dupla é vital. Por um lado, precisamos usar argumentos morais e campanhas políticas para conscientizar as pessoas da difícil situação dos animais não humanos. Muitos consumidores de carne ficam genuinamente chocados quando veem vídeos saídos clandestinamente de criadouros industriais de animais ou matadouros que mostram o que realmente acontece lá. “Se os matadouros tivessem paredes de vidro, todos nós seríamos vegetarianos”, disse Paul McCartney. Talvez não, mas o processo de conver-

“A crença de que os seres humanos estão fazendo alguma espécie de favor aos animais criados em escala industrial exige uma extraordinária capacidade de enganar a si mesmo”

são certamente se aceleraria.

O que é mais controvertido, entretanto, é minha opinião de que nós precisamos de uma opção de reserva para usar quando a persuasão moral fracassa: tecnologia de produção de carne *in vitro*. O desenvolvimento de carne deliciosa, produzida artificialmente sem uso de crueldade, de um gosto e uma textura que sejam indistinguíveis da carne produzida a partir de animais intactos será potencialmente escalável, sadia e barata. A primeira conferência mundial sobre produção de carne *in vitro* foi realizada em Oslo, na Noruega, em 2008. Eu urgiria todo o mundo a apoiar a New Harvest [<http://www.new-harvest.org/>], a organização sem fins lucrativos que está trabalhando para desenvolver carne produzida em laboratório.

Poder-se-ia supor que a maioria dos consumidores jamais venha a comer um produto tão “não natural” quando a carne produzida artificialmente chegar ao mercado. Mas um momento de reflexão sobre as condições não saudáveis e não naturais dos animais criados intensivamente em confinamento mostra que o argumento do “desagrado” não pesa muito. Na verdade, nosso sentimento de repugnância pode até atuar a favor dos produtos isentos de crueldade em lugar dos animais abatidos. Se os consumidores soubessem o que entra atualmente em produtos de carne e frango - os úberes das vacas com mastite e tumores que caem dentro do leite, os porcos com tumo-

res que entram diretamente no moedor, a gripe suína (H1N1), o hormônio de crescimento de bovinos, toneladas de antibióticos que diminuem a resistência humana, contaminação desenfreada com *E. coli*, etc. -, não iriam querer comprá-los a preço nenhum. É preciso admitir que com a tecnologia atual só conseguimos produzir carne *in vitro* com uma qualidade semelhante à carne moída; mas no futuro deveria ser possível produzir em massa bifes de primeira qualidade. A maior incerteza são as escalas de tempo.

Treblinka animal

Sei que muitos militantes em defesa dos animais não se sentem à vontade com a perspectiva da produção de carne *in vitro*. Eu também me sinto assim. Será que a clareza moral total não seria melhor? Se vejo um açougue ou carne de qualquer espécie, penso em Auschwitz. Ainda assim, muitos consumidores de carne sentem água na boca ao ver carne de animal morto e afirmam que jamais poderiam abrir mão dela. Do ponto de vista nutricional, isso não faz sentido, mas acho que temos de aceitar o desenvolvimento de carne artificial porque sua fabricação e comercialização em massa possibilitará que as pessoas moralmente apáticas também tenham uma alimentação isenta de crueldade. Quando a maioria da população mundial tiver feito a transição para uma alimentação vegana ou com carne produzida *in vitro*, prevejo que criar outros seres sencientes para o consumo humano será tornado ilegal sob o direito internacional - assim como é o caso da escravidão humana atualmente. É claro que prever os valores de gerações futuras é algo que contém muitas armadilhas. Mas suspeito que nossos descendentes venham a considerar o modo como seus ancestrais trataram membros de outras espécies não apenas como não ético, mas como um crime no mesmo nível do Holocausto. Como observa o autor judeu Isaac Bashevis Singer², ganhador do Prêmio No-

² Isaac Bashevis Singer (1902-1991): escritor judeu-americano. Nasceu na Polônia, mas viveu muitos anos nos Estados Unidos, onde escreveu e publicou sua obra. (Nota da IHU On-Line)

bel, em *The Letter Writer* (1968): “Em relação aos animais, todas as pessoas são nazistas; para os animais, há um eterno Treblinka.”

IHU On-Line - Em que medida a prática do veganismo e o abolicionismo demonstra preocupação com a alteridade e com a saúde do Planeta Terra em sentido mais amplo?

David Pearce - Tanto um estilo de vida vegano quanto um compromisso com o projeto abolicionista em sentido mais amplo certamente podem expressar uma reverência pela vida na Terra. *Ahimsa*, que significa não causar dano (literalmente: evitar a violência - *hi*-*msa*) é uma característica importante das religiões do subcontinente indiano, particularmente do budismo³, do hinduísmo⁴ e em especial do jainismo⁵.

A abolição do consumo de carne vermelha também reduziria os gases emitidos por vacas, ovelhas e cabras que contribuem para o aquecimento global - uma das principais ameaças planetárias com que nos defrontamos nesse século e além dele. Mas a prática do veganismo também pode expressar um ódio puramente secular à crueldade e ao sofrimento. Um ateu cuja vida interior seja um deserto espiritual pode assumir um compromisso com o bem-estar de toda a senciência também. Para ter êxito, precisaremos construir a mais ampla coalizão possível de ativistas e simpatizantes, tanto religiosos quanto seculares.

IHU On-Line - Como podemos compreender o anunciado “pós-humano” no século XXI, quando milhões de pessoas seguem se alimentando

3 Sobre o budismo, confira a entrevista intitulada *O Budismo e “as outras”: em busca de uma teologia das religiões*, concedida por Frank Usarski à edição 334 da Revista IHU On-Line, de 21-06-2010, disponível em <http://bit.ly/jhMl3S>. (Nota da IHU On-Line)

4 Sobre o induísmo, confira a edição 390 da Revista IHU On-Line, de 28-09-2010, disponível em <http://bit.ly/jpt2eP>. (Nota da IHU On-Line)

5 Jainismo ou jinismo: uma das religiões mais antigas da Índia, juntamente com o hinduísmo e o budismo, compartilhando com este último a ausência da necessidade de Deus como criador ou figura central. Considera-se que a sua origem antecede o Bramanismo, embora seja mais provável que tenha surgido na sua forma atual no século V a.C., em resultado da ação religiosa do Mahavira. (Nota da IHU On-Line)

“Ao longo das últimas décadas, milhões de etíopes morreram de ‘escassez de alimentos’, enquanto a Etiópia plantava cereais para vender ao Ocidente para alimentar o gado”

de carne e, portanto, de sofrimento e morte?

David Pearce - A adoção global de uma alimentação isenta de crueldade assinalará uma importante transição evolutiva no desenvolvimento da civilização. Talvez a transição leve séculos. Por outro lado, é possível que uma combinação da militância em favor dos animais e do desenvolvimento de tecnologia de produção de carne *in vitro* produza a revolução alimentar no mundo todo dentro de décadas. Mas tornar-se pós-humano tem um alcance maior do que adotar pessoalmente um estilo de vida isento de crueldade. Os animais que vivem livremente, “selvagens”, muitas vezes também sofrem terrivelmente - através de fome, sede, doença e predação. A vida darwiniana na Terra está baseada na exploração - basicamente, em que criaturas vivas devorem umas às outras. A “cadeia alimentar” poderia parecer um fato perene da Natureza, no mesmo nível da Segunda Lei da Termodinâmica. Isto tem sido verdade ao longo de centenas de milhões de anos. Entretanto, uma reação fatalista à “Natureza vermelha [de sangue] em seus dentes e garras” [alusão ao famoso poema “In Memoriam A. H. H.” de Alfred Tennyson⁶] subestima o inaudito poder transformador da ciência moderna em relação ao mundo vivo. Agora deciframos o código genético, a biotecnologia nos

6 Alfred Tennyson (1809-1892): poeta inglês. Uma das obras mais famosas de Tennyson é *Idylls of the King* (1885), um conjunto de poemas narrativos baseados nas aventuras do Rei Artur e dos seus Cavaleiros da Távola Redonda, inspirados nas lendas antigas de Thomas Malory. (Nota da IHU On-Line)

permite potencialmente reescrever o genoma dos vertebrados, reprojeter o ecossistema global, regular a fertilidade da espécie toda por meio da imun contracepção e, em última análise, abolir o sofrimento em todo o mundo vivo [<http://www.abolitionist.com/reprogramming/>].

Neste momento, essa espécie de cenário parece fantasiosa, para não dizer ecologicamente analfabeta. Mas esse projeto será tecnicamente viável no decorrer deste século. Os maiores obstáculos a um mundo sem sofrimento serão éticos e ideológicos, não técnicos.

IHU On-Line - Em que aspectos o veganismo e o abolicionismo destrodam a condição antropocêntrica do homem?

David Pearce - A tradição judaico-cristã - e, na verdade, todas as religiões abraâmicas - situa o Homem no centro do universo. É difícil reconciliar esta concepção da humanidade com a teoria da evolução por seleção natural e a síntese neodarwiniana. Mas suponhamos que Deus exista. Todas as tradições concordam que o Deus todopoderoso é infinitamente compassivo. Se reles mortais conseguem visionar o bem-estar de toda a senciência, deveríamos supor que Deus seja mais limitado na amplitude ou profundidade de Sua compaixão? Essa limitação da benevolência de Deus não parece coerente. Lembre-se também de que o livro de Isaías prediz que um dia o leão e o cordeiro se deitarão lado a lado. Bem, a engenhosidade humana pode fazer assim - só que não apenas pela oração. Um mundo livre de crueldade só pode surgir pelo uso compassivo da biotecnologia: reengenharia genética obrigatória para carnívoros e outros predadores; controle da fertilidade transespécies, implantes de neurochips, vigilância e rastreamento por GPS, nanorrobôs em ecossistemas marinhos e toda uma gama de intervenções técnicas que estão além da imaginação pré-científica.

IHU On-Line - Como o veganismo pode apoiar uma mudança da forma como as pessoas comem e, também, diminuir a fome no mundo?

David Pearce - Uma transição global para uma alimentação vegana isenta de crueldade não irá ajudar apenas os animais não humanos. A transição também ajudará humanos subnutridos que poderiam se beneficiar dos cereais que atualmente são destinados aos animais criados em escala industrial. Ocorre que a criação intensiva em confinamento não é só cruel, mas também energeticamente ineficiente. Tomemos apenas um exemplo. Ao longo das últimas décadas, milhões de etíopes morreram de “escassez de alimentos”, enquanto a Etiópia plantava cereais para vender ao Ocidente para alimentar o gado. Os hábitos de consumo de carne do Ocidente sustentam o preço dos cereais, de modo que os pobres nos países em desenvolvimento não têm condições de comprá-los. Em consequência disso, eles morrem aos milhões. Em meu trabalho, eu exploro soluções futurísticas, de alta tecnologia para o problema do sofrimento. Mas qualquer pessoa que queira seriamente reduzir o sofrimento tanto humano quanto não humano deveria adotar um estilo de vida vegano isento de crueldade hoje.

LEIA MAIS...

A IHU On-Line publicou outros materiais sobre a temática relacionada ao consumo de carne e o direito dos animais. Confira:

- Por uma ética do alimento. Sobriedade e compaixão. Revista IHU On-Line, 14-08-2006, disponível em <http://bit.ly/m28gQt>
- O impacto ambiental do consumo de carne. Entrevista especial com Sérgio Greif e depoimento de Sonia Montañó, disponível em <http://bit.ly/9VKP14>
- Vegetarianos livres vivem de lixo para reverter o desperdício, disponível em <http://bit.ly/iqp1Yo>
- “Agora, somos quase normais”, disponível em <http://bit.ly/mPnGC7>
- Consumo vegano, disponível em <http://bit.ly/izjFDh>
- Direitos dos animais. Entrevista com Tom Regan disponível em <http://bit.ly/9zjfGf>
- Debate coloca em confronto a pecuária e o vegetarianismo, disponível em <http://bit.ly/kUtAcp>
- Vegetarianismo. Por uma dieta que poupe os animais, disponível em <http://bit.ly/a93LZR>
- Respeito à vida: a necessidade de refletir a cultura de exploração, disponível em <http://bit.ly/9X08G1>
- O avanço do vegetarianismo: evidências de uma revolução cultural, disponível em <http://bit.ly/auEapY>

Simpósio Margens da Palavra: veredas filosófico-literárias no Brasil

Discussões concernentes
à temática Filosofia e
Literatura, com ênfase na
produção literária nacional,
em especial, na obra de
João Guimarães Rosa.

Data: 10 de maio de 2011
14h às 17h - Comunicações
17h30 às 19h - Grupo
Hermenêutica e Filosofia
Unisinos

Informações em
www.ihu.unisinos.br

Terra Habitável

Sol, fonte renovável de energia, vida, e espiritualidade

“A energia nuclear é uma escolha energética em direção à morte e não à vida”, constata o engenheiro italiano Enrico Turrini

POR CESAR SANSON E MOISÉS SBARDELOTTO

A energia nuclear é “uma escolha energética em direção à morte e não à vida”, segundo o engenheiro italiano Enrico Turrini. Ele poderia ser chamado de “convertido energético”: após trabalhar em uma usina nuclear da Europa, se deu conta de que um reator, mesmo projetado com sistemas avançados de segurança, jamais poderá oferecer garantias aos seres que vivem ao seu redor.

Assim, indo em direção contrária, Turrini, em entrevista à **IHU On-Line**, defende uma valorização das fontes renováveis, “todas solares”, como as energias fotoelétrica, térmica, eólica, hídrica e de biomassa. “Por quê? As fontes solares são totalmente limpas, distribuídas de forma diferenciada em todo o Planeta, superabundantes e inexauríveis, enquanto o Sol existir”, afirma.

No fundo, porém, Turrini encontra nessa sua opção teórica um gesto prático de uma escolha espiritual: as energias fósseis são “uma escolha totalmente contrária a uma visão ética de grande valor como o que Jesus nos propõe”. Ao contrário, defende, “o Sol é uma fonte de espiritualidade”. “O que ele nos oferece e o que ele nos ensina estão em plena concordância com o que Jesus nos propõe nos Evangelhos. É uma espiritualidade que se manifesta olhando para a Natureza que vive da energia do Sol. Todos os seres gozam dessa energia de formas diferentes e podem compartilhá-la”. Além disso, o Sol também “nos oferece toda a sua energia com amor, porque a presenteia a todos, sem privilegiar ninguém e de forma diversificada”, sintetiza.

Engenheiro italiano, Enrico Turrini é doutor em eletrotécnica e foi presidente da associação internacional Associação Europeia para as Energias Renováveis - Eurosolar, fundada em 1988 e dedicada à substituição das energias nuclear e fóssil por energias renováveis. Também é ex-presidente da Câmara de Recursos Físicos do Escritório Europeu de Patentes, de Munique, na Alemanha. Colabora atualmente com a ONG Cubasolar e com projetos de difusão de energias renováveis na Europa e em Cuba. É também ex-membro do comitê científico da Universidade Internacional das Instituições dos Povos pela Paz - Unip, na Itália, e militante dos movimentos pacifistas pelo desarmamento e pela solidariedade internacional. É autor, em português, de *O Caminho do Sol: O Uso da Energia Solar* (Ed. Vozes, 1993). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais foram as motivações que o fizeram estudar e se especializar no setor de energia nuclear? Da sua experiência de vida, o que o levou a se convencer de que essa matriz energética é uma ameaça para a humanidade?

Enrico Turrini - Nasci no Norte da Itália, em 1938. Estudei engenharia com prazer e, em 1962, fiz o doutorado em eletrotécnica. Ofereceram-me depois uma atividade de pesquisa

e trabalho relacionada com a segurança dos reatores nucleares. Comprometi-me por mais de dez anos nesse campo, primeiro na Itália, em Roma, e, depois, na Bélgica, em Bruxelas. Pensava que pudesse ser uma escolha energética válida. Essa atividade, todavia, permitiu que eu abrisse os olhos para os imensos perigos do uso da energia nuclear, e estou cada vez mais convencido disso, continuando ainda agora a me

manter atualizado sobre os últimos desenvolvimentos dessa tecnologia. Trata-se, na verdade, de uma escolha energética em direção à morte e não à vida. De fato, pude me dar conta de que um reator, mesmo que se busque projetá-lo com sistemas avançados de segurança, jamais poderá dar garantias nesse campo.

Na reação em cadeia com os átomos de urânio 235, produz-se um forte calor que permite colocar em

funcionamento uma turbina e, em seguida, um alternador para produzir energia elétrica, e formam-se grandes quantidades de dejetos que mantêm a radiatividade por dezenas de milhares de anos.

Essas sobras, mesmo que depositadas em contêineres subterrâneos isolados, em caso de guerras, de atentados ou de terremotos, podem espalhar doses de radiatividade elevadíssimas até a grandes distâncias, causando a morte das pessoas e da natureza. No caso de acidentes com os reatores, como ocorreu no terremoto do dia 11 de março no Japão, válvulas ou tubulações por onde escore o refrigerante também podem facilmente se romper, e a radiatividade que se espalha na terra, no ar e no mar pode ser elevadíssima.

Durante o funcionamento normal, um reator nuclear também emite radiatividade em pequenas doses, que, porém, podem provocar tumores leucêmicos em seres vivos que, morando nas proximidades, permanecem a ela expostos por longos períodos. Além disso, um número elevado de mineradores que extraem o urânio do subsolo morrem de câncer nos pulmões. É perigosíssima, enfim, a ligação entre energia nuclear civil e energia nuclear militar, levando à disseminação das bombas atômicas.

Por sorte, encontrei depois uma nova atividade que me entusiasmou no Escritório Europeu das Invenções [Patentes], em Munique, na Alemanha, uma atividade no campo das fontes energéticas solares, ou seja, das fontes renováveis. Agora, aposentado, continuo empenhando-me nesse setor na pequena ilha de Cuba, onde se encontra um forte interesse nesse campo, em particular nas escolas e universidades.

IHU On-Line - O mundo está cada vez mais insaciável e voraz por fontes energéticas perigosas como as energias fósseis (carvão, petróleo, gás) e energias nucleares. É suficiente substituir a matriz energética não renovável por fontes renováveis? Ou o problema é mais profundo?

“As fontes convencionais são fortemente poluidoras”

Enrico Turrini - É de fundamental importância passar das fontes energéticas convencionais fósseis e nucleares para as fontes renováveis, todas solares: solares diretas (fotovoltaica e térmica) e solares indiretas (vento, água, biomassa). Por quê? As fontes convencionais são fortemente poluidoras e, continuando nesse ritmo, está se destruindo a vida no Planeta. Além disso, estão concentradas em algumas regiões e caem com facilidade nas mãos dos poderosos, por exemplo, das multinacionais. São também exauríveis e terminarão no máximo em poucas centenas de anos.

As fontes solares, ao contrário, são totalmente limpas, distribuídas de forma diferenciada em todo o Planeta, superabundantes e inexauríveis, enquanto o Sol existir. Contudo, não podemos parar por aqui. É necessário utilizá-las de maneira correta, em harmonia com a Natureza e sem desperdício. É, também, fundamental não se deter no aspecto técnico, mas ter uma visão global do problema, tendo sempre presentes tanto os aspectos ambientais, quanto os aspectos sociais e políticos.

IHU On-Line - A crise energética pode também ser interpretada como uma crise ética? Por quê?

Enrico Turrini - Certamente. Jesus convida-nos de maneira clara a tomar o caminho do amor, do compartilhar a vida com os outros, longe de uma visão egoísta. Jesus nos propõe, portanto, escolhas de grande valor ético. As escolhas energéticas mais difundidas pelos grandes consumos e pela utilização das fontes fósseis e nucleares são fruto de uma visão desesperada de ter o poder nas próprias mãos, escravizando os povos e não pensando minimamente nos sofrimentos que são gerados hoje e

que levam gradualmente ao desaparecimento das futuras gerações. Trata-se, portanto, de uma escolha totalmente contrária a uma visão ética de grande valor como o que Jesus nos propõe.

IHU On-Line - Os acontecimentos da usina nuclear de Fukushima, no Japão, um país com uma avançada pesquisa tecnológica, revelam as fragilidades da ciência? Que lições ecológicas ou sociais podemos ter a partir desse acidente nuclear?

Enrico Turrini - O que aconteceu no Japão, com relação à usina nuclear de Fukushima, mostra-nos a periculosidade dos acidentes nucleares com consequências catastróficas. Veja-se também o que foi enfatizado com relação à energia nuclear na resposta à primeira pergunta. O que ocorreu deve, portanto, nos ajudar a abrir os olhos e a compreender que até as tecnologias mais avançadas não podem eliminar os perigos e que devemos fazer escolhas energéticas de acordo com o que o Sol nos ensina, distribuindo as suas energias de vida por toda a parte e com equidade.

A escolha nuclear, além de ser uma escolha de morte, coloca os povos em um estado de insegurança, de ansiedade e de medo pelo que poderá ocorrer.

IHU On-Line - O que o senhor pensa sobre a crise climática? Superamos o ponto de retorno? A humanidade está se dirigindo ao seu fim ou ainda temos alguma chance?

Enrico Turrini - A crise climática é, sem dúvida, muito grave e está em um estágio já avançado. Os enormes danos a todos os seres vivos e ao ambiente pela energia nuclear já foram expressos anteriormente. No que diz respeito ao uso das energias fósseis, o efeito estufa, devido à liberação de dióxido de carbono (CO₂), faz subir a temperatura média da atmosfera que circunda nosso Planeta, provocando desequilíbrios atmosféricos catastróficos como secas, furacões, aumento do nível dos oceanos por causa do descongelamento das

geleiras nos polos Norte e Sul. Além disso, são produzidos grandes buracos subterrâneos para extrair os fósseis das jazidas, buracos que causam reassentamentos da crosta terrestre e, conseqüentemente, disseminam-se os terremotos.

Continuando assim, é provável que, no final do século, já não haja mais vida sobre o Planeta, sem falar das guerras com o objetivo de se apropriar das energias fósseis - veja-se, por exemplo, a guerra no Iraque e tudo o que está ocorrendo agora na Líbia.

Porém, seria errado perder a esperança. O importante é, ao contrário, empenhar-se para difundir sinais de renascimento e de esperança, procurando, pouco a pouco, que se tome o caminho correto nos vários países do mundo. Ainda temos, portanto, uma possibilidade. Não nos deixemos abater, mas demos todo o nosso empenho para a construção de um mundo em direção à vida.

IHU On-Line - O senhor defende o Sol como a energia do futuro da humanidade. Qual é o “caminho em direção ao Sol”? Como utilizar a sua energia conscientemente?

Enrico Turrini - O Sol nos ensina a nos encaminhar a um futuro que permite o renascimento da Natureza e da humanidade. Ele nos oferece toda a sua energia com amor, porque a presenteia a todos, sem privilegiar ninguém e de forma diversificada. Ele nos convida a nos encaminhar pelo caminho do Sol utilizando a sua energia direta para produzir eletricidade com os sistemas fotovoltaicos e para produzir calor com os coletores solares e utilizando a sua energia indireta de vários tipos.

Existe o vento, produzido pelas diferenças de temperatura na atmosfera, sempre devidas à sua energia que pode ser utilizada para produzir eletricidade por meio dos geradores eólicos, para extrair água dos poços, para destilar água etc.

Existe a água, que se desloca e produz energia. Como? A água dos mares evapora com a energia do Sol, produzem-se as nuvens que se deslo-

“Continuando assim, é provável que, no final do século, já não haja mais vida sobre o Planeta”

cam com o vento e, depois, as chuvas que formam os rios, e, assim, a água retorna ao mar. A água, com seu movimento, pode acionar turbinas que produzem eletricidade; pode mover arietes hidráulicos que lhe permitem elevar-se em tubulações de dezenas de metros e chegar a regiões onde não se encontra água etc.

Há vários tipos de biomassa. Os resíduos orgânicos, como os restos fecais, podem ser utilizados em instalações de biogás, que é utilizado para cozinhar, para refrigerar, para acionar motores, e, além disso, obtém-se um fertilizante orgânico completamente natural para campos agrícolas. Outro tipo de biomassa são as plantas que se desenvolvem sempre com a energia do Sol e servem-nos como alimento. Mas há também biomassas não alimentícias que nos dão energia para produzir combustível. Um exemplo é a *Jatropha curcas* [conhecida como pinhão manso no Nordeste brasileiro], que produz sementes não comestíveis das quais se extrai um óleo que serve como combustível para cozinhar ou pode-se produzir combustíveis para os motores de automóveis. Além disso, essa planta revitaliza terras áridas e, assim, no seu entorno podem ser cultivadas hortaliças.

O importante é utilizar essas fontes energéticas solares, ou seja, fontes renováveis, de maneira correta, como o Sol nos ensina. O que significa isso? Deve-se utilizá-las perto de onde elas se encontram, isto é, de forma descentralizada e em harmonia com o ambiente natural, não fazendo grandes usinas que destroem a Natureza ao invés de protegê-la (essa não é a mentalidade solar).

Há também diferentes modos para armazenar as fontes renováveis e poder, assim, utilizá-las continuamente. Deve-se, além disso, desen-

vô-las com o empenho de todos e construir as várias usinas adaptando-as às condições climáticas e culturais do lugar. Não se deve usar a biomassa que nos fornece alimentos preciosos, como, por exemplo, o milho, para produzir combustível. Naturalmente, é de fundamental importância que as fontes renováveis de energia não caiam nas mãos das multinacionais, mas permaneçam nas mãos dos povos. Essa escolha da energia solar dá, assim, vida digna e saudável a todos os povos, dá total independência a todos os países, e ajuda a fazer desaparecer gradualmente os perigos de ataques armados.

IHU On-Line - O Brasil, um país com luz solar o ano inteiro, investe em grandes usinas hidrelétricas, na exploração do pré-sal, na revitalização do programa de energia nuclear, na expansão da produção de etanol. Como o senhor vê essas escolhas?

Enrico Turrini - Infelizmente, trata-se de escolhas principalmente erradas. Será gravíssimo se o Brasil tomar o caminho da construção de centrais nucleares. É claro, acima de tudo, que o Brasil recebe muitíssima energia direta do Sol que poderia ser utilizada para ter à disposição energia elétrica e água quente em todas as casas e edifícios públicos.

Há também regiões ventosas em que podem ser instalados geradores eólicos. As grandes centrais hidrelétricas, embora produzam energia limpa, pertencem a uma escolha errada porque prejudicam a Natureza e frequentemente exigem o deslocamento dos habitantes do lugar, por causa do grande espaço necessário para criar lagos artificiais.

A produção de biocombustível, utilizando, como explicado anteriormente, biomassa que fornece alimentos, é totalmente errada. A escolha válida é a de usar plantas como a *Jatropha curcas* (vejam-se as explicações anteriores). Também é errada a tendência de desenvolver monoculturas que degradam o ambiente natural. É preciso procurar,

no entanto, difundir a biodiversidade que permite que as plantas se ajudem reciprocamente.

IHU On-Line - O senhor diz que o Sol é também uma fonte de espiritualidade. Como ela se manifesta?

Enrico Turrini - Certamente, estou convencido de que o Sol é uma fonte de espiritualidade. De fato, o que ele nos oferece e o que ele nos ensina, isto é, o caminho do Sol, estão em plena concordância com o que Jesus nos propõe nos Evangelhos. É uma espiritualidade que se manifesta olhando para a Natureza que vive da energia do Sol. Todos os seres gozam dessa energia de formas diferentes e podem compartilhá-la. Uma planta se ajuda com a outra.

“A utilização das fontes fósseis e nucleares são uma escolha totalmente contrária a uma visão ética que Jesus nos propõe”

Tudo é cíclico. No outono, as folhas caem sobre a terra, e, morrendo, na realidade, se transformam em terra fértil que dá vida a outras plantas. Por conseguinte, até a morte se transforma em vida.

Todos os seres recebem de formas diferentes o dom dessa energia solar de vida, e essa realidade nos ajuda a compreender que, se soubermos abandonar o egoísmo e não procurarmos nos apropriar das coisas que nos circundam, mas, ao contrário, vivermos pensando nos outros, comprometendo-nos com verdadeiro amor, cada instante da vida torna-se maravilhoso, porque se compreende o valor de uma espiritualidade verdadeira, que não significa viver no abstrato, sonhando, mas significa sim ir além dos interesses materiais e, deste modo, sentir a energia que nos vem do Sol como uma força que nos permite caminhar de mãos dadas uns com os outros, e ajudar-nos com um amor que, a cada instante, torna-se mais forte, mais solar.

Imagética da Devoção

Prof. Dr. José Rogério Lopes - PPG Ciências Sociais/Unisinos

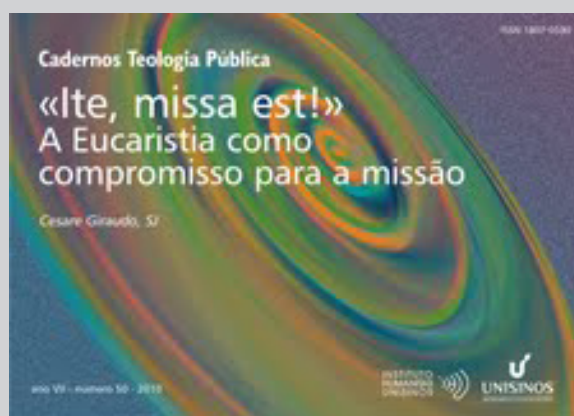
Horário: Das 17h30min às 19h

Data: 19/5/2011

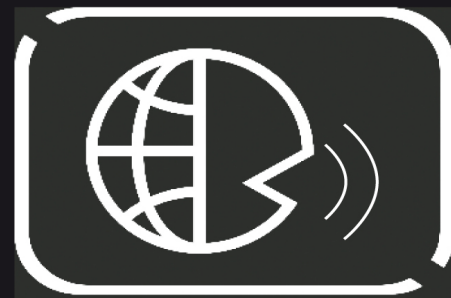
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Informações em www.ihu.unisinos.br

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



Plano Nacional de Banda Larga: complicações políticas frente a um reposicionamento do Estado

POR JOÃO MARTINS LADEIRA*
 LUCAS DE ABREU DIAS**

O Plano Nacional de Banda Larga - PNBL surpreende. Não apenas pela ousadia da empreitada e das expectativas sobre o projeto, mas principalmente pela hesitação sobre sua execução. Seu fim nada tem de vulgar: conectar em três anos 80% das cidades brasileiras, num investimento de mais de 5 bilhões de reais. As forças que o apoiam são também pouco triviais: trata-se da principal política de Estado para o segmento, defendida pelo próprio presidente - a atual e seu predecessor -, com intenso envolvimento do Ministério das Comunicações.

Praticamente tudo sobre o Plano encontra-se pendente ou foi reavaliado várias vezes. As razões do imbróglio despertam interesse. Dificuldades administrativas e impedimentos técnicos vêm à baila, embora o tema possua outra dimensão: de um lado, a amplitude das metas; de outro, a incapacidade de organizar os instrumentos necessários para realizá-las. São objetivos multifacetados: no Plano, desenvolvimento industrial e inclusão social devem operar simultaneamente. A primeira, como contrapeso aos oligopólios de telecomunicações;

a segunda, como iniciativa de desenvolvimento social, fundamentada no direito de acesso à rede.

Na balança política, o argumento tangencia a polêmica sobre concentração econômica, enquanto, frente ao público, toma força o direito à comunicação. A possibilidade de atender a ambas demanda uma relação específica entre Estado e mercado. Alguns setores do governo defendem uma postura ativa do Estado, como há tempos não se via. Aqui, a principal ação foi restabelecer uma estatal capaz de negociar redes desativadas de fibra ótica a fim de vender acesso a pequenos provedores. Outras iniciativas se encontram em marcha: ao mesmo tempo, defende-se a criação de um marco legal que trate o PNBL como parte das metas para universalização da telefonia, o PGMU III. O debate reside na obrigação das operadoras conectarem a espinha dorsal à última milha em cidades com mais de mil habitantes, com custos que recaem sobre as próprias corporações.

O primeiro tópico expõe a contradição mais clara. Nas regras estabelecidas após o esgotamento do próprio

* João Martins Ladeira é jornalista graduado pela UFF, com mestrado em comunicação na mesma universidade e tem doutorado em sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado no PPGCC da Unisinos, como membro pleno e pesquisador do Grupo Cepos. E-mail: <joaomartinsladeira@gmail.com>.

** Lucas de Abreu Dias é estudante de Comunicação Social, publicidade e propaganda na Unisinos e é bolsista e membro do Grupo Cepos. E-mail: <lucasdeabreudias@gmail.com>.

nacional-desenvolvimentismo, ressuscitar, através de decisão burocrática centralizada no executivo, a holding de um sistema estatal já privatizado parece coisa fora de lugar. Após o comunicado oficial ao mercado em fevereiro de 2010, tais contradições se espelharam em diversas dúvidas: em relação ao total de cidades atendidas; ao orçamento previsto para a Telebrás e ao relacionamento com as demais prestadoras de serviço, sem resposta visível.

O modelo de negócios parece o único consenso. Desde o início, afirmava-se que a Telebrás só venderia acesso ao usuário final frente à falta de oferta por empresas privadas. Desconte-se esta exceção, e têm-se questões que remontam à própria gênese do PNBL. No início do projeto, dizia-se que 300 cidades e 23 capitais seriam atendidas. Informações oficiais divulgadas em agosto de 2010 previam que o programa se estenderia apenas a 100 cidades e 16 capitais até a conclusão de sua primeira fase em dezembro. Os prazos seriam alterados em novembro, passando para abril de 2011. O próprio orçamento da Telebrás remete a outra questão difícil de resolver. De início, a previsão de recursos seria de 1 bilhão de reais. O valor efetivamente obtido em dezembro de 2010 seria significativamente inferior: cerca de 850 milhões.

O embate com as empresas de telecomunicações representa um capítulo à parte. Por pouco o assunto não ter-

**“São objetivos
multifacetados: no Plano,
desenvolvimento
industrial e inclusão
social devem operar
simultaneamente”**

mina em batalha judicial: em outubro de 2010, o SindiTeleBrasil, sindicato das operadoras de telecomunicações, tenta dar início a um processo judicial que poderia inviabilizar o plano. As críticas vinham em diversas frentes. Surge, como principal desacordo, a obrigação de aumentar o acesso à banda larga através de redes de telefonia fixa sujeitas às normas de universalização sem subsídios governamentais. Em seguida, aparece a dúvida sobre a legalidade da própria Telebrás: depois da mudança na ordem institucional pós-1998, ainda seria possível uma empresa exercer monopólio estatal em determinado segmento?

As ações seriam retiradas em dezembro de 2010, como parte de um acordo que adia o debate sobre as metas de universalização para maio de 2011. O próprio Lula ameaçaria assinar o documento com a inclusão de todas as obrigações caso o processo não fosse interrompido. A partir daí, recomeçam as negociações, na tenta-

tiva de tornar a proposta executável. Com as compras para a infraestrutura já realizadas, o Plano necessita de tais acertos para entrar em operação.

Desde então, torna-se importante ao Estado lidar com duas questões: negociar com as empresas de telecomunicações, impondo suas exigências para o PNBL; e desemperrar a burocracia estatal, que tem atrasado o início das atividades da Telebrás. Questões contratuais com a Petrobrás se tornaram uma questão delicada. Os contratos com a Eletrobrás correram mais facilmente: suas redes são da União, afinal. Porém, a Petrobrás possui capital misto: suas redes não são do governo; portanto, não se pode “favorecer” a Telebrás no contrato, colaborando com atrasos no PNBL.

Como se explicam tais complicações? Alguns afirmariam: trata-se de um problema legal, em choque com modelos de regulação já adotados. Outros identificariam, na ampliação dos poderes da burocracia estatal, o renascimento do corporativismo. O tema permite pensar a respeito das relações entre Estado e empresariado, frente à expectativa de recriar um espaço privilegiado para o primeiro, retomando uma centralidade perdida nas últimas décadas. Quaisquer que sejam os argumentos, permanece a expectativa sobre o fim desta - aparentemente - infindável maré de revezes e o começo da implantação prática do já quase mítico PNBL.



ESPECIALIZAÇÃO EM TELEVISÃO E CONVERGÊNCIA DIGITAL
TURMAS EM PORTO ALEGRE

Inscrições pelo site www.unisinos.br/especializacao/televisao_digital/
ou pela central de relacionamento da Unisinos Fone : 3590-8131

**AULAS EM CONJUNTO
COM A GLOBO
UNIVERSIDADE**

REALIZAÇÃO:
 **UNISINOS**

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 25-04-2011 a 30-04-2011.

Na carne e no osso. As histórias e a vida dos trabalhadores de frigoríficos

Entrevista especial com Caio Cavechini, jornalista e diretor
Confira nas Notícias do Dia 25-04-2011

Acesse no link <http://bit.ly/fBeokB>

Carne Osso é um documentário que retrata o ambiente de trabalho em frigoríficos das regiões Sul e Centro-Oeste. “No setor de frigoríficos há a questão do ambiente frio, trabalho repetitivo e com faca e que, ao longo dos anos, causam o adoecimento do trabalhador”, explica o diretor.

As abelhas sumiram!

Entrevista especial com Afonso Inácio Orth, agrônomo, especialista em abelhas

Confira nas Notícias do Dia 26-04-2011

Acesse no link <http://bit.ly/g3wOIV>

Primeiro, as abelhas começaram a desaparecer nos Estados Unidos, depois no Canadá e, então, no Brasil. “Nós, em Santa Catarina, tivemos um problema muito sério na primavera passada”, explica o pesquisador, que tem acompanhado os estudos que buscam respostas para o desaparecimento dos insetos desde que este problema foi detectado.

Sol, fonte renovável de energia, de vida, de espiritualidade
Entrevista especial com Enrico Turrini, engenheiro, doutor em eletrotécnica

Confira nas Notícias do Dia 27-04-2011

Acesse no link <http://bit.ly/fqkbib>

A energia nuclear é “uma escolha energética em direção à morte e não à vida”. Após trabalhar em uma usina nuclear da Europa, o engenheiro italiano se deu conta de que um reator jamais poderá oferecer garantias aos seres que vivem ao seu redor. Defende uma

valorização das fontes renováveis, “todas solares”.

Jovens pobres e o novo mundo do trabalho

Entrevista especial com André Langer, sociólogo, pesquisador do Cepat

Confira nas Notícias do Dia 28-04-2011

Acesse no link <http://bit.ly/jWyx0W>

“A ausência de uma perspectiva profissional, marcada mais pela ruptura do que pela continuidade, faz com que o trabalho fique desprovido de um sentido”, analisa Langer. As perspectivas e experiências dos jovens pobres em relação ao atual mundo do trabalho formam outro aspecto debatido.

Por um Brasil sem armas

Entrevista especial com Alice Ribeiro, coordenadora do controle de armas do Instituto Sou da Paz

Confira nas Notícias do Dia 29-04-2011

Acesse no link <http://bit.ly/jwe7OC>

O contexto latino-americano em relação ao rearmamento mundial e os debates que surgiram a partir da tragédia em Realengo são o tema desta entrevista. Para Alice, mais importante do que realizar um novo plebiscito agora, é cumprir o Estatuto do Desarmamento.

Um novo mundo do trabalho

Entrevista especial com Magda de Almeida Neves, socióloga, professora da PUC-Minas

Confira nas Notícias do Dia 30-04-2011

Acesse no link <http://bit.ly/jASpFY>

Um mundo novo do trabalho surge e agrega antigas gerações de trabalhadores e jovens com um perfil bastante diferente. No entanto, velhos problemas continuam neste novo cenário, somando-se a novos problemas que a situação atual traz. Maga analisa as novas configurações do trabalho, o papel desempenhados por mulheres e homens e como os jovens são inseridos nesse novo ambiente.

twitter.com/_ihu



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

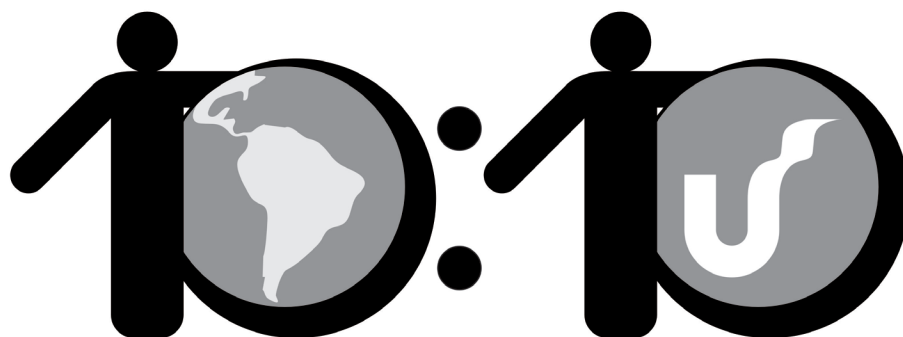
REDUZIR: uma atitude cada vez maior.

A **C**ampanha 10:10 Global surgiu em 2009 com a ideia de **reduzir** em 10% o **C**onsumo de carbono no mundo a partir de 2010.

Inspirada nessa ideia, a Unisinos implantou o projeto **10:10 Unisinos**, que iniciou no dia 10 de outubro de 2010 com o objetivo de reduzir em 10% a emissão de **carbono** na universidade.

CO₂

A **Agência Experimental de Comunicação** da Unisinos colaborou com essa campanha através da **criação do logotipo**.



Pra viver, tem que cuidar e fazer acontecer.

ABRACE ESSA CAUSA

Criada em julho de 2002, a Agexcom reúne em um único espaço professores, profissionais e estagiários dos cursos de Comunicação Social da Unisinos. A agência realiza trabalhos de criação e divulgação para diversos setores e cursos da universidade.

Além disso, é responsável pelo site de comunicação portal3.com.br, a revista Primeira Impressão e os jornais Enfoque e Babélia.

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 4-5-2011
Evento: Ciclo de Palestras: Renda básica de cidadania Tema: Renda Básica de Cidadania. Emancipação cidadã e autonomia Palestrante: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva - Universidade Estadual de Campinas - Unicamp Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros Horário: 20 às 22h
Dia 5-5-2011
Evento: Seminário Realidade e Desafios Socioeconômicos da Região do Vale do Rio dos Sinos Palestrante: Prof. Dr. Carlos Paiva - Fundação de Economia e Estatística (FEE) - Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros Horário: 14 às 17h
Evento: IHU ideias - Maio 2011 Tema: Mamãe não está em casa. Complexidades e nuances da maternidade contemporânea Palestrante: Prof. Dr. Alfredo Jerusalinsky - APPOA Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros Horário: 17h30min às 19h
Dia 7 e 8-5-2011
Evento: Retiro Universitário - Retiro de Páscoa 2011 Informações e inscrição: 30912267 ou oracao@unisinos.br Local: Comunidade Missionária do Cristo Ressuscitado, Avenida Unisinos, nº 705, São Leopoldo
Dia 9-5-2011
Evento: Ciclo de Filmes e Debates: Sociedade Sustentável no Cinema Tema: Exibição do filme A última hora (Leila Conners Petersen & Nadia Conners, EUA, 2007 - 91min) Debatedor: Prof. Dr. Uwe Horst Schulz (Unisinos), biólogo Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros Horário: 19h30min às 22h30min

21 de maio

Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011

Da alienação à conscientização para uma prática transformadora da realidade.

Assessoria: Prof. Dr. Pedrinho Guareschi - PUC/RS

www.ihu.unisinos.br

Alternativas econômicas: minorias proféticas em debate

POR MOISÉS SBARDELOTTO

No próximo dia 30 de maio, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU irá promover um debate sobre alternativas econômicas eticamente reguladas com a presença de Stefano Zamagni, professor de Economia, na Universidade de Bolonha (Itália), e professor adjunto de Economia Política Internacional da sede italiana da Johns Hopkins University.

A conferência *Economia de Comunhão e outras formas de Economia Social: Limites, Possibilidades e Perspectivas* irá ocorrer das 19h30 às 22h, no Auditório Central da Unisinos, com entrada gratuita. O evento também ocorre por ocasião do aniversário de 20 anos, em 2011, da chamada Economia de Comunhão - EdC, um modelo de economia que nasceu na cidade de São Paulo, sob o impulso da comunhão dos bens, em que o lucro é colocado em comunhão livremente, a partir da experiência do Movimento dos Focolares e da inspiração de sua fundadora, Chiara Lubich. Assim, além dessa experiência, serão abordadas outras formas econômicas que visam à justiça e à equidade social, naquilo que se chama de “economia civil” ou solidária.

Zamagni é justamente um dos propositores do conceito de Economia Civil, uma visão econômica eticamente regulada em vista da justiça e da equidade social, e que pode incorporar outros princípios, como as relações humanas, a reciprocidade e a felicidade. É uma visão que concebe espaços no mercado que sejam lugares civis e civilizatórios e até mesmo de felicidade pública. Busca-se, por meio dela, remeter o “mercado” a uma concepção centrada no princípio da reciprocidade e das virtudes civis.

Por outro lado, sendo desde 2007 presidente da Agência para as Organizações Não Lucrativas de Utilidade Social - Onlus, Zamagni também é um dos maiores especialistas em Economia Solidária. A Onlus é uma entidade do governo da Itália que tem a função de vigiar, controlar, promover e prestar consultoria ao governo e ao parlamento do país em matéria de associações sem fins lucrativos.

Nesse sentido, para Zamagni, a Economia de Comunhão e demais formas de economia social e solidária são “minorias proféticas”. Segundo ele, “para atingir determinados objetivos de civilização e de progresso moral, além do econômico, é sempre preciso que exista uma minoria, em sentido numérico, que faz o papel de catalisador e de indicador do objetivo final para o qual tender. Quando esta minoria profética satisfaz certas condições no seu próprio agir, a sua mensagem é recebida pelos outros e produz aquela transformação lenta mas gradual no tempo, que leva a um avanço da sociedade”. Demais exemplos históricos citados pelo autor são a escola de pensamento franciscana, do século XV e o movimento beneditino a partir do *ora et labora* de São Bento.

O desafio, portanto, dessas formas econômicas diante do cenário capitalista neoliberal é, segundo Zamagni, manter o equilíbrio entre as duas forças e tendências: “Por um lado, aquilo que em termos econômicos representa a eficiência, ou seja, a capacidade de estar dentro do mercado sem subvenções. Por outro, a fraternidade, ou seja, a tradução no agir econômico do princípio da reciprocidade”. Com esse equilíbrio, desponta-

se a minoria profética, que não cai nem no eficientismo, nem no fraternalismo.

Com um currículo extenso, Zamagni recentemente também ganhou destaque por ter sido um dos principais consultores e assessores do Papa Bento XVI na redação da encíclica *Caritas in Veritate*, publicada em 2009, acerca do “desenvolvimento humano integral”. Para o economista, o sentido profundo da encíclica foi justamente o de mostrar que “se o mercado continuar excluindo o princípio do dom, ele está destinado a implodir”.

Além de Bolonha, Zamagni já lecionou na Universidade de Parma e na Università Commerciale Luigi Bocconi, de Milão. Desde 1991, é consultor do conselho pontifício “Justiça e Paz” do Vaticano e, entre 1994-1995, foi membro do comitê de iniciação da Pontifícia Academia das Ciências Sociais. Desde 1999, é membro da New York Academy of Sciences, dos Estados Unidos. Em 2008, foi homenageado com o título de Cavaleiro-Comendador da Ordem de São Gregório Magno, uma das cinco ordens pontifícias da Igreja Católica, criada em 1 de setembro de 1831, pelo Papa Gregório XVI. Em 2010, recebeu o título de doutor “honoris causa” em economia da Universidade Francisco de Vitoria, de Madri (Espanha).

É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Microeconomia* (Ed. Il Mulino, 1997) e *Profilo di storia del pensiero economico* (Ed. Nuova Italia Scientifica, 2004). Seu livro *Economia Civil: Eficiência, Equidade e Felicidade* (Ed. Cidade Nova), publicado em português em 2010, de coautoria de Luigino Bruni, será lançado no dia de sua conferência na Unisinos.

Brasil tem condições de instituir programa de Renda Básica de cidadania

A instituição de um programa de Renda Básica de cidadania nos países pode ser um eficiente instrumento na luta pela redução das desigualdades sociais, aponta o sociólogo Josué Pereira da Silva. Para ele, os limites para a adesão do programa no Brasil são políticos e ideológicos

POR PATRICIA FACHIN

A Renda Básica de cidadania é um valor distribuído pelo poder público de forma igualitária a qualquer cidadão de um determinado país, independente da classe social. O objetivo do programa é possibilitar a todos os cidadãos o direito de usufruir as riquezas produzidas em uma determinada região.

Para o sociólogo Josué Pereira da Silva, a Renda Básica de Cidadania surgiu com uma finalidade fundamental: “garantir à população uma igualdade básica” para que ela consiga responder ao problema da desigualdade social, principalmente quando este é gerado em função do desemprego em massa.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor da Unicamp menciona que a Renda Básica também pode contribuir “para a construção e o aprofundamento da cidadania, principalmente por possibilitar as necessárias condições econômicas que facilitaria o exercício e usufruto dos outros direitos de cidadania, sobretudo pelas parcelas menos favorecidas da população”.

O sociólogo e professor da Unicamp estará no IHU na segunda-feira, 4-05-2011, participando do primeiro encontro do Ciclo de Palestras Renda Básica de Cidadania. No evento, ele falará como o programa pode contribuir para a emancipação e autonomia cidadã.

Josué Pereira da Silva é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo - USP, mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, e doutor em Sociologia pela New School For Social Research, nos EUA. De sua produção bibliográfica, destacamos *André Gorz. Trabalho e política* (São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002); *André Gorz e seus críticos* (São Paulo: Annablume, 2006); e *Por uma sociologia do século XX* (São Paulo: Annablume, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível pensar a construção da cidadania através de um programa de Renda Básica?

Josué Pereira da Silva - Tanto em sua acepção formal, como o pertencimento a uma determinada comunidade política, quanto em seu sentido mais substantivo, como um conjunto de direitos, a noção de cidadania é mais abrangente que a de Renda Básica. Por isso, uma resposta positiva pura e simples a esta pergunta seria equivocada porque, de fato, não é possível construir a cidadania somente através de uma Renda Básica. Mas, por outro lado, a Renda Básica tem muito a contribuir

para a construção e o aprofundamento da cidadania, principalmente por possibilitar as necessárias condições econômicas que facilitariam o exercício e o usufruto dos outros direitos de cidadania, sobretudo pelas parcelas menos favorecidas da população.

IHU On-Line - Em que medida o programa de Renda Básica pode amenizar as desigualdades sociais?

Josué Pereira da Silva - Um dos principais objetivos da Renda Básica, que, aliás, parece ser consensual entre seus principais proponentes, é garantir à população uma igualdade básica. Assim,

ela pode responder ao problema da desigualdade social, seja quando a desigualdade resulta de uma situação de desemprego em massa, como ocorreu com alguns países europeus a partir da década de 1980, seja em situação de extrema pobreza material como ocorre em países como o Brasil. Em ambas as situações, ao garantir condições econômicas básicas independentes de participação no mercado de trabalho, a Renda Básica pode ser considerada um eficiente instrumento na luta pela redução das desigualdades sociais.

IHU On-Line - Pode o programa Ren-

da Básica de Cidadania se tornar um instrumento para garantir a segurança social?

Josué Pereira da Silva - O sistema de seguridade social envolve outras dimensões que vão muito além da Renda Básica. Por isso, entendo esta última como um direito econômico básico, incondicional; como uma forma de todo cidadão ou toda cidadã participar da riqueza socialmente produzida. Mas de forma alguma a Renda Básica deve ser pensada como substituto da seguridade social ou de qualquer outro direito de cidadania, a exemplo dos direitos sociais relacionados com educação e saúde, que devem ser públicos e de boa qualidade.

IHU On-Line - A instituição da Renda Básica produziria alguma alteração nas questões trabalhistas e na relação dos trabalhadores com o trabalho?

Josué Pereira da Silva - A despeito do temor daqueles que são contra a Renda Básica, incluindo aí tanto representantes patronais quanto de sindicatos de trabalhadores, creio que a instituição da Renda Básica pode ter algum efeito positivo seja para as questões trabalhistas, seja para a relação dos trabalhadores com o trabalho. No primeiro caso, ao garantir um recurso econômico básico para o trabalhador, a Renda Básica lhe daria mais poder para negociar condições de trabalho e salário, tornando-o mais exigente; sem a pressão da fome, não precisaria aceitar sem discussão as condições impostas pelo empregador. Mas há também quem acredite que o efeito da Renda Básica seria o oposto porque, ao dispor de uma renda, o trabalhador poderia aceitar empregos mal remunerados somente para completar a renda recebida do Estado. Ainda que um ou outro caso desse tipo viesse a acontecer, não dá para negar que a Renda Básica permitiria ao trabalhador mais liberdade de escolha, mais autonomia para tomar decisões. É essa autonomia que parece assustar os conservadores, sejam eles patronais ou sindicalistas. O mesmo raciocínio vale para a relação do trabalhador com o trabalho. Mesmo considerando como trabalho apenas o emprego assalariado, não

“A instituição da Renda Básica pode ter algum efeito positivo seja para as questões trabalhistas, seja para a relação dos trabalhadores com o trabalho”

dá para concluir que a Renda Básica contribui para reduzir o interesse das pessoas pelo trabalho. Mas, por outro lado, ela pode certamente contribuir muito para incentivar outras atividades socialmente úteis que têm pouco ou nenhum valor de mercado.

A Renda Básica contribui para reduzir a dependência do trabalhador em relação ao mercado de trabalho; com isto, ela afeta também o estatuto de mercadoria da força de trabalho, desmercadorizando-a pelo menos parcialmente.

IHU On-Line - Como o senhor avalia outros programas de distribuição de renda mínima que levam em conta, por exemplo, a ascensão social por meio do trabalho?

Josué Pereira da Silva - Além da Renda Básica, há dois outros tipos de programa que fazem transferência direta de renda para a população: o *stakeholder* ou capital básico e os demais programas que, *grosso modo*, configuram-se pelas seguintes principais características: ter como alvo setores específicos da população, que são atendidos durante um tempo determinado, além de exigir dela alguma contrapartida ou condicionalidade. O sucesso ou não do capital básico depende muito do uso que dele fizer a pessoa que, em certo momento da vida - por exemplo, no início da idade adulta -, receber uma dotação de recursos. Assim como pode ser o ponto de partida para novas fortunas, a dotação também pode ser consumida em pouco tempo, deixando o recebedor na mesma situação em que se encontrava antes. Por isso, pode até mesmo se tornar um indutor

de novas desigualdades. Nesse quesito pelo menos a Renda Básica, por ser perene, parece mais vantajosa. Os outros programas, por suas condicionalidades e demais restrições, têm em geral alcance limitado, servindo quando muito para minorar situações de penúria, mas não para alavancar ascensão social; a menos que eles sejam encarados como formas transitórias para se chegar a programas universais e incondicionais como a Renda Básica. De toda forma, se eles favorecerem a ascensão social dos que estão na base da pirâmide social, permitindo-lhes melhorar as condições de vida, devem ser apoiados.

IHU On-Line - Por que o trabalho não deve ser a única forma de garantir a emancipação social dos indivíduos? Quais suas críticas e ponderações em relação a isso?

Josué Pereira da Silva - Emancipação social significa libertar-se de formas sociais de opressão, dominação ou exploração; e isto vale tanto para determinada pessoa individualmente quanto para toda uma sociedade. Alguns exemplos podem ilustrar as asserções acima. O trabalho assalariado contribuiu para emancipar o servo dos laços feudais; o mesmo trabalho foi também um meio pelo qual mulheres conseguiram se emancipar da dominação masculina e patriarcal. Nos dois casos mencionados, o mercado (de trabalho) foi o caminho para a emancipação - da mulher e do servo - de uma situação de opressão ou dominação. Mas emancipar o trabalhador da condição de assalariado foi o principal objetivo das teorias socialistas desde o século XIX por acreditarem que o assalariamento era uma forma de opressão e exploração do trabalhador pelo capitalista. Embora aqueles mesmos socialistas considerassem que o trabalho, num sentido amplo, tinha um sentido de autorrealização para os seres humanos, emancipar o trabalhador significava abolir o trabalho assalariado, pois este limitava ou mesmo impedia a possibilidade de autorrealização. Hoje em dia, porém, sobretudo no debate sobre transferência de renda, falar em emancipação pelo trabalho significa conseguir ingressar ou reingressar no

“De forma alguma a Renda Básica deve ser pensada como substituto da seguridade social ou de qualquer outro direito de cidadania, a exemplo dos direitos sociais relacionados com educação e saúde”

mercado de trabalho por meio de um emprego assalariado.

IHU On-Line - O Brasil tem condições de adotar um programa de Renda Básica hoje? Quais os limites e desafios nesse sentido?

Josué Pereira da Silva - Creio que sim, desde que se encontre um patamar adequado para se iniciar a adoção de tal programa, mesmo porque, como pensam alguns, o programa Bolsa Família pode até ser um ponto de partida para se implantar, aqui no Brasil, um programa de Renda Básica. Os limites são, a meu ver, basicamente políticos e ideológicos e os principais desafios consistem em remover, pelo convencimento, as resistências nesses dois campos. Isso poderia ajudar a criar as condições para fazer emergir a necessária vontade política de que o país precisa para adotar um programa desse tipo.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Josué Pereira da Silva à IHU On-Line.

- Renda básica fortalece a autonomia. Entrevista publicada na edição 333 da Revista IHU On-Line, de 14-06-2010, disponível em <http://bit.ly/jihUWE>
- Uma nova luz sobre o pensamento da esquerda. Entrevista publicada na edição 238 Revista IHU On-Line, de 01-10-2007, disponível em <http://bit.ly/jvevm3>

>> Confira a edição 333 da Revista IHU On-Line, de 14-06-2010, intitulada Renda Básica de Cidadania, universal e incondicional. Um direito, disponível em <http://bit.ly/lcxLBj>

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS
NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU Repórter

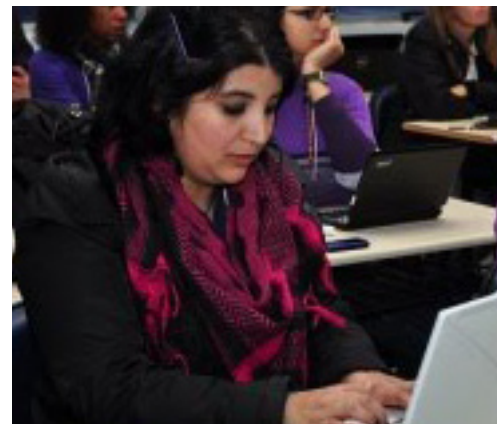
Adriana Amaral

POR PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Alfabetizada aos dois anos e meio de idade pelos irmãos mais velhos e pelos pais, Adriana Amaral cresceu em um ambiente familiar em que a cultura era intensamente apreciada. Cercada por livros, quadrinhos, música, teatro e tecnologia, ela desenvolveu o gosto pela literatura de ficção, pelo entretenimento e pela comunicação. Leitora da Folha da Tarde, aos sete anos, ensaiou os primeiros passos da profissão que seguiria mais tarde, desenhando o jornal da família. Desde então, nunca mais cogitou desempenhar outro ofício, mas o gosto pela pesquisa foi mais forte e a docência e a pesquisa tomaram seu cotidiano.

Formada em Jornalismo pela PUCRS, Adriana Amaral atualmente é professora nos cursos de Jornalismo e Comunicação Digital da Unisinos, além de ser pesquisadora do PPG em Comunicação. Na internet, é possível ler seus textos no blog www.adrianaamaral.com e acompanhá-la no Twitter @adriamaral.

Na entrevista a seguir, ela conta como a influência familiar se relacionou com as escolhas profissionais. Confira.



Origens - Nasci em Porto Alegre, no ano de 1975. Sou a única mulher entre cinco irmãos e recebi muita influência deles porque eu era pequena quando eles eram adolescentes. Tenho uma diferença, com meu irmão mais novo, de 14 anos. Em função disso e, por ser a única menina, sempre recebi bastante atenção da família. Meu pai trabalhava com seguros e minha mãe era dona de casa. Ao mesmo tempo em que ia à escola, frequentava a faculdade com meu irmão. Eu li autores que estudavam a Escola de Frankfurt quando tinha 14 anos e isso me transformava em um alienígena dentro do colégio; não sabiam como lidar comigo.

Um dos meus irmãos tocava na Ospa, outros dois gostavam de tecnologia e, em 1988, compraram o primeiro computador Apple e eu acabei gostado destas áreas também. Minha casa era frequentada por atores de teatro, pessoas do movimento punk e isso, de certa forma, me educou, mas também causou “problemas” até a adolescência.

Jornalismo - Aprendi a ler com dois anos e meio. Meus irmãos me ensinaram a ler jornal e minha primeira percepção do mundo foi por meio da Folha da Tarde. Entrei no colégio alfabetizada. Com sete

anos desenhei um jornal com as notícias da minha casa e entreguei para minha mãe, dizendo que estudaria Jornalismo.

Faculdade - Cursei Jornalismo na PUCRS. Durante o curso de Jornalismo, fui bolsista de iniciação científica e me interessei pela pesquisa. Depois de formada, trabalhei um ano e parei para fazer o mestrado e, em seguida, o doutorado, acrescido de estágio sanduíche nos EUA. Essa foi uma experiência de vida interessante. Terminei a graduação em Jornalismo aos 22 anos e conclui o doutorado aos 29 anos.

Como jornalista, trabalhei na RBS, na Casa de Cinema de Porto Alegre, com algumas revistas de São Paulo como Rock Brigade, Querida e Simples, sempre na área da cultura e do comportamento. Depois, acabei me dedicando à pesquisa. Penso que o importante é a pessoa pesquisar aquilo que gosta e não ver isso como algo enfadonho.

Experiência no exterior - Fiquei sete meses na Nova Inglaterra, em Boston. Foi uma experiência interessante porque o sistema universitário é bastante diferente, pois os alunos têm uma imersão total na universidade. Não tive tantas aulas porque o estágio de

doutorado é mais focado na pesquisa. De qualquer modo, assisti algumas aulas como ouvinte e participei de reuniões de grupos de pesquisas. Foi uma experiência rica para visitar museus e outras bibliotecas, além de estar no local aonde tudo que eu estudava havia acontecido. Minha tese foi sobre ficção científica cyberpunk e em Cambridge, no MIT está localizada a maior biblioteca de ficção científica do mundo. Ter ido lá acrescentou muito à minha pesquisa.

Casamento - Sou casada há seis anos e moro com meu marido em Porto Alegre. Gostamos muito de ir a shows, cinema e teatro. Somos bastante ligados à música porque meu marido trabalha com produção musical e meu irmão Mauro e meu sobrinho são músicos. Meu outro irmão, Rogério, que atuava como músico profissional na OSPA, faleceu em 2008.

Trajetória profissional - Em 2005, defendi o doutorado e fui selecionada para trabalhar no PPG e na graduação da Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, onde morei durante cinco anos. Mas, em função de a minha família morar no Sul, fiquei com vontade de voltar e, em 2009, essa

vontade ficou ainda mais forte quando meu pai faleceu. Em 2010, quando abriu edital para a Unisinos, prestei seleção e, em agosto, retornei para o Rio Grande do Sul. Eu já conhecia a universidade, as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas e tinha um bom convívio por conhecer os colegas de congressos e por ter participado de bancas aqui.

Pesquisa - Hoje, minha pesquisa é sobre o consumo de música na internet e como se dão as organizações, mobilizações e curadoria dos fãs/consumidores através de plataformas digitais. É uma temática emergente e desde 2010 sou bolsista de Produtividade do CNPq por conta do projeto vinculado a essa temática. Acredito que a web seja um campo muito profícuo e em fluxo para pesquisar o consumo e as novas práticas culturais da sociedade.

Primeiro encontro de Jornalismo Digital - Essa era uma demanda que estava um tanto reprimida. Em conversas com o coordenador do curso de Jornalismo, Edelberto Behs, surgiu a ideia de realizar um encontro informal para discutir esse tema da comunicação digital, já que esse movimento já acontecia em encontros não-oficiais com colegas de outras instituições e mesmo do mercado. O evento foi crescendo e estamos preparando a segunda edição para o mês de agosto. Fizemos uma integração entre o pessoal da pesquisa e das empresas, para que os alunos possam entender que a academia e o mercado não estão desvinculados. No Brasil, essa visão ainda não é habitual. No exterior, as pessoas cursam doutorado e podem trabalhar como pesquisadores em empresas e não necessariamente em uma universidade. Essa sintonia precisa ser mais exposta, evitando pré-conceitos tanto em relação à Academia quanto em relação ao Mercado.

Futuro do jornalismo - Cada vez mais a figura do jornalista ou de quem trabalha com comunicação está mudando. A própria formação

vai exigir esse diferencial. Quando eu entrei na faculdade, ainda não existia a disciplina de jornalismo online disponível na graduação, mas essa questão já estava sendo pensada na pós-graduação. Como eu era bolsista de iniciação científica, tive acesso a livros e artigos e isso acabou fazendo com que eu seguisse pesquisado a área de tecnologias da comunicação, além é claro do meu gosto pessoal como usuária. Tive blog desde 2001/2002.

Trajetória na Unisinos - Sou professora nos cursos de Jornalismo e Comunicação Digital e no PPG desde agosto de 2010. Gosto bastante da graduação e vejo que a experiência extracurricular vem se estreitando bastante em função das redes sociais. Elas funcionam como um canal para falar com os alunos e se pensar outras atividades. Hoje em dia, essas práticas se alternam e estimulam as pessoas a buscarem mais informações e trocas. Também procuro enfatizar a relação graduação-PPG apresentando a pesquisa para os alunos.

Religião - Fui batizada na Igreja Católica, e respeito os diferentes movimentos religiosos. Já fui como “observadora” e curiosa em diversas religiões, mas desde muito cedo me identifiquei com o agnosticismo e o ateísmo. Gosto de ler sobre movimentos religiosos pelas questões histórica, filosófica e política.

Música - Gosto de rock. Tive até banda quando era adolescente, mas não durou muito. Fiz aula de canto e sou irmã de músico erudito. Sempre gostei de sons mais pesados, até mesmo na música erudita (como Mozart, Wagner e Bartok). Depois de um tempo, incluí também no meu cardápio a música eletrônica alternativa (como o industrial, o EBM e outras vertentes).

Lazer - Gosto de literatura de ficção científica, fantasia e terror, entre outros gêneros. Gosto de sair, ir a exposições, shows. Sempre que possível, viajo para ir a shows em São Paulo, Buenos Aires. Tento caminhar

e já fiz aulas de artes marciais, mas nem sempre os horários permitem. No ano passado, pratiquei muaythai. Não continuei porque o horário deste semestre não fechou com o meu. Assistimos a lutas na TV (eu e meu marido) e gosto de jogar videogame. Também costumo sair para tomar café com minhas amigas. Gosto de assistir seriados; sou maníaca por informação. Por isso fui trabalhar com pesquisa, entretenimento. Meu pai sempre leu muito quadrinhos e isso me levou para outras leituras. Ele tinha uma coleção imensa de gibis e, quando faleceu, doamos alguns exemplares para o Museu de Comunicação. Sempre fui ligada nessas questões da cultura pop e gosto de enfatizar isso porque geralmente o tema é não é muito tratado pela Academia, embora isso venha mudando progressivamente.

Unisinos - A universidade está com os pés no presente, no contemporâneo e visa bastante o futuro. A Unisinos vive um momento interessante tanto para a pesquisa quanto para os alunos. A questão da tecnologia está cada vez mais presente e a universidade tem um diferencial em relação a outras instituições porque ela tem a filosofia de agregar as pessoas, fazer com que as informações circulem através dos veículos de comunicação como o JU e o IHU. Os editais da FINEP, entre outros, provam a qualidade do trabalho que está sendo desenvolvido. Penso que a universidade também está passando por um processo de renovação de refletir e pensar as práticas. Minha chegada se deu nesse contexto em que estão ocorrendo mudanças e estou muito feliz com o trabalho aqui, principalmente pela proximidade com as pessoas.

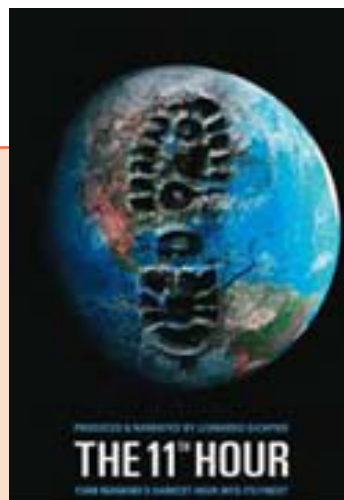
IHU - O trabalho do IHU é importante e às vezes utilizo em aula algumas entrevistas e matérias. Sigo o IHU via Twitter e Facebook e, quando possível, posto algo no meu blog. Antes de ser professora na Unisinos, eu já lia os conteúdos do IHU em função da preocupação que o instituto tem com a democratização do acesso à informação.

Destaques

A última hora

Dentro da programação do **Ciclo de Filmes e Debates: Sociedade Sustentável no Cinema**, será exibido, nesta segunda-feira, 9-05-2011, o documentário **A última hora** (Leila Conners Petersen & Nadia Conners, EUA, 2007 - 91min). O filme mostra quais são as causas das enchentes, furacões e tragédias climáticas que têm atingido cidades em todo o mundo.

As diretoras Leila Conners Petersen e Nadia Conners também entrevistaram cientistas que ajudam a esclarecer os problemas ambientais e apontam alternativas para reverter a atual situação. **A última hora** será exibido na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU às 19h30min e terá a participação do professor Dr. **Uwe Horst Schulz**, da Unisinos.



Economia de Comunhão

Neste ano, completam-se 20 anos da chamada Economia de Comunhão - EdC, um modelo econômico que nasceu em São Paulo. Na perspectiva de propor o debate sobre a EdC e pensar modelos econômicos alternativos e regulados, o IHU promove o evento **Economia de Comunhão e outras formas de Economia Social: Limites, Possibilidades e Perspectivas**. Das 15h às 17h00mn, do dia 30-05-2011, o professor Dr. **Stefano Zamagni**, da Università di Bologna - Itália, ministrará a oficina **Um debate sobre a Economia do Bem Comum hoje**, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Mais tarde, às 19h30min, ele profere a conferência **Economia de Comunhão e outras formas de Economia Social: Limites, Possibilidades e Perspectivas**, no Auditório Central, na Unisinos.

Vale dos Sinos

Na próxima quinta-feira, 05-05-2011, o Prof. Dr. **Carlos Paiva**, da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), estará no IHU participando do seminário **Realidade e desafios socioeconômicos da Região do Vale do Rio dos Sinos**, atividade do programa Observasinos. Paiva participa do debate sobre a realidade e políticas públicas desenvolvidas na região do Vale do Rio dos Sinos. O evento é aberto a todos os moradores da região e acontece na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, das 14h às 17h.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:

